

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



## **DESEJOS NO FEMININO**

TRABALHO DE PROJECTO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES PERFORMATIVAS

---

**Mariana Saraiva dos Santos Venes**

Lisboa, 10 novembro de 2021

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

## **DESEJOS NO FEMININO**

**Mariana Saraiva dos Santos Venes**

Trabalho de Projecto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em artes performativas, realizada sob a orientação científica de Professora Doutora Graça Corrêa.

Lisboa, 10 novembro de 2021

## **Agradecimentos**

Quero agradecer ao Sérgio, o meu amor, que me acompanha sempre e me dá todo o carinho para poder continuar.

Agradeço à Raquel André pela disponibilidade, dedicação e orientação em todo o projeto.

Agradeço à Ana Ferreira, minha colega de mestrado, pelo apoio técnico nas gravações audio e vídeo deste projeto.

## **Resumo e Palavras-chave**

Este projecto teve como objectivo criar uma performance, de teor documental, autobiográfico e em formato de performance-conferência, que enuncie desejos no feminino e neles se inspire para explorar emoções e ativações performativas, com o propósito de gerar uma narrativa de mim e que ecoe colectivamente, escolhendo os desejos (agênciamentos) a apresentar de acordo com a minha biografia pessoal e artística.

Espero que este projeto possa contribuir de forma útil para um debate académico sobre o cruzamento entre desejos e feminismo e como estes temas podem ser explorados performativamente

Palavras-chave: desejo, desejo sexual feminino, prazer, mulher, feminismo, sexismo estrutural.

# Índice

## Contents

I.	Introdução .....	1
	Porquê o tema Desejos no Feminino? .....	1
	Objectivo Geral do Projecto .....	2
	Factos sobre o universo feminino: .....	2
	Objectivos Específicos .....	2
II.	Investigação Teórica/ Glossário de Conceitos.....	3
	Desejo (verbo).....	3
	Mulher(es) (nome   sin. feminina, feminino, fêmea, femenil, mulher trans).....	4
	sujeito vs. objecto .....	7
	Desejo sexual feminino .....	7
	Feminismo (nome).....	8
	Sexismo estrutural (nome) .....	9
	Patriarcado (nome).....	9
	Capitalismo (nome).....	10
	Amor (acção   sin. plenitude).....	10
	Privilégio (nome   derivações: privilégio branco, privilégio heterossexual).....	11
	LGBTQIA+ (nome plural).....	12
	Identidade Não-Binária (nome) .....	12
	Cisgénero (nome   sin. Cis).....	13
III.	Metodologia.....	13
IV.	ANEXOS .....	1
	Anexo I - Entrevistas.....	1
	<i>Miss W.</i> .....	1
	<i>Miss P.</i> .....	11
	<i>Miss S.</i> .....	22
	<i>Miss MM.</i> .....	34
	<i>Miss PB.</i> .....	39
	<i>Miss MT.</i> .....	45
	<i>Miss MG.</i> .....	58
	<i>Miss R.</i> .....	67
	<i>Miss MA.</i> .....	80
	<i>MISS ad.</i> .....	87
	Anexo II – Guião cénico.....	88
	Anexo III - Apresentação PPT .....	106
	Anexo IV – Fotografias “ser mãe” .....	107

# **I. Introdução**

## **Porquê o tema Desejos no Feminino?**

O universo feminino é vasto e complexo, no entanto está comumente associado ao “tornar-se mulher” (Beauvoir, 2009). Este projecto aborda a dimensão dos desejos no feminino à luz do conceito de mulher e como esta se agênciia na concretização dos seus próprios desejos.

Tem como ponto de partida a constatação de que, desde sempre, as mulheres tiveram que lutar pelos seus direitos, em diferentes dimensões e facetas da vida. O direito ao seu corpo, o direito a ser livre e a exprimir-se livremente, o acesso a condições de vida e trabalho dignas, a capacidade de se auto-afirmar. Estamos em pleno século XXI e estes direitos não são um dado adquirido para as mulheres, embora o sejam para os homens. Todas as mulheres, nos seus diferentes corpos, nas suas diferentes formas de estar e viver a feminilidade, tiveram e têm que lutar para viver e expressar o seu desejo de forma plena, apropriar-se do seu poder pessoal e colectivo, fazer ouvir a sua voz única e inimitável, sem qualquer tentativa de domínio externo. Este desafio chega-nos aos dias de hoje, apesar das muitas lutas travadas e conquistas da comunidade feminina ao longo dos séculos. Dissimulada ou explicitamente a mulher ainda é reconhecida como inferior, como objeto sexual e intelectual, como propriedade de alguém que não ela própria, como ser dependente de outro, inclusive no que toca aos seus desejos. O chocante número de femicídios, os constantes atos de sexismo, a perpetuação do papel da mulher vs. o papel do homem na sociedade, a sub-valorização da mulher enquanto agente importante na esfera pública; comprovam que nada está resolvido. De que adiantam todas as conquistas constitucionais, leis e condutas em seu favor, se a mulher continua a ser idealizada exatamente da mesma maneira? Aceitar esta desigualdade e senti-la na pele permite-me compreender as múltiplas possibilidades de reinvenção do que significa hoje ser mulher (hooks, 2018). É imaginar um futuro em que não existe apenas um “sujeito” – o masculino –; inventar uma linguagem que traduza melhor o sentido de ser mulher; recuperar o feminino (Irigaray, 2017).

E para a mulher ainda é estranho falar legitimamente sobre o seu desejo, vivê-lo de forma plena e absoluta e sem nenhum tipo de justificação ou eufemismo. Talvez por ter tido os seus desejos e a sua sexualidade tão reprimidos e submissos, num modelo social que se perpetua.

Porque a valorização e, por vezes, a descoberta do desejo feminino chegam tarde. Recordemos que a anatomia completa do clitóris foi descrita apenas em 1998.

E porque a palavra desejo pode ser sinónimo de autonomia, emancipação e liberdade é tão importante falar sobre ele, sem preconceitos e rodeios.

### **Factos sobre o universo feminino:**

- Em 2020 foram assassinadas 30 mulheres.
- Nos últimos cinco anos foram instaurados cerca de 4000 processos no âmbito do crime de importunação sexual e propostas de teor sexual.
- Em 2019, as mulheres eram 76% das vítimas em crimes de violência doméstica e os homens 82% dos agressores.
- Em 2021 o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos apresenta a seguinte designação: *Cour Européenne des Droits de L'homme*. Em português pode-se ler: Convenção para a Proteção dos Direitos do Homem e das Liberdades Fundamentais.
- Em 1998 Helen O'Connell fez a dissecação completa do clitóris em Melbourne, Austrália.
- Em Portugal, a interrupção voluntária da gravidez foi legalizada somente em 2007.

### **Objectivo Geral do Projecto**

Quero criar uma performance, de teor documental, autobiográfico e em formato de performance-conferência, que enuncie desejos no feminino e neles se inspire para explorar emoções e ativações performativas, com o propósito de gerar uma narrativa de mim e que ecoe colectivamente, escolhendo os desejos (agenciamentos) a apresentar de acordo com a minha biografia pessoal e artística.

### **Objectivos Específicos**

Quero questionar-me, os meus desejos e os meus limites, através deste projecto;

O meu desejo é de viver uma experiência de transformação;

Quero gerar um debate aberto sobre os desejos de mulheres a viver na Europa: o que molda estes desejos?;

Quero acolher as diferenças e as realidades individuais de cada mulher, porque somos diversas e não-padronizadas;

Gostaria também de expressar o que nos pode unir, enquanto força coletiva;

Quero partilhar este processo com as 18 mulheres entrevistadas e com o público, em formato de performance;

Quero contribuir para eliminar o estereótipo da mulher ideal;

Quero quebrar tabus sobre o desejo feminino.

## II. Investigação Teórica/ Glossário de Conceitos

### Desejo (verbo)

Do latim *desiderare*, é possível que o seu significado original seja “esperar pelo que as estrelas trarão”, uma vez que deriva de “*de sidere*”, “a partir dos astros”.

De acordo com Deleuze (1989, 1995, 2004) somos máquinas desejantes e nunca desejamos algo sozinhos, desejamos bem mais. Mas também não desejamos um conjunto, desejamos em um conjunto. Por outras palavras, todo o desejo se forma em agenciamentos, ou seja, em uma multiplicidade de singularidades materiais. Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto. Deleuze (1989) diz-nos: “procurem agenciamentos que lhes convenham”.

Um agenciamento comporta quatro dimensões: estados de coisas, enunciados (estilos de enunciação), territórios e movimentos de desterritorialização. No âmbito deste projeto, interessei-me particularmente pelos conceitos de território e desterritorialização.

Um território constitui um “pequeno mundo”, exige a definição de um contexto próprio, delimitado; e como é o caso do território animal, essa demarcação é feita por odores que os animais carregam e difundem, marcando o seu espaço individual. Podemos também falar de territórios subjetivos ou psicológicos, que consistem no ambiente de uma única pessoa (o ambiente social dela, o seu espaço de vida pessoal, os hábitos dela) e que pode ser visto como um território psicológico a partir do qual a pessoa age ou para o qual esta se volta. “*O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual uma pessoa se sente “em casa”. O território é sinónimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos*” (Guattari e Rolnik, 1986:323). Existem dois tipos de agenciamento para criar um território e a partir dos quais podemos territorializar o que quisermos: 1) agenciamentos colectivos de enunciação, designados por expressão; 2) agenciamentos maquínicos de corpos (ou de desejo), designados por conteúdo. Este dois agenciamentos são independentes mas intervêm um no outro de forma a criar um território – as expressões intervêm nos conteúdos não para representá-los, mas para antecipá-los, retrocedê-los, retardá-los ou precipitá-los, destacá-los ou reuni-los, recortá-los de um outro modo (Haesbaert, Bruce, 2009).

Os agenciamentos colectivos de enunciação remetem a um regime de signos compartilhados, à linguagem, a um estado de palavras e símbolos. Os agenciamentos maquínicos não remetem

a uma produção de bens, mas a um estado preciso de mistura de corpos, compreendendo todas as atrações, repulsões, as simpatias e as antipatias, as alterações, as alianças, as penetrações e expansões que afetam os corpos de todos os tipos, uns em relação aos outros (Haesbaert, Bruce, 2009).

Como dimensão de um agenciamento e que se encontra na base da construção do desejo, a noção de território interessa-me pela sua fluidez e pelo diálogo permanente entre a expressão e a máquina de conteúdo. O corpo e a mente são convocados a interagir, a engajar-se na enunciação e apropriação de um espaço que não é, a princípio, o seu. Enquanto performer criei um conjunto de projetos, um programa performativo, para expressar e explorar desejos femininos, que levou a um conjunto de ações e comportamentos, nos quais investi tempo e pensamento, de forma a criar um espaço estético, que por si só, é um território. Pelo facto de não serem estanques, pude trabalhar estes territórios (desejos), enunciando-os e moldando-os à minha vontade. O conceito de território permite-me também manter estes projetos em transformação, não havendo necessidade de os completar ou terminar. Tal como Haesbaert e Bruce (2009) referem relativamente aos desejos maquínicos e aos diferentes estados que estes despertam, eu senti maior atração por alguns desejos e uma grande distância relativamente a outros.

Os estados que os desejos enunciados pelas entrevistadas despertaram em mim levam-me à segunda dimensão de um agenciamento e que me importa explorar - movimentos de desterritorialização. De forma simples, a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, é a “operação de linha de fuga”. Ao desterritorializar-se, o território pode abrir-se, accionar linhas de fuga, sair do seu percurso e até destruir-se (Natálio, 2013). De acordo com Deleuze e Guatarri, se há um movimento de desterritorialização, temos também um movimento de reterritorialização, isto é, para se criar algo novo é necessário romper com o território existente, criando outro. E da mesma maneira que os agenciamentos funcionam como elementos constitutivos do território, eles vão operar na desterritorialização. São assim necessários novos agenciamentos, novos encontros.

### **Mulher(es) (nome | sin. feminina, feminino, fêmea, femenil, mulher trans)**

*“(...) E o problema da mulher, no meio disto, não é o de perder ou ganhar, é o da sua identidade. Que nesta sociedade, muitas coisas lhe são gratificantes, sem dúvida; mas que a mulher (e o homem) não tem consciência de como é manipulada e condicionada, ainda oferece menor dúvida. A repressão perfeita é a que não é sentida por quem a sofre, a que é*

*assumida, ao longo duma sábia educação, por tal forma que os mecanismos da repressão passam a estar no próprio indivíduo, e que este retira daí as suas próprias satisfações. E se acaso a mulher percebe a sua servidão, e a rejeita, como, a quem, identificar-se? Onde reaprender a ser, onde reinventar o modelo, o papel, a imagem, o gesto e a palavra quotidianos, a aceitação e o amor dos outros, e os sinais de aceitação e amor? Bem sei, antepassada Maria Ana, de que te queixavas, do que eras incapaz: de inventares sozinha a mãe, a heroína, a ideologia, o mito, a matriz, que te pusesse espessura e significado perante os outros, que até aos outros abrisse caminho, se não de comunicação, pelo menos de inquietação”* (Barreno et al., 2010).

Parece-me importante referir que problematizar o conceito de mulher é o primeiro passo na busca por uma identidade feminina que não aquela definida e aceite pelo patriarcado. Mulher é um conceito muito disputado por entre perspectivas feministas, patriarcais, religiosas, entre outras. Fazer uma escolha sobre estas perspectivas e alcançar um posicionamento firme, parece-me o possível para descortinar o que significa, para mim, ser mulher.

Descarto em primeiro lugar a definição patriarcal, tal como bell hooks (2018) a coloca: o papel da mulher implica ficar no lar, criar os filhos e obedecer à vontade dos maridos. É fisicamente débil e por isso dedicada às ocupações menos penosas. Necessita de protecção masculina. Da mesma forma excluo a visão religiosa, que defende o marido como o líder espiritual da casa. Aquele a quem a mulher deve obedecer espiritualmente<sup>1</sup>. É importante referir que o meu posicionamento é conceptual e reverbera na prática, mas nem sempre consigo descartá-lo no meu dia-a-dia, sobretudo no que respeita à visão patriarcal e sociológica.

A discussão sobre as perspectivas feministas parece-me a mais interessante para trazer luz ao conceito de mulher. É inevitável recorrer à afirmação de Simone de Beauvoir: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, posicionando assim o debate na ausência de determinação biológica do sexo feminino, ou seja, a mulher não se define pelo seu sexo/órgãos. Beauvoir alerta também para o papel redutor das posições sociológica e psicanalítica e inspira os movimentos de libertação das mulheres na década de 60, que alcançam importantes conquistas nos direitos das mulheres. Porém, Beauvoir abre espaço para a ideia de que a mulher vingará se estiver em pé de igualdade com o homem, sobretudo no que respeita ao trabalho. Por isso, alcançar posições de poder dominadas pelo homem é um desígnio para a

---

<sup>1</sup> Definição de acordo com a visão da igreja evangélica baptista (<https://www.thegospelcoalition.org/>) e obtida através de entrevista (anexo I)

mulher. De certo modo, Beauvoir posiciona a luta na competição mulher/homem e atribui valor acrescido aos trabalhos ditos masculinos. O meu argumento é que é possível construir uma visão alternativa, que valorize o trabalho tradicionalmente associado à mulher (por exemplo o trabalho doméstico), sem o definir como “trabalho só das mulheres” e que assente numa lógica não-capitalista e interligada à natureza (Salleh, 2017). Sob este prisma, o feminismo neoliberal perde força e a expressão “empoderar mulheres” perde o sentido. Defendo que as mulheres não precisam ser “empoderadas”, pois isso significa dar ênfase à sua posição de fragilidade relativamente aos homens. Parece-me mais útil destacar o que a mulher *se torna, sem se agarrar ao que poderia ter sido, ao que possa ainda ser. Sem ser nunca fixa(da)* (Irigaray, 2017); ao invés de destacar o que lhe falta e as suas características ausentes em relação à norma falocrática.

Para Judith Butler, a identidade da mulher é um devir, um construir sem origem ou fim, estando aberta a certas formas de intervenção e de resignificação contínuas, sendo portanto uma prática discursiva e performativa, ou seja, uma construção social. Tal como as outras identidades de género, a identidade da mulher é instável e indeterminada, rejeitando a procura de uma essência – o que é “ser mulher” - e a pretensa universalidade deste sujeito, aparentemente estável (Rocha, 2014). Creio que a questão que se coloca é se Butler, afirmando a performatividade do género e rejeitando “o sujeito”, realmente abre espaço para que “mulher” e “mulheres” possam existir e imprimir-se colectivamente como sujeito na sociedade. Como se pode processar uma luta comum, se o sujeito não é considerado? Irá esta luta reduzir-se à esfera individual e particular? (Rocha, 2014).

Por outro lado, Butler amplia a discussão permitindo que identidades LGBTQIA+ e não-binárias possam misturar-se com o género “feminino”, como é o caso das lésbicas, mulheres trans e não-binárias. O feminismo negro estabelece uma crítica neste sentido, ao referir que “mulher” tem sido sinónimo de mulher branca e cisgénero. Em suma, não existe apenas uma mulher, existem muitas mulheres.

Retomando o excerto inicial do livro *novas cartas portuguesas*, reforço a inquietação e o questionamento necessários para tentar um posicionamento acerca da identidade feminina.

Invoco uma mulher que é completa por si só e que não reverbera qualquer visão redutora de si mesma (sociológica, biológica, psicanalítica). Uma mulher que se auto-valoriza e valoriza o seu trabalho.

Esta busca foi sempre no sentido de implicar mulheres, procurando um “*estilo feminino*”, porém consciente de que *este "estilo" não pode sustentar-se como tese, não pode constituir objeto de uma posição* (Irigaray, 2017).

Gostaria que este projeto fosse visto como um manifesto, à maneira de Donna Haraway (1991): Um sonho para uma linguagem comum a todos os seres humanos que se identificam com a palavra mulher.

## **sujeito vs. objecto**

(...)

*E jamais caça  
seremos*

*ou objeto  
dado*

*nem voluntário odor  
de bosque seco*

(Barreno et al., 2010)

Adopto aqui a perspectiva de Grada Kilomba (2020) afirmando que ambas as palavras “sujeito” e “objecto” em português não permitem variações no género feminino ou nos vários géneros LGBTQIA+. Deduz-se então que as identidades feminina e LGBTQIA+, no que respeita à terminologia “sujeito” aqui analisada, não existem na língua portuguesa e, quando aplicadas, seriam consideradas um erro ortográfico.

Paralelamente, a palavra “objecto” remete para *a objectificação dessas identidades numa relação de poder. Isto é, identidades que são retiradas da sua subjectividade e reduzidas a uma existência de objecto (...)* (Kilomba, 2020). Deduzindo-se assim que as mulheres e LGBTQIA+ são frequentemente objectificadas ao abrigo da norma vigente.

## **Desejo sexual feminino**

Retomando a obra de Irigaray (2017) a sexualidade feminina foi sempre pensada a partir de parâmetros masculinos. A ideia do desejo sexual feminino, de acordo com a lógica psicanalítica e patriarcal, assenta na submissão e na passividade, pelo que a menina-mulher não tem um desejo/sexo válido (visível) aos olhos da economia falocêntrica. Em consequência, as suas pulsões sexuais são reprimidas desde a sua infância. A menina-mulher com desejo e sexuada é acusada de histeria e doença mental, sobretudo quando apresenta comportamentos sexuais que desafiam a norma – agradar ao menino-homem. E como a mulher tem esse lado sombra, mistério e de acesso mais difícil, é classificada como “não-toda”: A mulher e o seu desejo *não existem* (Irigaray, 2017).

A reivindicação de concepções sobre o desejo e a sexualidade feminina segundo o que ditam as mulheres, é muito actual, pois ainda estamos maioritariamente e inevitavelmente inibidas. Sabemos que o erotismo da mulher é diferente e que se pode processar em diversos lugares do corpo que não somente o vaginal e o clitoriano (Irigaray, 2017). Talvez seja necessário regressar ao inconsciente e à sua relação com o desejo sexual, eliminar a moralidade inerente ao tema e assumir a relação entre energia sexual e vitalidade (Reich, 1975). O desejo sexual é pois o fio condutor da vida.

## **Feminismo (nome)**

De acordo com bell hooks (2018), o feminismo é uma ideologia em formação. Existem várias definições, tendo o termo sido usado pela primeira vez no século XIX e cunhado como “ter as qualidades das mulheres”. Bárbara J. Berg em *The Remembered Gate: Origins of American Feminism* (1978) lança uma primeira pista para uma definição mais adequada do feminismo: “*é a liberdade de decidir o seu próprio destino; a libertação das restrições opressivas da sociedade; a liberdade de expressar inteiramente o que pensa e converter livremente isso em actos. O feminismo requer que se aceite o direito da mulher à consciência e juízo de si. Postula que o valor essencial da mulher advém da sua humanidade comum e não depende de outras relações na sua vida.*”

Parafasendo hooks (2018) esta definição, muito embora idealize a autonomia da mulher e acentue a sua luta pela igualdade entre sexos, não é (nem foi) plural e inclusiva e suficiente para combater o sexismo e a dominação masculina.

Uma outra perspectiva ou olhar sobre o feminismo é assumi-lo como um compromisso, tal como hooks (2018) defende. Um compromisso plural e interseccional, para reorganizar a sociedade e que abarque as várias lutas – raça, género, classe, entre outras – com o objetivo de alcançar a realização do eu; em detrimento do desejo pela dominação, do imperialismo, da expansão económica e dos desejos materiais. Ser feminista é assim possível para todos os seres humanos.

Enquanto mulher e feminista, gosto de pensar e praticar o feminismo como uma filosofia de vida. O feminismo impacta diariamente as minhas escolhas, decisões e ações e é com base nestas que se dita o curso da minha vida e daqueles que me rodeiam. Ser feminista é ponderar o que vou estudar, como me vou alimentar, o que vou comprar, para onde e como vou viajar, a forma como uso a língua portuguesa, que profissão escolher, onde vou trabalhar, com quem quero relacionar-me e conviver, que memórias quero guardar, que histórias quero contar, como me relaciono com os outros; sempre atenta à forma como as minhas ações se cruzam

com as diferenças sociais, a opressão e a dominação. Ser feminista é perceber como tudo se encontra interligado e agir responsabilmente para mudar a sociedade, para que esta se torne mais justa, mais solidária, mais humana.

### **Sexismo estrutural (nome)**

*“O sexismo é uma ideologia e uma prática que se baseia em estereótipos e preconceitos em torno do sexo e dos papéis sociais atribuídos à mulher e ao homem. O sexo feminino é equacionado com a natureza, a paixão e a reprodução, reservando-se à mulher o papel da maternidade e do cuidado. O sexo masculino é identificado com a cultura, a razão e o poder, atribuindo-se ao homem o papel de provedor da família e de liderança no espaço público.”* (MacDowell Santos, 2012).

O debate e a luta contra o sexismo permanecem atuais na medida em que as estruturas sociais, os hábitos e os costumes culturais continuam a perpetuar o papel do homem *versus* o papel da mulher e a conceder aos homens acesso privilegiado às posições de poder, nas esferas pública e privada.

Tomando uma perspectiva socialista e associada ao feminismo negro, defendo que o sexismo é estrutural e interseccional. Se, por um lado, é necessário repensar os modelos sociais, económicos e familiares vigentes para combater o sexismo, por outro, este tema associa-se à luta de classes, ao racismo estrutural, à transfobia (hooks, 2018). É inegável que para muitas mulheres, estes temas são forças opressivas tão significativas quanto o sexismo.

### **Patriarcado (nome)**

*“Patriarcado ou ordem patriarcal consiste na organização e monopolização da propriedade privada em benefício do chefe da família. É o seu nome próprio, o nome do pai, que determina a apropriação, inclusive no que se refere à mulher e aos filhos”* (Irigaray, 2017).

O patriarcado funciona então como um sistema sociopolítico, que rege as relações de poder na sociedade e institui a família, alicerçado na crença de que a humanidade é por definição a identidade masculina: a masculinidade (hooks, 2018). Em consequência, na cultura patriarcal ter um pénis é sinónimo de poder, prestígio e domínio sobre todas as outras identidades de género, e em particular as mulheres.

À semelhança do sexismo, a oposição ao patriarcado não se deve dissociar dos temas da raça, género e classe. Frequentemente surge a referência ao patriarcado branco e racial: aquele que favorece o homem branco, como figura do pai e detentor do poder e riqueza. Isto não invalida

que outros homens e até mulheres defendam o patriarcado. Pelo contrário, alguns homens tendem a unir-se num código comportamental que compõe gestos, linguagem, hábitos e atitudes sexistas e excludentes e algumas mulheres assimilam o papel submisso, concedendo a liderança ao homem.

Amiri Baraka, no seu ensaio para a revista *Black World* em julho de 1970, afirma: “*Jamais poderíamos ser iguais... não foi assim que a natureza nos fez. O irmão diz: Que a mulher seja mulher; e o homem, homem*”. Esta pequena citação reforça o sentido da união entre homens e reverbera a crença biológica na distinção entre homens e mulheres e que constitui um dos alicerces do patriarcado. No entanto, o patriarcado pode ser entendido como uma totalidade, que inclui natureza biológica (sexo), género (ideologia), relações de produção (propriedade privada) e aparelhos de reprodução (estado, família). Neste sentido, é importante lembrar que a força do patriarcado não se limita à discussão entre as teses biológica – que defende que “mulher” é uma categoria biológica definida pelos órgãos sexuais femininos - e de género – que afirma que “mulher” é uma construção social definida historicamente. A existência da propriedade privada e das instituições estado e família, opera na concretização do patriarcado como força opressiva. Há pois uma necessidade de união revolucionária feminina, que ultrapasse teorias e que repense as estruturas de produção e reprodução vigentes.

### **Capitalismo (nome)**

No contexto deste projecto, capitalismo é entendido como um sistema económico dedicado à produção de mercadorias (bens e serviços) e que assenta na separação entre o capital e a natureza/força de trabalho. O capital detém a propriedade das matérias-primas e meios de produção (máquinas, sistemas de gestão e de informação, tecnologias) e a natureza é concebida por este como uma fonte inesgotável de matérias-primas. Por outro lado a força de trabalho (e em particular o trabalho comunitário) é usada pelo capital quando este necessita dela, de forma a produzir riqueza. Tipicamente, a remuneração da força de trabalho fica aquém do valor que cria, e é essa diferença ou excedente que constitui o lucro (capital) do detentor dos meios de produção/empresário. Por outro lado, acresce que os recursos naturais não são inesgotáveis e a sua exploração tem impactos sociais e ambientais gravosos (Boaventura de Sousa Santos, 2021).

### **Amor (acção | sin. plenitude)**

Citando bell hooks (2018), definição original de M. Scott Peck (1978): “*o amor é a vontade*

*de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa. (...) O amor é o que o amor faz. Amar é um acto da vontade – isto é, tanto uma intenção quanto uma acção. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar.”*

Tenho consciência do quão difícil é encontrar uma definição clara para a palavra “amor” e ainda mais difícil é posicioná-la na óptica do crescimento espiritual. O amor é tantas vezes confundido com paixão e com o seu carácter instintivo.

Neste projeto optei por designar o amor como “acção” e não como “nome”, tal como bell hooks sugere, para lhe conferir urgência e movimento. A autora acrescenta que *“todos amaríamos melhor se pensássemos o amor como uma acção”*.

Por fim, gostaria de referir os vários elementos do verdadeiro amor – carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, honestidade e comunicação aberta.

### **Privilégio (nome | derivações: privilégio branco, privilégio heterossexual)**

Privilégio é um sistema de vantagens atribuídas a uma minoria (grupo dominante) e que se encontra em acção através das nossas experiências diárias. Este privilégio molda a nossa rede de relações sociais e, por isso, constitui a estrutura da sociedade. O privilégio propicia diferenças ou distinções sociais que não se prendem somente com o género, raça e classe. Por exemplo, o privilégio pode relacionar-se com a idade, com a mobilidade e deficiência, com a nacionalidade, religião ou orientação sexual (McIntosh, 1988).

Para o grupo em vantagem, os privilégios sociais implicam direitos; poderes; mecanismos de controlo (permissão para controlar) e formas de dominação conferidos à nascença, por sorte ou pelo que intitulam de meritocracia. São “activos” que este grupo obtém e que lhe permitem encaixar facilmente na cultura vigente, bem como progredir no modelo social em vigor. Tal como McIntosh (1988) afirma, privilégio é hoje entendido erradamente como um atributo desejado e algo que “todos queremos”, favorecendo assim a cultura da meritocracia. No entanto, este entendimento silencia e torna invisível as consequências negativas para a maioria da população e que têm como base aspetos que esta população não pode alterar e que não dependem da sua vontade. Assim e para a maioria da população, o privilégio significa opressão, perigo, fuga, ansiedade, penalização, insultos, medo e, por fim, a sensação de “não pertencer a lado nenhum”, de “não existir”. Os oprimidos poderão ter a necessidade de estar em fuga constantemente, de se esconder, de se disfarçar, sentindo-se doentes ou loucos, zangados ou com raiva, tendo que negociar sempre na posição do “estrangeiro” ou daquele

que “não pertence ao grupo”. Ao privilegiado, pela sua posição dominante, é permitido escapar a estas consequências.

É importante desmistificar que a palavra privilégio não implica necessariamente motivação individual, mas sim agenciamentos colectivos que procuram criar ou manter vantagens competitivas para os grupos dominantes (Moreira, 2016/2017). Da mesma forma, o privilégio pode implicar poder, mas não implica força moral (McIntosh, 1988) pois a luta e a não dominância podem conferir ao oprimido traços e qualidades que o privilegiado não tem.

Enquanto mulher, um primeiro passo para entender o privilégio heterossexual consiste em descrever rotinas diárias onde me sinto oprimida. Por outro lado, posso examinar o privilégio branco à luz das minhas ações diárias enquanto pertencente ao grupo dominante. Peggy McIntosh (1988) sugere a observação apurada das rotinas mais insignificantes e a descrição das mesmas, criando um paralelo pragmático com a posição “do outro”. Em seguida, a autora coloca uma instrução relativamente ao privilégio heterossexual: partilhar a minha descrição com homens, convencê-los a juntarem-se à luta e pedir-lhes para abdicarem dos seus privilégios. Sobre o meu privilégio branco impõe-se uma questão de ordem diferente: agora que descrevi os meus privilégios, o que vou fazer para os diminuir ou erradicar?

Neste processo há que considerar que as opressões relativas à heterossexualidade e à raça se distinguem e se relacionam. Por um lado partem de matrizes sociais diferentes, pelo que estabelecer comparações ou procurar semelhanças será perigoso. Por outro lado, há aspectos em que se juntam, como é o caso da opressão vivida pela mulher negra, que está duplamente em desvantagem no que respeita ao género e raça. Da mesma forma, a mulher branca é oprimida pelos homens e opressora em relação à mulher negra, o que intensifica a complexidade da análise.

## **LGBTQIA+ (nome plural)**

Sigla utilizada para definir identidades de género, expressões de género, características sexuais ou de orientação sexual que expressem uma sexualidade/afectividade fora da norma (mulher/homem).

## **Identidade Não-Binária (nome)<sup>2</sup>**

Termo utilizado para definir identidades de género que não se identificam como

---

<sup>2</sup> Definições retiradas de página da internet: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/>

exclusivamente masculinas ou femininas, estando portanto fora da binaridade de gênero ou cisnormatividade (masculino/feminino).

É o caso da identidade não-binária: Alguém que não se identifica com 100% homem ou 100% mulher. Pessoas não-binárias podem utilizar este termo para si independentemente da sua identidade específica, e também podem utilizá-lo caso não definam o seu gênero de forma mais específica do que “nem mulher, nem homem”.

É o caso da mulher não-binária: Uma pessoa não-binária que acha que o conceito de feminilidade ou de ser mulher é útil para a sua identidade.

### **Cisgênero (nome | sin. Cis)**

É o termo utilizado para as pessoas cuja identidade de gênero (a forma como a pessoa se vê) coincide com o sexo que lhe foi atribuído à nascença.

Cisgênero é a oposição de transgênero.

Mulher binária: Uma pessoa que se identifica com 100% mulher.

## **III. Metodologia**

**Método:** teatro de investigação, teatro documental, storytelling, storytelling autobiográfico, verbatim, ativismo artístico, performance-conferência feminista.

O teatro documental ou “teatro do real”, assenta numa primeira tensão entre autenticidade e imitação. Esta evocação do “real” na arte, e a consequente procura por autenticidade, tem vindo a distanciar-se de uma perspetiva única sobre a realidade. Pelo contrário, o foco é agora na ambiguidade e nos múltiplos pontos de vista que podem incidir sobre um determinado evento ou circunstâncias “reais”. O arquivo e documentação “originais” são frequentemente questionados. Por outro lado, há no teatro documental uma proximidade crescente entre o “teatral” e o “real”, proximidade esta que pode ser disruptiva e geradora de significados. Não se trata de eliminar o “teatral”, mas sim de criar uma interação profícua entre estas dimensões. Tal como Doug Wright descreve a propósito da sua peça *“I Am My Own Wife”*, foi crucial para a estrutura do espetáculo, a decisão de expôr a sua relação (do ator) com o sujeito real que ele representava (Martin, 2013).

Ampliar a performance pode significar a interrupção de uma peça, propositadamente ou não, a discontinuidade da sua linha narrativa e a consequente criação de novas formas de atuar e de recepcionar o espetáculo. O uso de diferentes media, técnicas e recursos pode ampliar historicamente a performance, isto é, deslocar o seu ponto nevrálgico para uma relação

do performer com a sociedade (atribuir-lhe uma função social), em oposição à sua relação consigo próprio ou destino pessoal.

O uso de media, técnicas e recursos potência a interação entre performer e audiência. De media falamos de filmes, fotografias, discursos públicos, artigos de jornal ou de redes sociais, estatísticas; por recursos entendemos poesia, dança, música (cantar ou tocar), acrobacia, pinturas e desenho; por técnicas designamos a criação de múltiplos palcos, a projeção em slides, o uso de telões, voz off e alocução, ou solicitar ao público que termine uma cena (Mota, 2012).

Este projecto performativo tem 1 ano de duração, entre 1 de setembro de 2020 e 30 de setembro de 2021. Assenta em 3 etapas: 1) Recolha de narrativas pessoais sobre desejos no feminino; 2) Ação performativa com base nas narrativas pessoais recolhidas; 3) Documentação/arquivo de todo o processo (esta etapa é transversal às duas primeiras).

### **1ª etapa**

Consiste na realização de 18 entrevistas a mulheres a viver na Europa, com idades compreendidas entre os X e os X anos. Foi feito um convite à participação de todas as entrevistadas, tendo como base principal o meu universo social: duas amigas de infância; uma amiga íntima; uma colega de trabalho; duas amigas do facebook; seis colegas do mestrado; uma familiar. Foram também abordadas através das redes sociais: uma artista contemporânea, que desafia as normas e os padrões para o universo feminino, e uma desconhecida.

Para a elaboração das entrevistas foi criado um guião com uma bateria de perguntas (ver anexo X), no entanto foi recorrente a verbalização da primeira pergunta: “o que significa para ti o desejo?” e a introdução de novas perguntas, específicas, e que decorriam das respostas particulares de cada entrevistada. Quando a entrevista chegava a um impasse, eram introduzidas perguntas com base no guião pré-elaborado. Foi definida a duração de cerca de 40 minutos por encontro, tendo sido feita esta indicação às entrevistadas, no entanto todos os encontros ultrapassaram esta duração. Em média os encontros duraram cerca de 1h cada. Atendendo à definição do programa performativo, que foi posterior à realização de alguns encontros, tornou-se necessário abordar 9 entrevistadas uma segunda vez, para partilha do seu maior desejo, por email ou facebook. Uma entrevistada propôs-me a realização de uma segunda entrevista, pois sentiu a necessidade de expressar mais os seus desejos e opiniões sobre o universo feminino. Neste caso, foram realizadas duas entrevistas, com duração idêntica. Atendendo a que a gravação da entrevista nº11 foi perdida, tentei uma segunda entrevista, no entanto a entrevistada optou por não abordar os mesmos temas. No âmbito deste

projecto, foi minha opção utilizar apenas os conteúdos da primeira entrevista, sendo o registo aqui contido uma memória descritiva da mesma.

Os conteúdos e as narrativas das entrevistadas são trabalhados anonimamente ou não, conforme a decisão das entrevistadas. Todas as entrevistadas foram informadas sobre a possibilidade de exposição *ipsis verbis* das suas narrativas, sendo que uma entrevistada se opôs a este pedido. A situação foi respeitada por mim.

Existe um registo áudio de 13 entrevistas, atendendo a que duas entrevistas não foram gravadas, ainda numa fase inicial do projecto.

Os conteúdos das entrevistas foram integralmente escritos (entrevistas X e X).

## **2ª etapa**

*“Ação Performativa: um tipo de ação metodicamente calculada, conceitualmente polida, que em geral exige extrema tenacidade para ser levada a cabo, e que se aproxima do improvisacional exclusivamente na medida em que não seja previamente ensaiada.”(Eleonora Fabião, 2008)*

### **Entrevista 1**

**Desejo:** “O primeiro desejo é mar. Embora a neve substitua de alguma forma o mar e o prazer da neve.. não substitui o prazer da água, mas é uma forma alternativa de água e de tu estares na água. Eu nadava o ano inteiro, ia para a praia o ano inteiro. Mar e praia é o meu maior desejo. E há também uma espécie de desejos maiores (...). Tenho desejos de sonho, de sonho grande (não é de sonho pequenino). De rasgar sonhos grandes... e está difícil, muito difícil. Neste momento estou tão deserta que não tenho sonhos, nem sequer consigo sonhar (...) não sai sonho. Neste momento sou incapaz. Mesmo que tu me disseses: *“tens aqui um milhão de dólares, o que vais fazer com eles?”* eu dizia: *“agora vou comer e dormir e digo-te quando for capaz”*. Não sou capaz de ter sonhos neste momento.”

**Ativação:** Uma única tentativa entre a segunda quinzena de dezembro e a primeira quinzena de janeiro. Um único encontro com a entrevistada na praia. Este encontro decorrerá à distância, por chamada zoom, pois a participante está no Estado do Montana (USA). Uma semana antes será pedido à entrevistada para estar disponível à meia-noite (USA) do dia a combinar, sob o pretexto de nova entrevista. Em Portugal será a hora do nascer do sol, horário simbólico para a entrevistada por ser seu hábito ir à praia pelas 6h da manhã, antes de iniciar o seu dia de trabalho. A performer seguirá o percurso/rotina da entrevistada, desde sua antiga

casa (sete rios) até à costa da caparica, no primeiro autocarro da TST. Quando chegar à praia, irei iniciar a chamada com a participante (tendo o cuidado de não ter som e imagem). Momentos depois, por chat, pedirei à entrevistada que feche os olhos e os mantenha fechados até novas indicações. Primeiro é ligado o som, com um pequeno compasso de tempo, depois a imagem. A participante é instruída para abrir os olhos, quando estiver preparada, e observar o que vê. Não haverá mais instruções, partindo todas as próximas ações da vontade da entrevistada. Por exemplo, estar em silêncio e contemplar; observar alguém a mergulhar, como se estivesse na sua pele; dar um passeio pela borda de água, escrever num caderno; gritar ou verbalizar o que sente.

A chamada será gravada de forma a registar as emoções da participante. Mediante o consentimento/não consentimento da entrevistada serão trabalhados os registos desta ativação.

### **Entrevista 2:**

**Desejo:** “O meu maior desejo como mulher é sentir me desejada e amada pela pessoa que desejo e amo (...). Poder viver uma vida a dois com total confiança e respeito. Acho que não consigo resumir isto num só desejo.”

**Ativação:** Irei, uma vez por semana, gravar um momento com o meu namorado, que seja ilustrativo de uma vida em casal, com amor e desejo mútuo. Este momento pode ser privado ou público e não recorrerá a toque físico. A intenção é criar uma sequência de momentos ao longo de 1 ano, que espelhe um projecto de vida a dois e uma relação duradoura.

### **Entrevista 3**

**Desejo:** “eu não sei muito bem o que dizer sobre desejo (silêncio). Não sei. Acho que desejo para mim está... é muito utópico, entendeu? É uma utopia. E ao mesmo tempo o desejo coloca-nos em movimento (...) Eu acho que é impossível sentir prazer na fuga. Agora quando a gente pára para beber água, pára para ser recebido em algum lugar, em algum lugar em que te dão, pelo menos em alguns instantes, esse abrigo seguro. Sim. Mas é nessa pausa, nessas pequenas pausas, são esses flashes [de prazer]. Você pára, respira e continua caminhando. (...) Se considerarmos uma corpa travesti por exemplo, ela não tem lugar, lugar de trabalho mesmo. E a gente está conseguindo agora à dura, porque a gente tem que fazer várias, várias, várias e várias formações e provar de diversas formas que a gente pode estar naquele lugar. Há algumas, poucas de nós que estão chegando a esse lugar de poder. Mas ao mesmo tempo,

não adianta a gente estar nesse lugar de poder, se essa sociedade, ela realmente não abre as portas. A gente está, por exemplo, concorrendo a uma vaga, está uma travesti e está um corpo sis. A gente vive num momento em que o corpo sis, ele precisa abrir mão daquela vaga, porque ele conseguiria entrar em qualquer outra vaga e a travesti não. A travesti poderia ser a vaga da vida dela, e ela chegou e não conseguiu entrar. Porque isso é um requisito para a não contratação (...) O emprego é só o começo, porque isso gera falta de renda, falta de renda gera não acessibilidade a uma moradia, não documentação, não alimentação. (...) Ela chega nos lugares e ela já é colocada automaticamente na marginalidade sexual. Então, quando é que essas pessoas vão começar a abrir mão, por exemplo, de um prato de comida de um restaurante, de pagar mais barato, de entender realmente o lugar de privilégio que elas têm e o que elas conseguiram conquistar.

**Ativação:** Irei candidatar-me a 2 vagas de emprego por dia, durante 3 meses, para as quais reúna qualificações profissionais (i.e. gestor, empregado de restaurante, consultor imobiliário, ator). Irei apresentar-me um nome e identidade masculina (i.e. João Maria), sendo esta a única alteração no meu CV, e seguindo os Princípios para uma sociedade contra-sexual (Beatriz Preciado, 2000). O objetivo é passar à etapa de entrevista profissional, onde manterei a identidade do sexo oposto. Irei registrar os emails trocados com as empresas a que me candidato, bem como as observações imediatas após uma resposta e/ou entrevista, em texto, fotografia, desenho ou vídeo.

#### **Entrevista 4**

**Desejo:** “O meu desejo mais intenso é poder deitar a cabeça no travesseiro à noite e fazê-lo não só em paz comigo, mas também profundamente feliz por eu ser genuinamente eu comigo e com quem está ao meu lado. Do mesmo modo, quem estiver ao meu lado sentir o mesmo, sem ilusões, jogos ou ficções. De resto, todo o amor que houver nessa vida guardado para mim. É isto.”

**Ativação:** Irei realizar uma ativação por noite, durante 7 meses, que consistirá num ritual de preparação para dormir, com o propósito de obter um relaxamento, um evadir da rotina diária, um prazer, um enraizamento (“estar mais no meu corpo”), um estado de espírito pleno. Este ritual irá variar diariamente, atendendo à minha necessidade concreta no dia em que se realiza: o que preciso para estar em paz comigo, profundamente feliz, e ser genuinamente eu, comigo e com o outro? Irei registrar o ritual em texto diário, fotografia ou áudio.

No dia seguinte, de manhã, irei fazer um registo (utilizando meios idênticos) dos efeitos deste mesmo ritual.

#### **Entrevista 5**

**Desejo:** “Enquanto mulher gostava de poder andar na rua livremente sem ser olhada ou usada com indiferença.”

**Ativação:**

#### **Entrevista 6**

**Desejo:** “Os meus desejos centram-se muito na minha carreira. Quero ser profissionalmente sucedida, num trabalho que eu adore. É a primeira coisa para mim. Não penso como mulher, penso como pessoa (...) para já ponho a carreira em primeiro.”

**Ativação:** Comecei por reformular este desejo, escrevê-lo à minha maneira.

#### **Entrevista 7**

**Desejo:** “No outro dia perguntaram-me se eu gostava de estar nua em cena. E é uma coisa que eu já me tinha questionado, e uma coisa que eu gostava de fazer mas que eu acho que ainda não tenho tomates para... Desde que eu soube desta hipótese até ao momento em que vai acontecer, eu sei que vai ser um grande processo físico, mas também muito mental. Ok, vou estar nua em cena, para não sei quantas pessoas. E vou ser eu, mas não vou ser eu...acho que vai ser um grande desafio. Sabes quando tu tens grande vontade de fazer uma coisa, mas ao mesmo tempo, tens medo de o fazer. Mas tu queres, tu tens medo mas queres. E eu estou agora a passar um bocado por isso. Eu quando entro em cena, a primeira coisa que me assalta é o medo e o medo choca imenso a fluência da cena. Eu estou a fazer uma formação em dança, eu sei lá como é que se dança... mas não há um saber dançar, e eu sei lá como é que o meu corpo reage. E portanto eu decidi não pensar em quem está a ver. Isto é fácil de dizer mas é lixado fazer. É uma luta diária que eu tenho comigo.”

**Ativação:**

#### **Entevista 8**

**Desejo:** “Sempre quis ser, desde pequenina quis seguir direito mas há pouco tempo decidi ser juíza.”

**Ativação:**

#### **Entrevista 9**

**Desejo:** “Enquanto ser humano a mulher tem à partida um desejo que nasce e vem desde a sua infância que é o desejo de ser mãe. Esse é um dos principais desejos normalmente que as mulheres sentem, não é que todas as mulheres o sintam mas, no meu caso, quando falas em desejo de mulher eu pensei logo na maternidade.”

**Ativação:**

#### **Entrevista 10**

**Desejo:** “Um grande desejo que eu tenho é conseguir ter a minha própria casa. Adorava, adorava ter a minha própria casa, da forma como eu a imagino, com as necessidades que eu tenho, que fosse construída à imagem... a uma imagem, já a construção que eu tenho daquilo que seria a casa ideal para mim. Este talvez seja dos mais flagrantes desejos que eu tenho. Estou constantemente a ir para esse sítio, para uma casa própria (...) é como se eu projetasse nesa coisa de ter uma casa, uma estabilidade toda construída por mim. E que cada vez mais sinto dificuldade pelo meu percurso, porque tenho um percurso que me trama (...). Como é que eu, que não tenho trabalho (ou perspectivas muito poucas na minha área), como é que eu posso ter segurança para alcançar isso? Porque na verdade é o único desejo que eu tenho que não tem assim o entrave de alguém, basta eu trabalhar para isso. Contudo, parece que o percurso que eu faço é também ele próprio castrador desse meu desejo (...) Até à data o meu percurso académico e/ou profissional é também um desejo, que eu queria realizar de alguma forma. Agora estou mais chateada com ele, estou chateada, estou desapontada, estou desiludida (...) Eu tenho todos os meus desejos em conflito! Há coisas que castram, que vão castrando e parece que há desejos que vão sendo castrados por outros desejos (...) Eu queria ser atriz, fiz um percurso a pensar nisso (...) a probabilidade de depois conseguir passar para o desejo de ter uma casa própria é muito difícil nesta área.”

**Ativação:**

#### **Entrevista 11**

**Desejo:** “com o meu anterior companheiro pensámos em frequentar clubes de swing, cheguei a abordar uma amiga que pensei estivesse interessada, mas não chegámos a ir (...) embora o meu desejo sexual seja menor, em comparação com os meus vintes, tenho fantasias e vontade de fazer gang bang e sexo em grupo.”

**Ativação:**

#### **Entrevista 12**

**Desejo:** “Às vezes eu penso que um dia vou para a escola, quando é que eu vou para a escola? (...) Um dia eu vou conseguir! Um dia vou conseguir! Ler e escrever... Quando eu morrer ao menos já sei escrever. A gente não pode [ver] morrer o nosso sonho, podemos ser até velhinhos.”

**Ativação:**

### **Entrevista 13**

**Desejo:** “A possibilidade de “ir e vir”, no sentido da liberdade para poder transitar e também de relacionamento, mas não só interpessoal. De relacionamento com a cidade, com o espaço. De relacionamento com a vida mesmo. (...) É uma novidade para mim não ter a liberdade de coisas que eu tinha. Como simplesmente ir caminhar à tarde.”

**Ativação:**

## IV. ANEXOS

### Anexo I - Entrevistas

**Miss W.**

Para nós, corpos travestis não interessa mais um teatro que conte mais as nossas histórias sem a nossa presença. É como se fala sobre nós sem nós. Então eu acho um pouco complexo, a utilização das minhas epistemologias e narrativas para construir, sem uma representatividade, essa epistemologia no palco.

Vamos pensar na história do teatro, como é que um corpo transvesti generi é representado dentro do teatro, desde sempre. Como uma farsa, travesti dentro do teatro, travesti para enganar, mas sendo uma farsa mesmo. Tudo o que nós, travestis gêneros não somos. Inclusive socialmente, nós somos inconfundivelmente travestis. Quando pensamos numa nova possibilidade de teatro, eu sinto que é necessário que muitos dos corpos e corpos que têm o privilégio de estar nesse palco, se aceitam nos processos seletivos, de poderem estar dentro de uma academia e poderem criar uma cena. Que essas pessoas necessitam de realmente parar de construir essas personagens sem a participação real, ativa e no palco dessas corpos. E é realmente um processo de abster mesmo do privilégio para aquilo que é a realidade daquela travesti seja acessível dentro do teatro e também não só para fazer papéis travestis, mas pisar o palco e ser quem ela puder querer ser né. Mas ao mesmo tempo essas epistemologias, elas estão num lugar muito complexo das epistemologias de hoje e ouve-se, por exemplo, algumas análises interpretativas voltadas para o nosso corpo travesti, como por exemplo essa não presença. Estar lá sobre a margem, sobre a invisibilidade da luz.

Como é que a partir desse encontro comigo, com essa corpa, você consegue ter o seu olhar sobre isso, a sua perspectiva e partir sobre isto. Mas não utilizando a minha fala como dramaturgia no palco.

Pensando que nós somos duas mulheres, que vivemos em condições totalmente diferentes e que nós vamos aprender sempre com o encontro, quando estas duas corpos se encontram elas estão sempre a aprender uma com a outra e a trocar informações. Mais ou menos nós sabemos que cada uma tem a sua epistemologia, tem o seu lugar de fala, tem as suas necessidades reais, e aí uma vai auxiliando a outra nesse processo. Não para deixar de contribuir, como muitas coisas que eu já vi no processo artístico e que me entristecem muito que são essas conveniências, a afro conveniência, até mesmo essa conveniência que vem tb do feminismo

em muitos momentos. Não se trata de privilégio e poder. As questões de privilégio, poder, conflito social, a gente já conhece como é que funciona. Mas para além disso como é que nós conseguimos dialogar (epistemologias diferentes) e constituir aliados nesse processo de construção intelectual.

*Com qual categoria LGBTQI+ de identificas?*

Eu sou socialmente uma travesti. É isso, travesti.

*Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

(silêncio) eu não sei muito bem o que dizer sobre desejo (silêncio). Não sei. Acho que desejo para mim está... é muito utópico, entendeu? É uma utopia. E ao mesmo tempo o desejo coloca-nos em movimento. Eu imagino que tipo, você dislumbra, deseja, vai para o campo das ideias, da imaginação, das utopias e aí depois você materializa e transforma aquilo num movimento. Mas você não consegue materializar e transformar em movimento sem ter feito primeiro essa análise ativa. Muitas das vezes nós temos que fazer essa análise um pouco mais rápido. Mais fácil para mim é passar por esse campo das ideias.

*Então para ti desejo não é algo material...*

Não, o desejo está lá no campo das utopias, da imaginação, da viagem...sei lá...

*E o prazer?*

O prazer é físico, né... o prazer é algo que... que é material mesmo. Algo totalmente material e ele parte por muitos lugares. Muitas frequências, a dor... Não sei muito bem, não sei.

*Passaste por uma certa transformação na tua vida, como é que foi esse processo todo?*

É uma caminhada, uma caminhada longa. Ninguém consegue ficar num lugar só, então nós vamo-nos transformando.

*Disseste que não sabes muito bem o que é isto do prazer...mas se sentisses prazer, como seria?*

Ah sentir prazer para mim, são flashes de bons momentos da vida. Esses pequenos flashes. Têm pessoas que conseguem ter mais e outras que conseguem ter menos. Têm pessoas que colocam isso num lugar específico, como o sexo. Outras em outros lugares.

*E qual é o teu lugar?*

Eu sou a mesa, eu sou o banquete. Eu sou o prazer.

*Tens prazer muitas vezes por dia, ou isso não é bem assim?*

Eu dou prazer muitas vezes por dia.

*Podes-me dar exemplos, em como dás prazer?*

Não.

*Sentes só que dás prazer ou que também recebes prazer?*

Num flash de vida recebo alguns prazeres, mas não é uma máquina de move.

*E sentes que são controláveis, ou que acontecem espontaneamente?*

Eu controlo.

*Tu concretizas então o prazer de outro ser humano...*

Sim.

*Há prazeres que ainda não alcançaste?*

Sim.

*Podes falar-me um bocadinho desses prazeres?*

Tenho diversos privilégios que foram negados para mim, na minha vida.

*Podes falar-me um bocadinho sobre esses privilégios que te foram negados?*

Comida, casa. Direito de ir ao hospital. Direito de não ser seguida pela polícia. Direito de não ser zombada na rua. Direito de entrar em supermercados e não ser seguida pelo segurança. Direito de poder amar, poder andar na rua de mãos das com alguém. Direito de trabalhar onde eu quiser. Vários direitos.

*Como é que isso aconteceu? Por algum motivo em específico ou simplesmente porque a sociedade é injusta e cruel?*

Acho que a segunda opção. Eu sinto-me em fuga, em constante fuga.

*E hoje em dia esses direitos que te foram negados ainda são negados, ou de alguma forma conseguiste ter acesso a esses direitos?*

Então todos são negados até hoje. A gente tem que viver de um jeito meio, vamos dizer assim, de arranjos, de estar sempre construindo emendas na caminhada. Porque você vai andando na estrada e aí de repente tem um vão gigantesco e você tem que fazer uma emenda não é. São várias...pensando na fuga, são várias corridas, são vários atalhos que temos que fazer. Aqui aqui, pede ali. Tudo isso assim sabe.

*E como é que estando em fuga e sentindo-te em fuga, consegues ter esses flashes de prazer?*

Eu não conheço ninguém que sente prazer constante na fuga. Eu acho que é impossível sentir prazer na fuga. Agora quando a gente pára para beber água, pára para ser recebido em algum lugar, em algum lugar em que te dão, pelo menos em alguns instantes, esse abrigo seguro. Sim. Mas é nessa pausa, nessas pequenas pausas, são esses flashes. Você pára com uma água. Respira e continua caminhando.

*E tu partilhas esta fuga com alguém, ou é uma fuga solitária?*

Não é uma fuga solitária, porque eu sinto que carrego comigo a minha ancestralidade, a minha espiritualidade. São muitas gentes que estão aí pelo mundo também em fuga, e é por isso que a gente se encontra, que a gente se afeta em determinados momentos, mas ao mesmo tempo a gente tem que partir, porque a vida continua né...

*O que sentes em relação ao assassinio de travestis?*

Não tem outra coisa a não ser revolta. E no mais eu tenho praticado a etimologia da ascensão, a partir da emancipação. Então por isso é que ainda tenho muitas pessoas aqui em Lisboa, que me procuram para dialogar, que sabem que eu consegui chegar na academia, porque eu consegui chegar num lugar dentro do teatro, de alguma visibilidade. Então me procuram muito para falar sobre essas questões. E eu ainda aceito em função disso, porque eu imagino que, quanto mais a gente infelizmente tem que ficar fazendo esse trabalho de escola, que a escola não deu. Trabalho de educação social que a escola não deu e a política pública não deu. A gente tem que estar a fazer este trabalho aos poucos. É por isso que eu ainda me pronuncio. Páro para falar, porque acho que a gente precisa de se emancipar, e com uma certa urgência.

*E qual é o caminho para essa emancipação?*

Eu acho que começa muito pela mudança desses corpos sis. Principalmente esse brancos. Tem muito reconhecimento, essa galera tem que deixar de fazer muita coisa, tem que abrir mão mesmo de muitos lugares de privilégio e colocar outras corpos nesses lugares. Fazer com que

esse trabalho e essa posição de privilégio nos acenda e não simplesmente nos coloque de novo como objeto de pesquisa, de novo como objeto sexual, de novo como objeto de repugnação religiosa. Então é mais ou menos isso assim.

*Podes falar-me um bocadinho da consideração por objeto sexual?*

É um pouco complicada essa pergunta... Não tenho opinião sobre isto.

*Falaste de que o privilegiado deve abdicar dos seus privilégios, porquê e como? Como é que o abdicar dos privilégios ajuda à emancipação?*

Se considerarmos uma corpa travesti por exemplo, ela não tem lugar, lugar de trabalho mesmo. E a gente está conseguindo agora à dura, porque a gente tem que fazer várias, várias, várias e várias formações e provar de diversas formas que a gente pode estar naquele lugar. Há algumas, poucas de nós que estão chegando a esse lugar de poder. Mas ao mesmo tempo, não adianta a gente estar nesse lugar de poder, se essa sociedade, ela realmente não abre as portas. A gente está, por exemplo, concorrendo a uma vaga, está uma travesti e está um corpo sis. A gente vive num momento em que o corpo sis, ele precisa abrir mão daquela vaga, porque ele conseguiria entrar em qualquer outra vaga e a travesti não. A travesti poderia ser a vaga da vida dela, e ela chegou e não conseguiu entrar. Porque isso é um requisito para a não contratação. Se o corpo sis e o corpo travesti preenchem todos os requisitos, então afinal o requisito último de contratação é o corpo sis. Infelizmente.

*Então a nível de emprego há uma discriminação óbvia...*

Mas não só de emprego. O emprego é só o começo, porque isso gera falta de renda, falta de renda gera não acessibilidade a uma moradia, não documentação, não alimentação. Montes de coisas e a estabilidade. Ela chega nos lugares e ela já é colocada automaticamente na marginalidade sexual. Então... quando é que essas pessoas vão começar a abrir mão, por exemplo, de um prato de comida de um restaurante, de pagar mais barato, de entender realmente o lugar de privilégio que elas têm. O que elas conseguiram conquistar.

*Tu achas que isso passa por uma questão de representatividade? Obrigar, por exemplo, a que uma empresa, um local de trabalho, admita no mínimo 10% de travestis, 10% de pessoas gays, 10% lésbicas e por aí fora?*

Então no campo das utopias poderia ser uma política pública sim. É isso, eu acho que primeiro passa por uma validação de diversos campos sociais, e na política pública realmente

começar a ter pessoas mais efetivas nesse lugar. Mas ao mesmo tempo eu fico pensando que as quotas raciais, por exemplo no Brasil, quando foram criadas quotas raciais e quando foram criadas quotas de diversidade de pessoas com deficiência, há também as quotas da população indígena. A gente começa a ter hoje, depois, sei lá, de 15 anos que essas leis começaram a ser acessibilizadas. Olha depois de não sei quantos anos de Brasil, a gente começa a ver que a população negra, a população indígena, a população lgbtqia+, a população com deficiência nesses lugares, de construção de intelectualidade, lugares... mas no trabalho ainda... algumas corpos chegaram lá, né? Eu acredito na legislação. Agora o mais roubado disso é que a gente luta contra muitas empresas né...e estamos lutando contra uma das maiores empresas mundiais, que é a igreja e começa por aí... então já a coisa fica mais complexa. Mesmo tendo shopping the queer, que aí a gente já começa a chegar num lugar. A gente assim, estou falando desse queer branco né, e privilegiado.... já começa a ter uma ascensão financeira. Aí a gente vê as gay branca, construindo um lugar social muito diferente de uma travesti, preta, entendeu? Então até dentro desse lugar, dessa sigla, há que se ter uma, um olhar muito mais aguçado assim, porque nós não estamos realmente nos mesmos lugares, sabe? E não estar nos mesmos lugares...quem é que pode andar de mãos dadas hoje na rua, mesmo pensando em Lisboa, tão cosmopolita, pensando numa Lisboa onde a gente tem um número menor de agressões como no Brasil...mas quem é que pode ainda estar nesses lugares? E eu demoro muito tempo, 3 anos, para ser emancipada em Lisboa. E até hoje ainda sofro diversas agressões na rua, então é pensar que é real assim. Começa mesma por uma das maiores empresas a nossa luta. É a não demonização do nosso corpo/templo, do nosso corpo vida, do nosso corpo orixás, de chakras.

*Há uma espiritualidade, e uma necessidade de espiritualidade para conseguires. É necessária uma força vital para combater isto tudo...*

Sinceramente é muito louco assim. Eu vou-te falar umas coisas que eu sinto que é meio forte assim. Eu acho que para você portuguesa isso, mas é uma coisa que eu sinto. Sabe, eu não nasci aqui, eu não tenho relações afetivas com esse lugar, não tenho relação nenhuma né, pensando numa pessoa que não chegou aqui, que não conhecia, que ouvia falar mas que conhecia pouquinho. Mas eu vim parar aqui. O que eu senti quando eu cheguei aqui é que tem muito sangue derramado neste lugar, assim como também tem muito ódio, tem muitas energias pesadas que estão habitando no lugar, no espaço físico, não estou falando das pessoas agora, tou falando de espaço físico mesmo. Você começa a fazer um passeio histórico em Lisboa, você vai ver essas turturas, essas dores, esses sofrimentos, tudo colocado como

um altar, como um poder. Então é muito complexo assim, você ter uma relação para além de uma relação artística e estética com a cidade, você rever assim a história e o sangue derramado nesses lugares. E nessa constante tentativa de não ser, de não ficar pensando nisso, de não ficar lembrando disso. Ainda tem essa relação imediata e agora falando das pessoas, eu sinto que a gente tem um plano diretor (não sei como é que se chama isso aqui), muito labiríntico, sabe? Eu sinto, por exemplo, que o início das minhas fugas em Lisboa era mais difícil, porque eu me perdia entre os labirintos.

*O que é que para ti significa labirintos?*

Estou falando do plano diretor da cidade, como é construída. Então o tempo foi passando e eu fui conhecendo os labirintos e fui utilizando os labirintos como ferramenta na minha fuga.

*E criavas a partir disso?*

Todo o movimento é criação. O que é que é a criação senão você tirar as coisas do plano das ideias, da reflexão e da análise e materializar aquilo. Aí sim eu considero-me um artista, eu nunca, nem a minha corpa nem outras corpas foram legitimadas neste lugar. Então assim eu subo no palco para dançar e cantar, para construir epistemologia e narrativa, mas não é para fazer arte. O que eu faço não é arte.

E isso tem tudo dessas caminhadas, dessas fugas, dessas pausas para quilombar...

*E essas fugas demoram muito tempo? E como vão acontecendo na tua vida?*

Acontecem pela necessidade, ninguém quer ter que mudar de casa no meio de um pandemia. Ninguém quer ter que atravessar a cidade para trabalhar no sexo porque não tem nada para comer em casa. É tudo pela necessidade. Que me coloca em fuga, que me coloca em movimento.

*A prostituição para ti é uma realidade?*

Sim. É uma necessidade total.

*E é uma fuga?*

É uma fuga.

*Achas que a prostituição deve ser legalizada?*

Faz sentido essa legalização para que ela passe por pautas reais. E é mesmo complexo a gente pensar na legalização da prostituição, porque quando a gente pensa nesse lugar, a gente vai

diretamente estar associado a casos de prostituição, à PJ, a muitos lugares, menos às pessoas que mais precisam, como sempre. Quantos travestis estão em casas de prostituição, onde é que é o lugar que as travestis têm que ficar, qual é a exposição que têm? A legalização ela parte de muitos lugares e aí imagina que por exemplo eu vi uma petição de uma mana, uma mulher sis, e eu fiz uma petição e mandei essa petição para ela... a legalização da prostituição seja para mulheres brancas portuguesas, então como é que a gente está pensando, de novo, nessas corpas, porque essas manas, a maioria delas... é claro que tem vários outro lugares, como por exemplo o martim moniz, em que você encontra mulheres portuguesas também, principalmente senhoras, que já não são mais recebidas pelas casas, os lares de crack, porque já não têm o corpo, já não têm mais a idade, a estética que as casas querem... se você for também ali perto de picoas, o parque eduardo sétimo também. Então vários desses lugares a gente encontra senhoras portuguesas mas tb não só portuguesas, de origem diversa, nesse lugar da prostituição. Assim como no conde redondo, vários travestis estão lá há mais de 20 anos... segurando os pontos das ruas e... nunca seriam ameaçados pela população. Até mesmo a classe das prostitutas, que já conseguem acessar esse lugar de fazer uma petição, de ir a uma assembleia legislativa e podendo falar sobre isso, elas não estão colocando a gente como pauta... muitas vezes mesmo essas diferenças não são acolhidas e consideradas. Muitas vezes mesmo, quase sempre... são pouquíssimas pessoas que realmente vão construindo esse lugar de...de ai eu acho que nem tem uma palavra né? Eu acho que é difícil colocar aqui...este sítio é tão religioso, e é essa mesma religião que não vai colaborando em nada... é um lugar sagrado porque as nossas corpas são sagradas né... todo o corpo é sagrado, o corpo é um templo. E aí o que é que a maioria das pessoas vão compreender, porque ao mesmo tempo que vem uma sensação de cumplicidade com o ser humano, vem uma necessidade de...está acabando tudo, ninguém vai ter mais dinheiro amanhã. Então asism, essa utopia que pareceu...esse movimento inicial da pandemia, que vamos agitar, vamos dar assistência básica, vamos dar auxílio, né? Que faz “tirar do meu” e colocar na mão da travesti para ela pagar o aluguer, porque se eu tenho um quarto com renda, 5 alugueres em dinheiro, posso tirar um e pagar para a travesti morar né? Mas aí a pandemia vai passando, o povo vai percebendo que realmente vai estar mais tempo do que podia durar e você vai percebendo de novo como é que o movimento não acontece, não é? Esse movimento transformação, de mudança de novos tempos. Ele não acontece, a gente só reforça esse processo em cada uma das pessoas que tipo. Nem a própria comunidade, nem a própria galera LGBTQIA+ e as suas várias diversidades se auxiliam. O que esperar de um corpo sis?

*O que esperar? Então mesmo dentro das próprias comunidades há desigualdades, e há revoltas, há lutas? Que é que tu farias para mudar isto?*

Eu volto a dizer que não é uma coisa que eu possa fazer para mudar entendeu? O primeiro grupo de pessoas que tem que mudar são homens brancos, sis. Depois mulheres brancas sis. Depois a comunidade cisgénero como um todo. Depois a própria comunidade LGBTQIA+. Então tipo assim a gente está falando numa mudança social como um todo, não tem como ativar uns micro espaços, porque aí a gente fica em fuga, nesses encontros a gente dialoga como a gente vive mais tempo e se cura de algumas feridas, ou como a gente estanca aquela ferida que está aberta, há muito tempo.... não tem muito que fazer pensando na linha da individualidade, o meu trabalho é de fuga e não de tentar mudar o mundo sabe? Quem tem que mudar o mundo são as pessoas que têm o privilégio de não estar em fuga. De chegar em casa, de poder estar tranquilas de cabeça, pode ficar preocupada sei lá, com uma depressão ou por causa destes momentos pandémicos, mas ela tem o que fazer, vai lá e ajuda a mana, vai lá e fala sobre as várias emancipações de corpos que não estão nesse lugar. Não é um papel nosso sabe, que não está nesse lugar de... nesse estado.

*Mas a fuga permite-te lutar? Se é uma forma de luta?*

Não. Eu inclusivamente estou correndo de luta também. Sabe essa coisa de luta, de resistência. Essas coisas que são análises ininterpretativas, já eram tidas para corpos como as minhas... as pessoas já esperam que eu seja essa pessoa de luta, de resistência e não... Sabe eu entendo cada dia mais que quem tem que fazer isso é essa galera que está no privilégio. Eu não tenho que lutar por nada e eu não tenho que resistir nada. Eu posso fugir inclusive dessa resistência.

*Há pouco falavas em fuga por labirintos de ruas, há outras formas de fuga para ti? Por exemplo ler um livro ou estar em recolhimento espiritual?*

Isso é privilégio gata...

*Então dá-me exemplos tu, já que eu sou ignorante...*

Ah num momento de fuga, ir à praia e tomar um banho...

*Qualquer pessoa que se identifica com o sexo feminino tem uma necessidade de chegar ao lar, fazer o retorno, eu acho muito que o que me descreves como fugas são estes retornos ao lar, a um estado selvagem, instintivo. Algo que todas a gente que se identifica com o género feminino tem que ter necessariamente na sua vida para se alimentar e para conseguir ter*

*energia para depois qualquer tarefa... e que são tão simples como mergulhar no mar, subir a uma árvore, ler um livro, escrever, criar... e que permitem esse regresso*

*Tu sentes-te feminina?*

Eu não tenho género. Eu acho que tenho pouco conhecimento dessa palavra específica para te dizer que eu sinto isso. Feminina...

*Mas é pouco conhecimento porque não te identificas e portanto não queres conhecer ou é por outra razão qualquer?*

Ah eu acho que é porque tipo... eu sou uma travesti que foge de muitas coisas assim que são impostas para este nosso lugar sabe? E a maioria de nós das próprias travestis géneris, a gente faz do nosso corpo o imaginário social do homem. E o imaginário social do homem não é a mulher, nunca foi a mulher. É alguma coisa que trespassa essa realidade. Porque a gente conhece muito bem como são as mulheres. Elas são mulheres reais, e como está sendo inclusive a luta dessas mulheres sis contra o imaginário social do cara. Então a travesti também, ela passa por esse lugar ne, ela ainda é o imaginário do cara perante o olhar de uma mulher sis. Então...

*Quando tu queres dizer imaginário social do homem é o quê?*

Imagina o que é que o cara, imagina que é uma mulher bonita, uma mulher atraente, uma mulher que ele vai levar para a cama. Uma mulher que ele vai olhar com bons olhos, que vai tratar com educação, respeito, não vai jogar uma pedra, não vai bater com um pau. Então tipo essa mulher começa por isso. Ela é a mais próximo de uma mulher sis. Contudo, essa mulher sis, ela ainda está no imaginário de novo desse cara, que é a mulher magra, uma mulher loira, uma mulher submissa, uma mulher sabe que fala fino, que fala baixo. Todos esses imaginários que estão envoltos nesse corpo feminino. Ele vai ser transferido para o corpo da travesti. O que acontece é que tipo muitas de nós vai entendendo que quando a gente busca essa possibilidade social, que é passar socialmente enquanto um corpo sis, uma mulher sis, aí a gente acaba ficando cada vez mais indisciplinizada socialmente. Porque socialmente, mesmo que a gente seja a máxima dessa mulher, a gente nunca vai ser reconhecida enquanto um corpo potente, um corpo que cria, um corpo que está apto para fazer qualquer coisa. E não apenas ser esse objeto sexual, essa caxinha de porra dos caras... é um pouco complicado assim você pensar em qualquer tipo de mudança social, e pensar também como é que a gente vai delineando isso.

*Então não te identificas com essa caixa do feminismo, certo?*

É isso né? Então existe por exemplo um movimento feminista que eu sou totalmente a favor de muitas das pautas, mas é isso é um movimento, que não me representa. Que está colocando outras mulheridades.. mas por exemplo eu vejo a concentração que aconteceu aqui em Lisboa do movimento feminista, que tinha muitas alas e que falavam coisas importantíssimas, ao mesmo tempo eu vi duas alas por exemplo lá no final, uma estava gritando: punição à prostituição, ou seja, termina de matar as mortas, elas estavam falando “pega as mulheres mortas e termina de matar elas”. A outra ala fazendo preconceito lá com uma mana travesti que estava no rolé, então você faz o quê?

Acho que é aí, eu me identifico com o movimento feminista, com o feminino em diversos lugares, em diversas pautas. Mas não é um movimento que me completa, que me recebe. Então eu não posso te falar que sou femina e feminista.

*Mas há autoras como a Judith Butler...*

Acho muito lindo essa desconstrução de várias mulheres. E como eu fui também nesses lugares de fuga que eu te falo. As pessoas que recebem a gente ou são outros travestis ou são mulheres pretas. Ou mulheres portuguesas. Essa mulheridade é a mulheridade que eu gosto de ver, mas ao mesmo tempo a gente sabe que não são todas e quem sou eu travesti também para ficar colocando e falando sobre pautas de movimento feminista, sabe? Que já foi conquistado e que já passou por muita coisa. Eu procuro fazer a minha própria política.

É muito complexo, se eu tiver que ficar esbarrando de frente, combatendo em causa, se eu tiver que ficar nas reuniões para falar como esse povo está sendo realmente excluído de diversos lugares nas nossas relações sociais, mesmo em movimentos políticos, é muito complexo né? Eu preciso viver e não me matar, porque isso é um processo de morte, ter que ficar fazendo esse trabalho.

*Mas sem a tónica do feminismo, consideras-te mulher?*

Sou uma mulheridade.

**Miss P.**

*Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

Hum... Enquanto ser humano a mulher tem à partida um desejo que nasce e vem desde a sua infância que é o desejo de ser mãe. Esse é um dos principais desejos normalmente que as mulheres sentem, não é que todas as mulheres o sintam mas, no meu caso, quando falas em desejo de mulher eu pensei logo na maternidade. Que é isso que distingue o desejo entre um homem e uma mulher, claro que o homem também tem o desejo de paternidade, mas numa concepção diferente, porque a mulher passa por todo o processo de gravidez e dar à luz. Hã... agora, outro tipo de desejo, para mim esse desejo, posso relevar, que já senti o relógio biológico hã... que foi uma época um pouco, uma fase conturbada, em que estava muito sensível, mas essa parte da minha vida acabou por passar, não sei se passou completamente, se vou voltar a sentir mas foi um dos desejos que eu senti que agora não sinto.

*Foi quando tiveste o problema no Luxemburgo?*

Não. Foi quando regresssei a Portugal, inclusive. Parecia que via mulheres grávidas em todo o lado. Sim, só via mulheres grávidas em todo o lado, casais e não me fascinava o contacto com os objetos, só queria era objetos de criança, tipo biberons, brinquedos, estava muito focada nesse... quando ia ao supermercado era para lá que os meus olhos iam. Portanto foi o relógio biológico certamente porque eu depois falava nisso e foi na altura em que eu sentia o desejo de procurar supostamente o pai dos meus filhos. Mas isto foi um desejo que passou.

*Foi um desejo que passou, mas tu já o tinhas sentido antes? Estaria em ti desde pequena, desde a infância?*

Na infância pensava em ser mãe, tinha estipulado mais ou menos uma fase da minha vida para isso acontecer, um ano da minha vida para isso acontecer e talvez tenha sido por isso, quando chegou esse ano, que eu tinha estipulado, que supostamente ia acontecer nesse ano, como não aconteceu, parece que foi o meu íntimo a dar sinais, de que está na altura de isso acontecer mas como é que vais fazer para isso acontecer se não é a altura indicada. Então passei por essa fase. Tive esse desejo.

*E o que é que tu sentiste durante essa fase?*

Fiquei assustada porque, lá está, eram as imagens que me vinham à mente, sem eu propriamente pensar em querer as ver, porque elas vinham ter comigo. Eu lembro-me de estar à tarde no autocarro e de ver grávidas. Mas eu não estava a pensar, olha deixa-me cá prestar atenção a ver se encontro alguma mulher grávida, alguma mulher com um bebé. Não. Isso acontecia naturalmente, então eu ficava assustada por isso acontecer naturalmente. Hã... até

cheguei a pensar que podia estar grávida, mas era impossível...ou que pelo menos tivesse uma gravidez que também acontece...aquelas gravidezes de simulação. É uma simulação, o teu corpo, tú, acreditas tanto que estás grávida que o teu corpo começa a criar mecanismos próprios de uma gravidez.

*Isso é possível?*

Eu acho que sim, que é possível. Mas não estudei isso cientificamente. Mas de facto o período não me veio durante esse ano inteiro. Foi. O período não veio...

*E tu acreditaste mesmo que estavas grávida, a certa altura?*

Fiquei assutada, pensei que podia estar grávida, mas não havia a mínima hipótese, mas ainda cheguei a fazer testes...

*Testes de gravidez?*

Sim.

*E tu estavas com alguém nessa altura?*

Não. Estava com a minha mãe. Mas eu lembro-me que fiz uma limpeza geral à casa na altura, no sentido de parecia que queria ganhar espaço para se um bebé viesse, deitar tudo o que era lixo fora e ter a casa organizada...e tava a fazer isso com muita...de uma forma, não é feroz, mas...hã...determinada ou, fiz isso assim muito rápido e muito por instinto... foi, pronto. Foi um dos desejos que me aconteceu...

*Quanto tempo é que durou e porque é que passou*

Foi mais ao longo desse ano, quando tinha 28.

*E depois passou assim de repente?*

Depois acalmou. Hã...se calhar também por ajuda médica não é...(se bem que eu nunca falei disto com a médica, ela é que me chegou a perguntar se eu estava grávida...se calhar foi por isso que eu depois acreditei que poderia estar grávida...olha não sei...)

*Que sensações e emoções tinhas?*

Engordei, comia mais, tinha mais apetite e emoções chorava, começava a chorar descontroladamente.

*E não tinhas qualquer controlo sobre essas emoções que sentias...*

Era pensar que estava tudo perdido, o meu sonho, estava tudo perdido. Que não ia atingir esse objetivo.

*Era algo muito profundo que tu tinhas...*

Agora já não tenho, porque passou, acabou por passar. Fisicamente sentia mais ansiedade.

*Como é que se demonstrava essa ansiedade em ti?*

Porque muitas vezes não sabia como agir. Ficava perplexa e não sabia o que é que havia de fazer. Não sabia como atuar. É como se eu não soubesse simplesmente se havia de me sentar, se havia de me levantar, se devia ir...fazer o comer. Não sabia o que havia de fazer...estava mesmo parada, perdida...sim (uma frustração) ...

*És uma mulher com muitos desejos?*

Depende do meu estado de espírito. Por exemplo, se falarmos em termos de desejo sexual, depende do estado de espírito. Depende de como me sinto nesse dia ou nessa noite, sei lá. Mas, outros tipos de desejo...sim, acho que depende de como é que me sinto, mas se sou uma mulher com muitos desejos...esse desejo de ser mãe acabou por acalmar. Antes era como se fosse um objetivo, agora não, não é um objetivo, é se acontecer é mesmo porque será obra do destino. Entendes? Agora em termos de desejos puramente sexuais...depende de como me sinto mesmo e de como também se existir oportunidade para que isso aconteça... tem que haver um acordo entre o casal, ambas as partes

*O que é que queres dizer com um acordo?*

Um consentimento, estamos os dois de acordo para que isso aconteça. Tu até podes estar com desejos, mas se perceberes que a outra pessoa não está prai virada, não se vai proporcionar...

*Sentes-te desejada?*

Sim...(?)

*Tú costumavas falar com o teu parceiros sobre os teus desejos?*

Sim, já falámos sobre isso.

*Falam ocasionalmente, excepcionalmente ou regularmente?*

Hã...falamos quando se proporciona, quando se proporciona. Ser mãe já falamos sobre isso e ambos chegámos a um acordo que não ia acontecer, pelo menos por agora.

*E desejo sexual?*

Sim...hã...vontade de estarmos juntos e que isso se proporcione mais vezes...já falámos nisso.

*Já lhe destes ordens, quando estão numa relação sexual?*

(silêncio) hã...ordens... já disse o que é que gostava mais. Mas não gosto muito de dar ordens nesse sentido porque senão, quer dizer é bom por um lado, mas por outro também parece que perdes a concentração... hum...em usufruir do momento. Acho que se a pessoa fizer com instinto é melhor.

*E ele já te deu indicações também nesse sentido?*

Hã, hã. Sim.

(mudando de tópico) Desejo de comida também acontece frequentemente, portanto eu tenho muitos desejos. São mais do que os dele. Ele gosta mais de fazer as compras no supermercado, mas depois eu elaboro mais as receitas.

*Qual é a diferença entre o desejo e o prazer?*

O desejo é o início, é o primeiro passo para tu depois concretizares e teres prazer. Bem, tu também podes ter prazer, por exemplo, não estares com um desejo até concordas com o teu parceiro em ter relações e, depois, proporciona-se o prazer.

*O prazer é individual ou o prazer acontece sempre a dois?*

Dizem que primeiro nos devemos conhecer a nós próprios. Eu acho que pode ajudar mas não tem nada a ver...

*E não tem a ver porquê, o que é que é diferente?*

Porque cada pessoa tem as suas sensibilidades. A sua sensibilidade e pode tornar a relação diferente e ser ao mesmo tempo prazerosa. E depois outra coisa, não é simplesmente o facto de teres um orgasmo que tens um prazer da relação.

*Porquê?*

Então, claro que se tiveres acabas por, supostamente, ter uma... um acto sexual completo. Mas não quer dizer que seja mais prazeroso no seu todo.

*Há diferentes formas de prazer, o orgasmo é uma delas, mas não é a única?*

Sim.

Podes falar-me um bocadinho dessas outras formas de prazer?

Então...podes ter simplesmente prazer num abraço, quando dele necessitas, num beijo...e podes ter esse prazer pode ser muito instantâneo e muito intenso, muito mais intenso naquele momento do que teres um orgasmo!

*O orgasmo acontece sempre a dois, ou é possível provocar um orgasmo sozinha?*

É possível sozinho. Porque primeiro, supostamente, tu conhecestes a ti próprio.

*Tu provocas o teu próprio prazer?*

Às vezes. Sim...

*Há alguma diferença entre estimulares-te a ti própria ou seres estimulada por outra pessoa?*

Eu acho que sim, que acaba por ser diferente porque a pessoa quando está a estimular-se tem a sua própria sensibilidade, que a outra pessoa também tem, mas de uma forma diferente porque está a fazer a outra pessoa.

*É mais fácil alcançares prazer sozinha ou a dois?*

Sozinha. Não, espera lá, quer dizer, prazer....orgásmico sim.

*Mas tu comunicas com o teu parceiro, portanto tu falas com o teu parceiro sobre os teus desejos sexuais, então porque é que é mais difícil com um parceiro?*

Hum...(silêncio) É tudo física e química acho eu. Lá está, sozinha se calhar atinjo um orgasmo mais facilmente, não quer dizer que tenha mais prazer. Simplesmente a relação de ter o acto é completa, parece que termina não é. Enquanto com alguém acaba por ser durador, parece que não termina. Ou seja, a vontade é sempre de mais e de mais...

*E vocês têm objetivos para o acto sexual?*

(silêncio) Não, nunca falámos sobre isto.

*E alguma vez tiveste um orgasmo em simultâneo?*

Acho que não.

*E quando estão juntos, quem é que tem orgasmos mais vezes?*

Na relação entre casal acaba sempre por ser o homem mais fácil, atingir para o homem. Porque os homens se calhar libertam-se mais facilmente que as mulheres. Porque os homens conseguem fechar um assunto e estar só dedicados àquele assunto, e a mulher está sempre com 1001 pensamentos, pelo menos eu sou assim.

*E é por isso que é mais difícil para a mulher (risos)... Tu alguma vez falaste com algum dos teus parceiros ou deste indicação ao teu parceiro de que querias ter sexo naquele momento para que tu atingisses um orgasmo? Um orgasmo teu?*

Eu acho que isso nunca acontece comigo porque ainda não estou a viver sempre com o meu parceiro.

*Então se vivesses com ele seria diferente e colocarias essas questões, possibilidades?*

Sim.

*E porque é que seria diferente, estando a viver com ele?*

Porque iria surgir mais oportunidades...

*E porque é que o facto de agora terem menos oportunidades influencia o facto de haver um ou não um orgasmo feminino?*

Quanto mais tempo passares com a pessoa, mais probabilidade de estares predisposta a isso acontecer... A probabilidade de estares predisposta a isso acontecer pode aparecer durante esse tempo, porque estás com essa pessoa.

*Então tu ainda não sentiste esse desejo, essa vontade? Ou essa necessidade... De ter um orgasmo feminino a dois.*

Já senti. Sim, mas... E já trabalhámos nisso...

*Fala-me um bocadinho mais sobre isso...*

Lá está é aquela cena de supostamente estares a dar as ordens, as instruções, isso tudo...

*E conseguiram?*

Quase... Não totalmente

*Achas que há algo ou alguma coisa ou alguém, que impede ou oprime o teu desejo e o teu prazer?*

Só se for eu própria. Não sei. Não consigo responder.

*Tu achas que os homens e as mulheres estão em termos paritários no que diz respeito à vivência da sua sexualidade?*

Eu acho que para os homens, eles encaram de uma forma mais natural. Por exemplo, é bom para eles como uma forma de demonstrar à parceira o seu desejo por ela. Enquanto que as mulheres é mais para demonstrar romantismo.

*Romantismo para agradar ao homem?*

Não, mesmo para... por vezes a mulher pode apenas estar a ser carinhosa e o homem interpreta logo isso como vontade de desejo. Normalmente os homens pronto, podem pensar logo nisso.

*O que é que sentes quando tens um orgasmo?*

Cada um é diferente mas... é como se fosse um descarregar de energias... por exemplo, deixa-me pensar...fisicamente é mesmo o pulsar do sangue, é mesmo uma libertação de hormonas quando fazes por exemplo exercício físico. Também ficas super aliviado e descontraído e parece que o teu cérebro funciona melhor, estás mais concentrado. Pronto, é a mesma coisa que o exercício físico. Mas, como é que eu hei-de dizer, não consigo descrever propriamente porque cada um é diferente... Associo se calhar às borboletas no estomago.

*Falas de desejo/prazer com outras pessoas?*

Hum...já falei, sim. Agora falo mais com o meu namorado, mas depende das ocasiões. Antes disso quando tinha parceiros ou namoricos, falava ou com amigos ou com companheiros na altura. Amigos e amigas.

*E com todos, ou tinham que ser escolhidos a dedo?*

Não, tinha um amigo em quem confiava.

*Já pensaste alguma vez falar disto em grupo?*

Sim, também já se falou num grupo de amigas. Como tema recorrente nunca aconteceu.

*Falas de desejo/prazer com a tua família?*

Falo. Falo com as minhas irmãs.

*Sentes que há culturas ou etnias mais abertas ao prazer?*

Sim, eu sinto. Os brasileiros por exemplo, são mais calorosos. Mas por exemplo os nórdicos também, eu não tenho tanta experiência em relação aos nórdicos, mas também sei que eles encaram a sexualidade de forma muito natural...

*Achas que falar de desejo e falar de prazer feminino é um tema tabu na sociedade portuguesa?*

Talvez sim. Não tanto agora. Olha por exemplo, quer dizer, vê-se mas é mais na brincadeira, também naqueles programas da manhã, que falam nisso. Mas daí a existirem mesmo documentários, em pormenor em português não vejo isso a acontecer.

*O que é que prende as pessoas de falar?*

Porque senão também quebra um pouco a magia... toda a magia de ter a relação.

*Já alguma vez entraste numa loja erótica?*

Não. Que eu me lembre não.

*Porque?*

Porque...sei lá, nunca calhou...não. Não gosto muito dos objetos que lá estão. Não gosto!

*Mas porquê?*

Porque... Não sei Mariana! Podem ser brinquedos bons para estar a usufruir deles, não digo que não, mas... pa não sei só experimentando...

*Nunca te deu vontade de experimentar?*

Já deu vontade de experimentar mas simplesmente não... ..não pensei nisso e não concretizei a ideia, porque, por exemplo, há certas coisas que eu acho piada e que torna a situação assim numa espécie de brincadeira e divertida, e portanto acaba por ser mais prazerosa, mas há alguns objetos que não acho que sejam muito úteis...

*Então tu tens alguns brinquedos sexuais?*

Umhas algemas. Porque me ofereceram.

*E tens mais alguma coisa?*

Não.

*E tens interesse em algum dia vires a adquirir alguma coisa, algum brinquedo erótico?*

Oh, posso experimentar, sei lá. Posso experimentar os brinquedos que lá têm mas não estou a ver assim nenhum especificamente.

*Porquê?*

Lá está, porque acho que, porque a relação em si tem mais prazer se formos nós próprios, não sei... A usar o nosso corpo sim.

*O que é que achas da pornografia para mulheres?*

Pornografia para mulheres? Como assim? Também para homens não é? Pornografia no geral?

*Não. Pornografia para mulheres. Há pornografia para mulheres. São filmes feitos só para dar prazer às mulheres, dar prazer dizem eles...*

Opá isso, eu não sei que filmes é que são esses, para mulheres ou para homens... Por exemplo se for para mulheres se calhar é mais soft não é... as imagens que transmitem, se calhar têm mais cuidado, são mais cuidadas, deve ser por aí...

*O que é que tu queres dizer com mais cuidadas?*

Assim mais do estilo, em vez de ser profundamente pornográfico, assim mais erótico...

*Qual é a diferença entre pornográfico e erótico?*

Então, pornográfico é quando tu concretizas mesmo o acto sexual e o erótico é mais do género só andares ainda tipo a fazer tudo o que é envolvente... eu acho que erótico, mas eu não sei também muito bem dizer, por exemplo, tu fazes um strip tease, isso é considerado erótico, estás a provocar ou a criar desejo ou, pronto... agora se estiveres mesmo, por exemplo, envolvida no acto já é pornográfico...

*Tu costumavas provocar para dar prazer?*

Provocar o quê?

*Provocar, de forma erótica, por exemplo o teu namorado...*

Hã... pois... isso é assim tipo um fetiche meu... mas realmente eu não tenho muito jeito para isso estás a ver, então nunca se concretizou.

*É uma fantasia que tu tens que ainda não se concretizou?*

Então essa fantasia do provocar.

*E porque é que achas que não tens jeito?*

Porque, porque, porque sei lá, acho que... acho que o provoço mas noutra sentido. Acabo por provoca-lo, mas não é quando eu tenho intenção de o fazer que o vou concretizar. Acho que acaba por acontecer, não sei...tenho que falar com ele sobre isso, por acaso...

*E ele provoca-te ou não? Ele arranja fantasias ou histórias, ou algemas...*

Sim, provoca no sentido de mostrar desejo. Mas eu também mostro, sim eu também mostro.

*Sentes-te satisfeita em termos de concretização dos desejos?*

Sim.

*Achas que há línguas mais associadas ao desejo e ao prazer do que outras? Também pode ser uma forma de provocação usar uma língua diferente, por exemplo...*

*Tens algumas estratégias para criar esses contextos?*

Para mim, na altura em que tive uma relação noutra língua, era muito mais interessante, excitante nesse ponto. Por causa da língua, também. Era talvez por ser diferente.

*Alguma vez tiveste uma relação com uma mulher?*

Que me lembre não.

*Alguma vez beijaste uma mulher?*

Não.

*E porque é que isso nunca se proporcionou?*

Hã...porque porque porque porque quer dizer, porque não acho que se proporcionou na altura no sentido da descoberta da fantasia nessa altura da adolescência, mas não mais do que isso.

*Não tinhas vontade, ou desejo...*

É assim tinha no sentido de perceber como é que era o desejo feminino... sim, nesse sentido sim, para perceber em que ponto é que esse desejo pode acontecer entre mulheres...

*Então porque é que nunca exploraste essa possibilidade?*

Não se proporcionou, sei lá.

*Alguma vez te interessaste por alguma mulher?*

Interessar... hum...na altura da adolescência interessava-me no sentido de perceber como é que as coisas funcionavam. Depois mais tarde achava que o corpo da mulher era mais bonito que o do homem, mas daí ao ponto de me interessar propriamente por alguém. Não.

*Como é que é viver o desejo e o prazer em tempos em que temos que estar isolados uns dos outros, como é que é isso?*

A maioria dos casais que eu conheço estão juntos não é...para eles é mais fácil, eu nunca estive junta com o meu namorado, por isso a única situação que é diferente é mesmo o tempo de distanciamento entre estarmos juntos ter sido maior. Por isso é que não aguentámos e rompemos a quarentena.

*E isso traz-vos mais excitação, desejo, prazer?*

Sim. Foi mais intenso. Foi um pouco estranho porque parece que já não sabes bem como é que has-de atuar, mas depois deixas fluir e flui até melhor.

*Onde é que sentes mais prazer? É no sexo oral, vaginal ou noutra forma?*

Não isso depende de como é que eu me sinto. Eu não te consigo dar uma resposta para isso.

*Mas então és aberta a várias formas?*

Sim. Posso não estar a pensar e pode ocasionalmente ele estar a dar um beijinho em certo sítio e nesse sítio ser espetacular nesse dia. No outro dia ele vai lá e pode já não ser.

*Quando falávamos de dar indicações, ordens para dar prazer à mulher, depende do dia, não tens uma estratégia fixa, é naquele ponto, naquele sítio...*

Eu só não dou tanto porque eu quero usufruir daquele momento. Se eu estiver a dar, parece que não estou a usufruir tanto... pelo menos no meu cérebro, não me consigo desligar a 100%. Claro, eu vou dando uma ou outra, naturalmente mas isso também se manifesta pela tua respiração, pela forma como estás a gemer e essas coisas.

*Já fingiste alguma vez?*

Já menti, mas não fingi. Menti que tive um orgasmo, mas não tive. Porque prazer eu tenho sempre.

**Miss S.**

*Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

O meu desejo mais intenso é poder deitar a cabeça no travesseiro à noite e fazê-lo não só em paz comigo, mas também profundamente feliz por eu ser genuinamente eu comigo e com quem está ao meu lado. Do mesmo modo, quem estiver ao meu lado sentir o mesmo, sem ilusões, jogos ou ficções. De resto, todo o amor que houver nessa vida guardado para mim. É isto.

*O que é que significa para ti o desejo da mulher?*

Eu acho que desejo é desejo, acho que por-lhe um género não me faz muito sentido. Desejo é desejo. Ponto. Eu acho que só faz sentido colocar-lhe género se tu quiseres enquadrá-lo histórico politicamente, ou seja, de facto, ainda hoje é estranho as mulheres falarem de desejo. Aliás quando nós falamos de desejo, repara, quando falamos sobre as possibilidades de bibliografia, tens um livro que fala sobre as fantasias sexuais e a sexualidade da mulher em PT, épá seculo XXI. Nem é daquelas conversas, parece que nós temos algum pejo de ainda ter conversas que falem de forma aberta, substantiva e normal sobre quer a nossa sexualidade quer o nosso desejo. Aí sim, a discussão de género fará algum sentido, mas está para além disso. Está para além de um papel histórico, político e económico que nos calha, em que muitas das coisas têm que ser ganhas a pulso. O direito a falar sobre o nosso desejo e a achar que o desejo é algo legítimo na nossa vida e que o devemos viver de forma plena e absoluta é algo que lamentavelmente parece que ainda tem ou que necessita de algum tipo de justificação. Parece que... continuamos um bocado com aquele estereótipo: não a mulher é mais emotiva, é mais das emoções numa relação e não se prende tanto... isso ainda vinga, infelizmente. Só nesse contexto é que eu falaria de um desejo da mulher. Nesse sentido de ganhar espaço, aquela coisa do lugar de fala, de tu poderes de facto dizer, ele existe é bom que exista, é bom que se fale e é bom que não tenha nenhum tipo de eufemismo.

*E tu achas que isso acontece porquê?*

Porque tu tens um lugar histórico e político que te relegou para não teres desejo, não teres prazer, não teres sexualidade, não teres nada porque isso é perigoso. Porque por uma questão de autonomia, voltamos ao mesmo. Tens toda uma moldura, patriarcal obviamente, que foi criada para controlo. Aliás, a questão da sexualidade da mulher está sempre muito ligada até à própria histeria da mulher, ou o padrão de quase degeneração, se a mulher de facto tem... e continua até hoje, basta pensar numa coisa tão simples, se tiveres um homem a falar livremente sobre as mulheres com quem se relaciona e que estão muito bem num one night stand ou outra coisa, mas se tiveres uma mulher a verbalizar rigorosamente o mesmo, mesmo

as mentes mais polidas e abertas ficam assim, tipo olha tão, mas tu andas a fazer one night stands com quem não conheces e vais assim para... porque, lá está, é forte, o preconceito está lá, o controlo está lá e vingam há séculos e portanto o desejo da mulher é uma coisa muito encapsulada, que tem que estar obrigatoriamente ligado a muitas emoções, a muito recato, que tem que ter um foco muito específico. Uma mulher com um padrão de desejo assumido e repara e quando falo de desejo não quer dizer que tenha que ser poliamoroso e absoluto, mas só o seu desejo assumido e verbalizado e segura dele é algo que assusta! É assustador porque não é hábito.

*E assusta maioritariamente quem, os homens?*

Assusta todos, porque nós não estamos habituados. Noutro dia estava a ver uma capa de revista de verão e se reparares as revistas que são feitas para as mulheres, quase sem exceção aparecem com as não sei quantas dicas (há milhares de artigos e todos os dias), dicas para ser, não diria para prender o seu homem, mas para estar mais à vontade, para se desinibir, para seduzir. Pá, é ridículo quando tu... quer dizer devia ser uma dado que as mulheres declaram como querem viver o seu desejo e que o vivem plenamente. Quando tu tens a necessidade ainda de vir com essas tretas das dicas para a plenitude do desejo e do sexo e não sei quê, é porque tu sabes que isso não é assim, que as mulheres calam, que não se sentem à vontade, porque até por muito modernaças e desempoeiradas que sejam acham que estar a falar livremente disso as coloca num sítio quase de semi-putéfia, tens lá isto. Tá agarrado a isto.

*Para ti desejo e prazer estão relacionados?*

Para mim estão intimamente relacionados, parece que estamos a falar de desejo como nascente e prazer como foz. Eu acho que não necessariamente tem que ser assim, se o desejo vem antes ou se o prazer vem antes não sei. O que é que dá origem. Mas sim acho que o desejo é intrínseco ao prazer e vice-versa.

*Sentes-te desejada e que praticas o teu desejo?*

Sinto que é sempre uma aprendizagem, ou seja, uma coisa é o que tu sentes e outra coisa é como o vives e dás por ti de facto a aperceber-te que o vives com os constangimentos lá está do que te ensinaram, do que viveste, do sítio onde está, quem tu achas que és, das experiências pelas quais passaste, portanto, eu acho que para mim, pessoalmente, a vivência do desejo, a competência que eu tenho para o acolher, para o viver na sua plenitude, foi algo

que eu aprendi com a idade e pelas pessoas que foram passando pela minha vida, como é evidente.

*E agora expressas esse desejo à vontade?*

Á vontade é sempre aquele horizonte utópico, eu gostava de achar que sim, muito embora tenha noção que não. Que há momentos em que ou isto ou aquilo... agora acho que estou num ponto em que estou consciente quando eu não vivo na plenitude ou quando estou à vontade, eu já tenho em mim a consciência dos porquês. O que eu faço com eles é outra coisa, não é? Se os resolvo, se os verbalizo. Agora tenho a consciência deles porque de facto estou determinada a vivê-lo da forma mais livre e absoluta possível, porque é um direito alienável que nos assiste, não é?

*Sentes-te desejada?*

Uns dias mais outros dias menos, mas sim já me senti muito desejada sim, e aspiro continuar a sentir-me desejada. Acho que toda a gente o deseja. Lá está, o desejo seja de que natureza for quer-se de dois sentidos senão não se alimenta.

*Para ti o prazer é individual ou o prazer atinge-se sempre a dois?*

Eu acho que há prazeres muito individuais e até saindo do plano estritamente sexual, há prazeres que são muito íntimos, são muito meus e que eu nem sei muito bem como partilhar. Não é por ser egoísta, é porque de facto alguns são profundamente egoístas, porque são prazeres que eu fruo individualmente. Mas também há prazeres que são obrigatoriamente partilhados. Se nós falamos de desejo e de sexualidade, há anos, há prazeres que são muito nossos e há prazeres que são partilhados e é bom que seja assim, saudável e que não haja cá essa confusão de uma coisa tira pujança à outra. É prazer.

*Podes partilhar um prazer individual que tenhas? Um prazer ou uma fantasia?*

Eu tenho um enorme prazer de ter momentos em que eu de facto consigo afastar-me das pessoas e fazer algo que me alimente. Coisas tão simples como: ir até à praia e fazer a minha sessão no ginásio, embora esteja com pessoas, epá estar desligadíssima. Mimar-me, seja de que forma for. Por exemplo é prática minha convidar-me para alguma coisa, dar-me um jantar, convidar-me para almoçar, para ir ao cinema. E isso são prazeres muito meus. Isso não quer dizer que eu não goste de os partilhar, adoro fazer isso tudo com alguém, sobretudo se a

pessoa me é significativa. Mas preciso disso na minha vida e preciso de quem está na minha vida que entenda isso.

*E isso é fácil ou por vezes é difícil?*

Eu já tive pessoas que sentiram... acho que isso tem a ver com a maturidade não é... eu própria em alguns momentos quase que sentia pejo em fazer, porque parece que és, sobretudo quando estás em parilha, tu achas que deves maximizar o tempo que podes para partilhas, para estares... e aprendi que o estar sozinha também é uma partilha, também é uma construção naquilo que tu estás. Porque és tu dentro dessa relação, e o tú dentro dessa relação precisa desse prazer, para ter outros.

Tive tudo, tive quem entendesse, quem não entendesse. Tive-me a mim às vezes a não me entender muito bem. Volto ao mesmo, desejo, prazer, qualquer emoção, qualquer elo com o outro são coisas que nós só vamos entender com o tempo.

*Passando à dimensão sexual, como é que para ti funciona o prazer, sexualmente. E se tu provocas o teu próprio prazer ou se isso acontece sempre a dois?*

Claro que me masturbo e acho que deve ser uma prática que toda a gente deve assumir. Lá está outra coisa que está metida no saco. Parece que não, que ninguém se masturba, ou se masturba é porque está desesperado e está desesperada. E se está em relação, não! Vai masturbar-se para quê?? Acho que faz muito bem, estejas em relação ou não. Acho que faz parte de uma sexualidade saudável.

*Há diferenças de prazer entre mulheres e homens?*

Prazer é prazer. Desejo é desejo.

*Se tivesses que escolher uma linha de feminismo, qual escolherias e porquê?*

Eu tenho autoras das quais sou mais próxima. A Judith Butler é uma delas. Tudo o que conquista direitos e que aborda as questões de género de forma séria, tudo o que também coloca um pé em queer studies, para mim é determinante. Portanto eu jogo um bocadinho nessa área. Eu acho que o feminismo é essencial 'tout court' e continua a sê-lo porque continuamos num mundo em que urgentemente... aliás acho que até tem uma urgência maior por nós já acharmos que há uma série de coisas que estão adquiridas, e que não estão. Por exemplo, esta conversa que nós estamos a ter não é uma conversa adquirida, há direitos fundamentais que não são, no mundo inteiro. E a luta que tu fazes. Tu nunca lutas apenas por

um assunto único, o feminismo não é só por isto, agrega uma série de assuntos que são essenciais. E por essa visibilidade e por essa luta, que no fundo é um cluster de frentes, eu sou feminista ponto. Porque é urgente sê-lo! Sobretudo quando agora nos resfastelamos muitas vezes a coçar a barriga... “ai por favor, já não há pachorra!” Não. É preciso. É preciso. É preciso olhar para a linguagem, olhar para as práticas. Eu por exemplo vi uma discussão até facebookiana aqui, sobre esta coisa do big brother que está a dar, em que está um fulano qualquer que não percebe o que é o consentimento. Quando tu estás em 2020 e tens esta treta de programas, vistos por milhares de pessoas, em que tens um tipo que não entende e não pode chegar junto do corpo de uma mulher e acha: “estou perto dela”, e que a agitou e ela sentiu-se legitimamente angustiada, porque achava que ele não tinha nada que a abordar, muito menos pegar nela e chocalhá-la. E tentou explicar-lhe isso e ele não entende. Acho que até teve um argumento que era: “80 ou 90% das mulheres sente-se agradado com o meu toque”. Quando tens alguém que diz uma merda destas, e estamos em 2020. E que acha na cabeça dele que 90% das mulheres vão obviamente ficar agradadas com o toque dele, porque é assim. Repara quando a questão do consentimento é uma coisa que não é óbvia, que de facto o corpo é teu e tu decides quem nele toca. E isso já me aconteceu repetidas vezes, que de facto tu tens que situar as coisas. Quantos documentários andam por aí, até pessoas de quem tu gostas e com as quais tu convives, e que saem coisas que tu ficas: wow... eu lembro-me de ter aulas de expressão dramática e a pessoa que me dava aulas era alguém que eu até prezava muito, mas lembro-me de haver uma aula, para irmos fazer uma apresentação, e que ele teve a santa lata de dizer: mas não tragam decotes para as aulas, atenção porque isso excita... e eu lembro-me de ter ficado muito mal comigo, porque na altura eu tinha um enorme respeito e admiração por ele. e foi a primeira vez que eu olhei e nem sequer consegui ter reação, não é? O espaço da expressão dramática ainda é o espaço onde estas coisas têm que estar muito claras na cabeça das pessoas todas, porque é o espaço de abertura, de partilha, de imensa exposição, em que tu tens que te rumar confiança ilimitada, quer em quem tu permites que te dirija, quer em ti própria, quer em quem está lá. Porque de facto o corpo é o instrumento do teu trabalho. (...) E as pessoas viram isto, e eu tenho a certeza que há uma série de pessoas que concordam que ele também não fez nada de mal, ele só a abanou, qual é o problema de a ter abanado? Porque é que ela ficou tão chateada? Pá ela tem direito de ficar chateada, ela tem direito de achar que uma abordagem que não lhe diz nada, é invasão do teu espaço. E as pessoas não... eu acho que isso é uma luta ainda por vir.

Agora quando tu dizes, escolhe uma linha. Não escolho porque tu precisas do feminismo, ponto. Eu acho muito bem que sejam feminismos, porque nós somos muitas. Quando se fala: aí o desejo da mulher... não. Existe o desejo das mulheres. Nós somos mulheres, somos todas diferentes. Eu sou diferente de ti e ambas partilhamos o facto de sermos mulher, mas somos mulheres, é sempre no plural. E os feminismos têm que ser no plural porque nós somos plurais. E naturalmente dentro do feminismo vamos encontrar o nosso nicho.

Mas a minha questão é: feminismos para a frente. Porque eles são urgentes. Só isto.

(...) quando se fala de desejo ou de prazer, tens que falar do espectro todo. Há quem decida não o fazer. A mim interessa-me quando o teu olhar é o mais alargado e englobante possível.

*Já te sentiste discriminada e oprimida?*

Oprimida não diria. Porque acho que não me permitir. Discriminada sim. Discriminada sim.

*Podes dar-me um exemplo?*

Nunca de uma forma direta, porque acho que as pessoas têm algum receio da minha personalidade. O confronto direto comigo (risos)...acho que eu consigo rosar um bocadinho, mesmo quando não tou a rosar. Mas já tive muitos olhares, já tive muitas saídas infelizes, muitos comentários a ver se eu me tocava, muito discurso discriminatório à minha frente, para despultar reações, sim. Nomeadamente já tive uma situação profissional em que fui... acabei por ser convidada para o projeto, mas a pessoa que estava à frente do projeto andou a consultar-se com outra pessoa porque achava que o facto de eu ser assumidamente lésbica poderia, de alguma forma, tingir (estamos a falar de séc. XX), poderia de alguma forma tingir o grupo. Porque eu iria estar numa posição de autoridade e de formação de pessoas, como se todas as manhãs eu chegasse lá e disse-se: olá, eu sou lésbica. Como se isso se passasse, mas que, lembro-me, foi dito mais tarde por essa amiga, que foi consultada. Ela contou-me esta história, que de facto tinha sido consultada. Ela própria na altura ficou... ficou empedernida, porque não acreditava no que estava a ouvir... estávamos em 2014, 2015. Atenção! E era um projeto na área educativa, em que é suposto... e numa área até em que estas coisas da integração, da cidadania, da luta pelos direitos, era a pedra de toque. Porque era um projeto nessa área, e era uma pessoa que foi minha chefe na altura, nesse projeto e que teve este precalço. Sim.

*Tu achas que é uma questão cultural?*

Eu acho que é cultural e é de cabeça. Mas não nos podemos esquecer de uma realidade. Tu tens países no mundo hoje, onde assumir-se como gay é crime, e tem repercursões muito graves. Tens países onde não sendo crime, o assumires-te abertamente tem repercursões muito graves. Tens boas pessoas que migram... quando falas em desejo, em prazer, em sexualidade, que migram para poderem viver na plenitude, serem verdadeiros consigo e com a sua vida. Têm que sair do seu país. Tens pessoas em Portugal que têm que se desagregar das suas famílias porque senão são vítimas de discriminação e de bullying continuado. Claro que Portugal tem esta coisa dos “brandos costumes” não é. Porque nós não somos racistas, não somos homofóbicos, misóginos. Mas depois somos. Eu acho que em Portugal nós conseguimos direitos constituídos, o que é uma alegria e mostra também que há uma luta feita. E isso é um bom indicador do país. Acho que tu tens um país ainda muito bicudo e quadrado, e tu vez isso em coisas muito simples. Quando mostrar afecto, um casal gay mostrar afecto em Lisboa é uma coisa, na Amadora será outra certamente. E estamos a falar daquilo que tu consideras o centro nevrálgico do teu país, já nem sequer estamos a falar das bandas. Há muito caminho para fazer?

*O que farias?*

Felizmente Portugal, ao nível da legislação deu passos muito significativos, muito louváveis. O facto de neste momento, por exemplo, teres uniões entre pessoas do mesmo sexo e isso ser-te reconhecido. Agora isso não muda a mentalidade das famílias, das pessoas... tens que dar tempo ao tempo, e acho que há aqui uma grande responsabilidade nossa, de todos nós.

Quando falas em prazer e desejo, é muito importante que todos nós o vivamos a forma mais despoluída e desempoeirada possível. Vivê-lo. É claro que isto é muito bonito dizer, mas se calhar eu na Amadora tenho mesmo que levar porrada. Porque aí não é só olharem de lado. Se calhar aí vou mesmo ouvir umas merdas e a coisa pode correr mal... Mas eu acho que é isso que tem que se fazer mais. Neste momento eu acho que nem passa tanto pelo legislar, neste momento já estás bastante salvaguardada, para aquilo que podem ser os teus interesses e as tuas opções individuais. Se quiser eu posso já casar-me. Pode-se ter direitos que numa união não haveria de outra forma assegurados. Mas é muito importante que as pessoas se mostrem, que as pessoas vão para a rua, que dêem de facto as mãos, que não se coíbam de manifestar afecto. Se é assim que o vivem, não têm que manifestar só por manifestar, mas se é assim que o vivem, sabendo que pode haver riscos. Eu tenho um grande amigo meu, e foi no ano passado, que ele estava à procura novamente de quarto. E eu dei-lhe ideias válidas, mas ele a

certa altura dizia, não, eu não vou para aí, porque eu aí não me sinto à vontade para estar com o meu parceiro. Não quero abdicar disso. E eu nunca tinha pensado de facto de forma tão clara, que tu para fazeres isso, também tens que cuidar às vezes da tua integridade, não é só... pá olha, meia bola e depois logo se vê. Às vezes de facto também tens que pensar, vale a pena expôr-me a tudo isto. Agora acho que passa pelas pessoas viverem livremente, assumirem os seus prazeres, assumirem os seus desejos. E viver a sua vida. Acho que é mais isso, do que legislar. Oxalá eu consiga fazer isso e inspirar quem precisar, porque nós vivemos muito de quem nos rodeia e quem nos inspira a ser mais, que nos elevam.

*Educação escolar e peso do que passamos de geração em geração*

(...)

*Alguma vez entraste numa loja erótica?*

Já. Entrei em Barcelona, porque havia muitas. Entrei em duas cidades não portuguesas, não sei porque é que em Portugal nunca me deu para entrar, parece que estão sempre escondidas não é? Vejo um cartaz enorme aqui na minha zona, sei que há uma, ainda não descobri onde é que é. A questão não é entrar, a questão é de facto...pá... e lembro-me que sim, entrei em Amesterdão e entrei em Barcelona.

*E adquiriste algum objeto?*

Adquiri. Adquiri. Hã... em Barcelona sim...

*E deste-te bem com o brinquedo?*

Olha vou-te dizer, inicialmente...já nem sei se o brinquedo era para mim, era um vibrador xpto, mas depois acabou por ser uma oferta. Eu depois transformei-o num presente (risos). Estava a vir de férias e depois achei que aquilo era...pá era mesmo o ideal para uma amiga minha e acabei por lho oferecer. Não posso falar sobre a utilidade do dito, porque depois acabou por não ser para mim. Despachei-o.

*Em relação ao facto de seres lésbica. Sempre sentis-te isso, desde pequena? Ou foi algo que foste descobrindo na tua adolescência, vida adulta? Tiveste relações com homens?*

Há duas maneiras de eu te responder a isso. Primeiro, há um lado de mim que vai dizer: ah eu sempre soube, de alguma forma, porque é real. Há um lado de mim que vai dizer.. até muito tarde na minha vida, até eu perceber que as pessoas têm que se arrumar, isso não foi importante. E vou-te dizer, até mesmo muito tarde na minha vida. Eu sempre tive uma vida

muito mexida, a correr países, cidades, sítios...e eu aos 15 anos já estava num colégio, e a partir daí nunca mais retornei a casa, sempre muito entregue a mim própria, já a tomar decisões, nomeadamente naquilo que dizia respeito aos meus afetos, porque não tinha esse suporte, portanto era eu comigo e com os meus amigos. E portanto, durante muito tempo não me fez, nem me fazia sentido eu ter que dizer: “ai eu agora sou isto”ou “eu agora sou aquilo”. Relacionei-me sempre, maioritariamente, com raparigas, na altura. Mas também com rapazes. Portanto houve ali uma fase da minha vida em que a questão era de facto... voltamos ao mesmo, era o desejo e era eu apaixonar-me, fazer-me sentido. Eu não estou a dizer que o facto de ter percebido que tu tens que te definir, porque tu não tens que te definir (eu acho que isso é alguma treta que te impingem, tu tens é que ser verdadeira contigo própria) e curiosamente veio na sequência de um relacionamento com um homem, em que eu percebi que não era completamente feliz ali, não me sentia plena, e sobretudo doía-me muito que alguém de quem eu gostava genuinamente e que genuinamente gostava muito de mim, eu sentia quase como se estivesse a enganar. E isso fez-me uma grande confusão na minha cabeça. E depois percebi que, de facto, havia ali um nível de plenitude, da minha vivência emocional, sexual, de desejo e de prazer, que, com homens era sempre muito aquém, portanto eu ficava sempre ali... havia momentos em que eu não me sentia, que fosse inteira, em que eu sentia que estava a enganar. E depois aquilo tudo era um sufoco. E a partir desse momento, se calhar foi a primeira grande aprendizagem enquanto mulher, foi eu dizer: ok, eu não tenho que me definir, mas eu tenho que ser verdadeira. E eu não estou a ser verdadeira aqui, e tive que assumir isso e...gostava muito, mas não estava ali a fazer nada, não estava ali a acrescentar nada à vida de ninguém, e sobretudo havia ali um bloco que não era genuíno.

*Desejo e prazer também como uma aprendizagem...*

Exatamente. Por isso é que eu te digo, essa coisa do prazer e do desejo, tu vais aprendendo não é? E foi a partir daí que eu... e percebi que eu me sinto inteira e verdadeira e honesta comigo, quando me relaciono com mulheres, portanto.. Depois é claro, olham para isso, aparentemente acho que são lésbicas, ou fufas, ou o que queiram chamar. Pronto é mais rápido, atalha caminho para dizer... pronto, sim, claramente. Mas é por uma questão de verdade, muito minha, quer dizer.

Há sempre um momento da minha vida em que há um homem que se apaixona por mim, ou que eu até acho um homem bastante interessante, porque nós apaixonamo-nos pelas pessoas, há homens fabulosos e com os quais tenho conversas entusiasmantes, e temos formas de estar

e de pensar, e que parece que é o par perfeito (risos)... e com as quais eu tenho que ser muito honesta, aliás, olha aconteceu-me há um ano atrás, e eu tive que ser muito honesta e ele era muito muito muito...continua a ser, um ser humano fabuloso e com o qual eu... tenho pena depois, ficas sempre com esta coisa da pedra no sapato, parece que as coisas não vão acontecer iguais... e era uma amizade fabulosa mas depois olha, ficou desta forma, e eu claro que não... não era verdadeiro. Havia duas formas de estar naquilo: alimentar uma coisa que nunca se iria concretizar, ou ser verdadeira e cortar de raíz, e portanto tive que o fazer.

Mas também foi uma aprendizagem que eu fui fazer, isso é uma aprendizagem, voltemos ao desejo e ao prazer...Para mim a grande aprendizagem nos desejos e nos prazeres de facto é um aprendizagem de verdade. E sabe-nos muito bem, a atenção das pessoas, nós sabermos que há ali um biquinho, que há um clima. E nós mesmo quando não queremos nada, mas aí... mas é claro que isto nunca vai dar nada. Mas o facto de também nós nunca verdadeiramente atalharmos, alimenta-se...não é... não queremos, não queremos mas... Quando tu tomas o touro pelos cornos e dizes, ok, olha amigos para a vida. Mas isto é clima de amizade, de entusiasmo por uma série de coisas que partilhamos.

Eu acho que uma amizade entre homens e mulheres é possível. O facto de haver tensão sexual sempre entre um homem e uma mulher é uma treta. Sempre tive belíssimos amigos homens, com os quais houve até fases em que, se calhar, estive mais próxima de homens do que propriamente de mulheres em termos de partilha... de proximidade, há um lado (isto é um bocado cair naquela conversa de género), mas há um lado em que as mulheres também têm, mas que é muito comum encontrares nos homens, muito terra a terra às vezes, o que para mim era muito refrescante, e que tira um bocado o peso quando tens pessoas ao teu lado que não são nada assim. Portanto tive belíssimos e continuo a ter, mas sempre ao longo da minha vida partilhei grandes amizades com homens, sem sequer... houve situações em que sim, em que se colocou estas questões, de será que... mas muitas delas em que isso nunca se colocou e que foram muito felizes, e portanto eu acho que sim.

Eu acho que o caminho é mesmo esse da verdade, é o único que eu alimento, ou seja, quando tu percebes, é mesmo: “olha ouve lá, isto é isto, ou é só a minha cabeça?, se é isto, epá eu para já... portanto vamos conseguir dar a volta aqui ou é melhor irmos respirar um para cada lado e depois voltamos?”

Na vida há que deixar ir e há que deixar chegar. E nós temos muita necessidade de controlo, quer do que vai e quer do que vem. E isso também é uma aprendizagem, olha de desejos e de

prazeres e de estar com as pessoas. Pá há alturas em que as pessoas têm de ir, por mais que nós queiramos que fiquem. Há pessoas com quem eu partilhei níveis de intimidade pá que me ficaram na memória, que não estão na minha vida, e isso às vezes entristece-me porque pensas, epá, como é que tu chegaste àquele ponto com aquela pessoa... e houve fases da minha vida em que me era difícil aceitar isso, não é... como é que tu vives com isso? E depois aprendes que não, que de alguma forma isso faz sentido e joga-se com as suas energias. Uns vão, outros vêm e nesse movimento tu também vais aprendendo, a desligar-te, a ligar-te, a... a resignificar as coisas, a aprenderes...

*Tu falas de desejo e de prazer abertamente com a tua companheira?*

Neste momento não tenho, mas faço por fazê-lo. Porque acho que é a coisa mais saudável que se pode fazer... eu acho que sim, quer dizer... eu acho bonito as pessoas descobrirem-se e voltamos a dizer, todos nós somos diferentes e há várias maneiras, os teus desejos e prazeres são distintos, e também é bonito quando os descobrimos. Mas é fundamental para mim que tu tenhas o à vontade, sintas a liberdade e a vontade de falar sobre o que te dá prazer e de te questionares sobre o que te dá prazer.

*Isso é fácil numa relação?*

Eu acho que depende das personalidades, eu acho que já tive circunstâncias em que foi muito fácil, nem precisou de se fazer isso: “ai agora vamos ter a conversa (risos)”, em que as coisas surgiram muito naturalmente e em que fazia parte de... da mesma maneira como partilhavas as coisas, também isso era uma partilha... há outras pessoas, dentro do enquadramento de onde vens, o que é que fizeste, como é que foste criada, em que não era assim tão fácil... agora eu acho que é muito saudável quando as pessoas estão juntas e conseguem falar abertamente, sem pejos, sobre o prazer, sobre o que as une, sobre o que as afasta, sobre os receios que têm, as fantasias, as vontades... e isso é muito saudável, acho que é um indicador de que a relação tem pés para andar. Qualque elo entre seres humanos... porque tu numa amizade também tens desejos, de conhecer, de estar... parte sempre de um único princípio que é seres verdadeiro, e o maior desafio que há na vida é seres verdadeiro contigo. E a maior beleza que há na vida é duas pessoas estarem a ser verdadeiras consigo e desaguarem nessa verdade e encontrarem-se aí, e estarem bem porque estão em paz. O estar em paz consigo é uma coisa que dá luta... parece contraditório mas é uma aprendizagem longa, dolorosa e duríssima, mas é isso.

**Miss MM.**

*O que significa para ti o desejo da mulher?*

Eu acho que o desejo da mulher significa ela descobrir-se a si mesma enquanto mulher. Haver um caminho de exploração, porque à medida que a mulher explora vai-se conhecendo a si mesmo e portanto descobrindo prazeres.

Eu acho que o prazer e o desejo estão na mesma base. Acho que a mulher descobrir o desejo também parte muito do prazer que ela vai descobrindo ao longo do tempo. O desejo ser a meta e o prazer o caminho.

Eu vejo o desejo como uma coisa, não é inalcançável (eu acho que há muitas coisas inalcançáveis nesta vida). Mas ainda vejo como uma coisa demasiado longe, que não está tão à nossa mão. É preciso explorar um caminho para chegar ao desejo.

Eu acho que a descoberta do seu corpo, enquanto corpo sexual. Eu enquanto mulher, só descobri o meu corpo sexualmente há relativamente pouco tempo. Tipo 10/11 anos, o que eu acho que na minha vida é relativamente recente. Descobri como é que isto funciona. Acho que às vezes ainda estou a descobrir como é que isto funciona, não sei se a descoberta do corpo não é uma descoberta para a vida toda. Não tive muitos companheiros ou companheiras e essa descoberta aconteceu um bocado sozinha. Eu acho que é uma descoberta constante, eu acho que ainda não descobri o meu corpo interiormente na totalidade.

*E será que alguma vez vais descobrir?*

Pois eu já pensei nisso e a resposta imediata é não, mas nunca saberei.

*Dizes que a descoberta do teu corpo sexual, como órgão sexual é muito recente. Podes falar-me um bocadinho mais?*

Eu não sei se tb não é um bocado pela pressão social que eu sempre tentei não cair na pressão social do...ah tens que ir para cama aos X anos e ter namorados. Eu não vejo as pessoas como sexo feminino ou masculino, são pessoas, e teres que fazer muita coisa. Pá, eu tenho 30 anos e não descobri tudo o que há para descobrir... estou completamente no processo. Já tive alguns companheiros e companheiras... e sei que ainda sou muito leiga neste assunto. Espero descobrir muita coisa a meu favor enquanto corpo, como o meu corpo sexualizado. Percebes?

*E como é que iniciou esse processo de descoberta?*

Eu não tava minimamente preocupada com o tempo, acho que as coisas acontecem porque têm que acontecer e quando têm que acontecer. Segundo a sociedade foi tarde, mas foi uma cena bué, tipo, natural na medida em que ninguém forçou a coisa, tás a ver? Aconteceu, eu nem sequer estava à espera, ok é hoje, vai acontecer. Não, aconteceu e pronto, está feito.

*Foi com um amigo ou com uma amiga?*

Foi com um amigo, mas... mas eu tenho muita curiosidade em fazer com uma amiga, uma pessoa do meu sexo.

*Isso é giro, e porquê?*

Porque eu conhecendo-me enquanto mulher acho que pode ser interessante perceber como é que uma pessoa vai atuar sendo do mesmo sexo que eu, mas não igual a mim. Curiosidade tenho. Já pensei nestas questões algumas vezes na minha vida, mas nunca pus a minha vida no sentido de procurar alguém para isso. Se aparecer ok, tudo bem, bora lá. Eu não estou à procura de um género específico, de nada em especial neste momento da vida, ou estou à procura de tudo um pouco, não sei... Mas tenho curiosidade tenho, com uma mulher...

*O teu prazer é provocado por ti?*

Eu acho que acontece... um bocado dos dois. Eu acho que a mulher às vezes precisa de ter... faz parte da vida, a maneira como tu vês, a maneira como é que o teu corpo reage ao estímulo, eu acho que às vezes é preciso, se não tiver um companheiro há tempo suficiente, quer dizer, há que... eu acho que o corpo deve-se manter ativo. A solução mais óbvia, quer dizer, acho que ainda não descobri outra, é a masturbação. Tem que ser às vezes...

*É uma necessidade da mulher tanto como seria uma necessidade do homem, ou não?*

É muito interessante porque eu acho que este assunto é super tabu ainda, falar nele. É mais fácil para um homem admitir que se masturba do que para uma mulher. Eu acho que a mulher ainda não tem, não sei se é falta de coragem ou se ainda é um pudor imenso em admitir que o faz. Mas eu acho que toda a gente o faz, desculpa dizer... Se esta sociedade mal está disponível e aberta para aceitar relações do mesmo sexo, como é que pode estar disponível para aceitar uma mulher que se masturba?

*Mas o que é que isto tem de estranho?*

Para nós é óbvio, para mim é óbvio. Faz parte da natureza humana, faz parte da mulher, como faz parte do homem. Mas lá fora... e depois nós que somos mais abertos a isso tendemos a

fechar-nos porque não podemos falar, porque não se fala não é, quer dizer... Eu tenho amigos com quem não posso falar de sexo. É ridículo e estranho ao mesmo tempo. Essa conversa incomoda-os, não estão à vontade, acho que é mesmo falta de à vontade. Tenho amigos nos dois espectros da amizade: numa ponta é o conservadorismo total e na outra é o libertismo total. A primeira vez que eu me relacionei com pessoas que gostavam e gostam de pessoas do mesmo sexo, até ficavam um bocado: ah Maria! Mas não sabia que tinhas amigos assim...e a minha primeira pergunta era: o que é que é ter amigos assim? São pessoas!

A minha avó diz: faz-me mais confusão duas mulheres do que dois homens. É-lhe difícil imaginar uma relação sexual entre duas mulheres.

*E em relação ao teu corpo, como é que tu te sentes em relação ao teu corpo e à sexualidade?*

Sabes que isto é muito curioso, porque hoje em dia já não ligo nada a isto, embora viva neste corpo, eu não ligo nada ao facto de ter o corpo que tenho. Mas há uns anos, tipo no início da adolescência, eu achava que simplesmente o sexo não iria chegar pelo corpo que eu tenho...

Porque achava que nunca ninguém se ia interessar por este corpo. Apesar do sexo ser uma coisa íntima, tb começa como uma coisa física e egoísta não é? Quer dizer, a primeira coisa que tu notas quando te interessas por uma pessoa é a imagem. E portanto achava que epá sou assim e nunca vai acontecer. Porque mais uma vez a sociedade diz que, hã, tens que ter o corpo perfeito, tens que ser linda, loira de olhos azuis. E portanto como eu não sou nada disso... Como disse, eu comecei a vida sexual mais tarde, relativamente à norma social, mais tarde. Vendem-nos que não há tempo....

*E como é que te sentes agora nesse corpo?*

De há uns tempos para cá, 10 anos, eu comecei a olhar para ele de uma outra forma. E a perceber que, apesar de ser como é, até funciona! (risos) É possível fazer coisas mesmo com este corpo, tal como as outras pessoas fazem. Embora eu nunca quis fazer exatamente como as outras pessoas fazem, atenção! Eu tenho este corpo, ele é assim. Vamos moldá-lo o mais possível, nunca deixando de tentar melhorá-lo, mas também nunca querendo ser igual aos outros ou perfeito ou... a cena do “habitar este corpo específico”, além de ser uma aventura, é um grande desafio. Eu acho que descubro cenas novas no meu corpo todos os dias, a maneira como ele mexe, reage, até como ele fala. Eu sinto imenso as diferentes maneiras como ele fala, consoante as pessoas com quem eu estou, estás a ver? Acho bué interessante. É muita giro, acho muita piada.

*Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

No outro dia perguntaram-me se eu gostava de estar nua em cena. E é uma coisa que eu já me tinha questionado, e uma coisa que eu gostava de fazer mas que eu acho que ainda não tenho tomates para... Desde que eu soube desta hipótese até ao momento em que vai acontecer, eu sei que vai ser um grande processo físico, mas também muito mental. Ok, vou estar nua em cena, para não sei quantas pessoas. E vou ser eu, mas não vou ser eu...acho que vai ser um grande desafio. Sabes quando tu tens grande vontade de fazer uma coisa, mas ao mesmo tempo, tens medo de o fazer. Mas tu queres, tu tens medo mas queres. E eu estou agora a passar um bocado por isso. Eu quando entro em cena, a primeira coisa que me assalta é o medo e o medo choca imenso a fluência da cena. Eu estou a fazer uma formação em dança, eu sei lá como é que se dança... mas não há um saber dançar, e eu sei lá como é que o meu corpo reage. E portanto eu decidi não pensar em quem está a ver. Isto é fácil de dizer mas é lixado fazer. É uma luta diária que eu tenho comigo.

*Sentes-te oprimida, em termos de prazer, pela sociedade?*

Eu percebo a questão, mas eu acho que em mim nunca tive esse problema. Eu sou apologista de uma coisa que é: se tu tens alguma coisa para dizer a uma pessoa, epá tu tens que dizer, tu não podes guardá-la.

Já senti opressão para com o meu corpo, eu é que optei por continuar a viver e não me automutilar psicologicamente a pensar nessas coisas. Se existe em relação ao corpo da mulher, quanto mais em relação ao meu corpo. Acho que eu quando estou na rua há 50 mil macacos a olhar para mim como se eu fosse um et.

*O que achas da pornografia para o sexo feminino?*

Pá, eu nunca vi. Acreditas? Do meu ponto de vista, apesar das relações serem completamente diferentes consoante o sexo, não acho que devia haver diferenciação quando estamos a falar em pornografia. Não haver uma nomenclatura específica, do género, é pornografia. E depois lá dentro tens de tudo.. Porque é que tem que ser para uma mulher?

*Achas que há formas diferentes de sentir prazer entre homens e mulheres?*

Epá eu acho que sim, começando pelo órgão genital. Claro que é diferente fazeres sexo com um homem do que fazeres sexo com uma mulher. Fisicamente diferente e, cá dentro, deve mexer coisas diferentes também.

*O que é que consideras do erotismo. O que é erótico e o que é prazeroso?*

Associo o erotismo a uma cena mais de tentar... a sedução. Imagina o erotismo como uma arma de sedução, é o caminho da sedução. Eu acho que o erotismo é algo muito animalesco, tem sedução mas ao mesmo tempo tu queres muito aquele corpo e portanto é uma brincadeira para seduzires e chegar a um fim que vai ser aquele corpo. Eu acho que será mais simples se as duas pessoas tiverem na mesma onda da cena, isso é muito deduzido pela maneira como, o corpo fala. Eu acho que é possível perceber quando dois corpos estão na mesma... Acho que duas pessoas querem a mesma coisa. Acho assim, metade do caminho já está feito. Uma simbiose.

*Mas isso nem sempre é possível, ou é?*

Epá claro que não há sempre um match. O que acho curioso é haver corpos que tu nunca dirias que match e matcham! Isso é muito curioso. Também tem a ver mais ou menos com a sociedade em que vivemos, já estamos a falar do preconceito. Ele existe. Sei lá imagina, eu acredito que haja pessoas que, uma vez disseram-me assim: aborda-me um gajo, sei lá de 40/50 anos e diz-me assim, tu és muito bonita. E eu respondo: obrigada. E ele continua a meter conversa e diz: olha posso-te beijar? E eu: não, como é óbvio. Nunca na minha vida! Ah e reparei que tens assim uma deficiência...e eu: olha pois, quem nunca não é? Mas olha não deixes que isso te dei-te abaixo. Não deita. Obrigada, boa noite. Ele montes de tempo a tentar coisas, e eu sempre a dizer que não, que não. E de repente chega o autocarro e o gajo: agarra-me na mão e espeta-me um beijo (risos).

Há pessoas que olham para mim, é lindo pensar isto desta maneira e é estupendo em 2020, que é pessoas que olham para mim e pensam (eu tenho a certeza absoluta disto) é impossível aquela miúda, rapariga, mulher, whatever ou já ter tido companheiro, ou já ter tido relações sexuais, ou já ter qualquer coisa relacionada com sexo. Eu sei, eu tenho a certeza, isto ninguém me contou, mas eu sei, que há pessoas que pensam assim. Como eu tenho um corpo diferente da norma, seja lá o que isto for, não posso ter experiências dentro da norma, tás a ver? É bué tabu mas é das coisas mais normais do mundo. Aliás é uma coisa tão proibida que já vem de biliões e biliões de anos.

Uma vez vi um vídeo que era: sexo na deficiência. E eu pensei: fogo, isto devia chegar ao mundo todo, mas não chega infelizmente. Mas é um assunto super tabu, ainda. Completamente tabu. Eu estou muito mais à vontade em certas coisas, mesmo à vontade corporal com amigos do que com familiares, sem dúvida.

**Miss PB.**

*What is your biggest desire? The most intense to you?*

You mean sexual desire or like in general?

*Desire in general. Meaning you have the possibility to approach it in many ways, I don't mean specifically sexual desire...*

I don't really know, I think it is something very intimate, I would say. I think desire is something really private. I think sometimes difficult to talk about it or maybe even to feel it, like to feel what you really desire. Of course, when you think about desire, you think about sexual desire. So what is sexual desire...hum...well... I think it is a bit different than excitation. Maybe it is deeper than excitation

*Why?*

I think excitation is something that happens in one moment, while desire might come from really inside you and it is not only from one moment, it is like from different moments and it is really something that you want deeper than just excitation which might be the result of a moment.

I don't know if I'm clear, I didn't think about women desire before, so I'm a bit surprised by your questions and I didn't anticipate that.

*Do you usually talk with your friends about this subjects, or this is kind of a tabu?*

It really depends on the friends. I have some friends with whom I talk about it, I'm not saying a lot but we can discuss about it in a free way. And I have some other close friends and we never talk about it, I don't know why, it really depends on the friend and the kind of relationship I have with my women friends. Sometimes I think I have friends who doesn't like to talk about it.

*You talk in groups or just privately with one or two people?*

I never talk about it in a group. I have a group of friends and we are very close and I would feel comfortable to talk about it in a group. But if I think about recent examples I don't see one. So I think it doesn't really happen and I think I usually talk about it like with two or three friends.

*What is the difference between desire and pleasure?*

Pleasure is more about the feeling. You can have no desire but you feel pleasure because the zone of the body which is touched or that creates pleasure, even if you didn't feel desire before. Generally the difference is more between excitation and pleasure. Because I would say that when you analyze the time you make love or have sex with someone. When you analyze this moment I think you can analyze it with the frame of excitation and with the frame of pleasure. And you might find it really exciting but it is not pleasure or on the contrary. And desire to me its not always related to sex actually. Maybe desire is more about fantasy and what you have in your imagination.

*Can you describe to me the sensations. Which parts of your body do you think are more associated with pleasure or you fell more pleasure than others?*

I would say that for a long time I was thinking that I was not sensitive on the breasts and on the contrary I think the bottom zone was more sensitive (front and back). But now I sometimes feel more sensations on the breast parts. I don't know, the classic.... I'm not really a fan of the heels or the foot... I think maybe hands, by I think this is more at the beginning of the relationship, when your whole body feels sensations just, for instance, by touching the hands of the other person. Maybe hands and, well, then I like when I have massages and hand massages, but I don't really relate it with pleasure, like the sensations of pleasure, to me.

*Why?*

Because it doesn't excite me, is just like good sensations. But does not create any desire.

*Are you a woman of many desires?*

I think in my life I had like, I think I did not have many desires at the same moment. But if I think about it in the past 10 years, I would say that I had different desires, but when I think about now, I wouldn't say that I have many desires. I think I have like 1 or 2 desires most.

*Did you achieved all the desires you had? Or some of them were just lost in the middle?*

I think it is a bit sad to say that I achieved all my desires because that would mean that I have not desires anymore. But I think I have tried different things and Im happy about .... I think that desire evolves, you don't have the same desire when you are 20 or 30 or 40. So I hope I would have many desires and all the time to realise.

*And they come naturally to you?*

Yes.

*What about if you were a man? Do you think that you have approached desire in a different way?*

No I don't think so. I think it would be a prejudice to men, generally, to say that they would approach desire in a different way. To me If I was a man, I cannot really imagine myself as a man.

*Do you think it is more easy for them to communicate their desires? To achieve their desires?*

No I don't think so. When I think about my own sexuality I have the impression, maybe I'm wrong, that I was always the one deciding the desires that I wanted to achieve or not...

*But in a relationship you had, or outside a relationship?*

I'm talking about a relationship. I didn't really achieved big desires outside of relationship, except 1 or 2 exceptions. And even outside a relationship I was always the one...my concept was so important, that I think I was the one deciding...maybe I wasn't but I have the impression that I was the one deciding. So I don't think that was easier for the men to achieve its desires.

*Men didn't have a word?*

Yes they do. And I'm not really a dominant person... I think that with the men I have known it was not easy to talk about their desires and so I think I was always the one trying to talk about it at first.

*How did men behave when you made this first approach?*

Sometimes they had troubles to share and Im not a person who insists a lot when I don't have the answer, and when I see the person is uncomfortable to say something. But I would say not so comfortable.

*Did you understand why did this happen? Why they didn't feel comfortable in speaking about desire?*

When I said I was the one deciding on the desires of my relationship, I think I was thinking about the desires of the relationship, not my own personal desires. So I think it was not the difficult to achieve because it was not only my desire. It was mutual. Sexual desire was also included in this as well. I was not approaching in "it must be this way", I would approach

like, “you know I have this friend” or just like joking and see if the other ones open to the joke or not...I used some strategies...

*Can you tell me a bit more about those strategies you use?*

It is not strategies like...it is just play strategies or open the discussion with an example from a friend just to...

*What do you do to fulfill your desires?*

One thing I do is discussing with friends, cause I think is always, like you can always learn from them and from you about sexual desires and I have so many examples of friends who don't talk about their sexual desires and I think that you can lose something when you don't talk about it. I understand it is a really private topic like related to intimacy and I respect that but to me I like sometimes (I say I like but I don't talk about it really often, I would say that the last time I talked about it with friends was 3 months ago) but I think it always gives you new ideas, new desires, new examples or solutions to resolve things.

*Does desire implicates pleasure?*

I don't know, I mean, sometimes it is only excitation and you don't feel the pleasure but...when you think that desire is a person, of course it can be disappointing...

*Are you usually able to provoke your pleasure?*

Humm...yes (?) yes, but sometimes can be a bit...request lots of energy and you need to be focused and concentrated. But yes Im able to... I don't know if we are talking about orgasm or something else...

*Are you able to stimulate yourself? To have la petit mort? Or you prefer to do it with someone else and you were never able to do that?*

I was able to do that since I was 16, I think, so not so young but not so old, I was disappointed because I learned many years after that also my friends were doing it. So I was like okay, it is stupid that we didn't talk about it that time because I think I was feeling a bit ashamed. And I don't do it often because now I'm in a relationship but I can do it.

*How did not talk about it influenciate you?*

I think that the only influence on me... I didn't stop to do it because I was not talking about it but I think I was feeling a bit ashamed... I think it was not because of my family, because

they are very open to this kind of topics, or having the feeling of doing it alone. I think it is more about the friends, maybe I was afraid that they would have judge me.

*With your family things were very open, so you felt comfortable speaking about your own sexuality?*

No. No. I know that they are open minded and that they would not judge me but I don't talk about this kind of topic.

*In your relationship, is it possible to have simultaneous orgasms? You and your partner, at the same time, having an orgasm? Are you able to, with your partner, to share this orgasms?*

It doesn't happen really often, but it can happen.

*Do you do any kind of stimulation? Oral sex?*

Yes. Normally what we do is stimulation and at the same time I touch myself so that I can have an orgasm.

*Is that stimulant to your partner? Does he give feedback to you?*

I know it is not a problem for him. But I don't know if it is stimulating for him.

*You don't talk about it...*

Not really I think (I will talk about it with him).

*When you are having orgasms with your partner do you feel that you reach a certain point?*

Yes, I already have experienced several orgasms but I disagree on the fact that male and female orgasms are really different. I know that this is a topic and so... It is something a lot of people say but I in my opinion is a bit of prejudice. It is always like, "you woman, you have strong orgasms". And I don't know, when I was in bed with men I didn't feel that their orgasms were less stronger than mine. But I think that there may be a lot of studies explaining this but I don't feel it in my day to day life.. no. no.

*How man and the men you are in a relationship. How they face feminine pleasure? Do you have some reactions from your partner? Does he like it, he doesn't like it? Does he show somehow satisfaction if you are satisfied too?*

I think is a normal thing for him. Like...hum...I don't know...Like is not a goal, is not the main goal of the sexual intercourse. But when it happens is better.

*What is the main goal of the sexual intercourse?*

Is to have mutual pleasure.

*Doesn't mean that you both have an orgasm?*

Yeah yeah.

*Do you think that some cultures are more open to talking about desire and pleasure?*

Hum... yes. For example I have a friend who did a documentary on female ejaculation and because it is a cultural thing in Ruanda, and so she went there and she interviewed woman and there is really important to talk about woman desire and pleasure in the culture. And that people talk about it. So yes. And I've never been in the middle east, but from what I heard, they are more closed, maybe. Of course that countries where female circumcision is frequent, woman pleasure cannot be okay.

*I was intrigued by you telling me that you don't talk that much about sexual pleasure with your partner. Am I right? Am I wrong? And why does this happen? (37'56)*

Hum...I think I talked about it, no?

*Maybe I didn't understand or I didn't listen... I got this confusion in my mind...*

I think there is a really practical reason and that is that he is on the other room. Like literally in the other room and he can listen to some stuff. Maybe I just want to keep it private. Yeah you know because since this is a lockdown, we are all here so...

*Okay, so he lives right next to you...*

Not right next to me. But I think he can hear.

*But you didn't like him to hear our conversation...*

Ah...no, I'm okay with it just I think is better to keep some stuff private, like, some stuff between him and me private so.. this is why maybe you were thinking that I didn't talk about this topics with him...

*Why?*

Well.. I don't know. I think it is a...maybe...I don't know. I don't know.

*Did you ever in your 30 years felt repressed about pleasure and about your desires?*

As I was telling you before there are some friends with whom I don't talk a lot about sex, because they don't like to talk about it. So I think I feel kind of repressed by them. I think I don't try to talk about this topic because I'm quite sure that we would have really different points of view or like I won't feel really listened. But it is a feeling, it is a really light feeling...

*How did you discover that it was possible to stimulate yourself?*

I think it was just after my first sexual relationship. I thought! Ah! Ok, it exists!

*So it was kind of a self discovery, not something that you saw on tv?*

It is not a self discovery, because I was not the one discovering it...but...

### **Miss MT.**

*O que é que significa para ti o desejo da mulher?*

Penso em duas vertentes, uma vertente mais, a própria pessoa, os gostos aquilo que nós desejamos mesmo como pessoas, também, aquilo que gostaríamos de ser, o que gostaríamos de ter na vida, enquanto mulheres, aquilo que gostaríamos que acontecesse. Depois obviamente o desejo a nível sexual, por exemplo, pensando no meu caso, no casamento, era sempre uma expectativa não é? Uma das partes de pensar no casamento é pensar que é com aquele homem que eu vou ter uma vida feliz também nesse campo, a nível do desejo sexual.

*E tu falaste em outros desejos, outras possibilidades para além do desejo sexual. Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

Um dos grandes desejos que eu tinha e que consegui concretizar, graças a Deus, foi o ser mãe. E... deixa-me pensar...hã... também... é no feminino, mas também não é no feminino, que é...hã...eu sempre tive muito um desejo de viajar, e uma das coisas que eu gostava de fazer e que muitas vezes me punham impedimentos por eu ser mulher, porque havia...a preocupação era viajar sozinha..hã...e por exemplo, uma das coisas que eu fiz foi o interrail. Eu fiz parte sozinha e não fui assim a sítios muito...fui para a Europa, não arrisquei. Mas ainda assim foi uma coisa que eu gostei muito de fazer, uma coisa que acabou por me ajudar muito também a testar alguns limites e a... mas também foi uma coisa que enquanto mulher também me apercebi que, de facto, era preciso ter alguns tipos de cuidado e de nos resguardarmos de

algumas formas que os homens não têm que...porque há algum tipo de vulnerabilidade que eles não têm e...principalmente estando sozinhos é diferente.

*E quem é que te punha impedimentos?*

Hã...era a minha mãe, essencialmente, foi sempre a minha mãe. Pronto, eu tive algumas amigas que ficaram um bocadinho preocupadas...Mas, a nossa geração, de certa forma está um bocadinho mais aberta à aventura, portanto eram sempre as gerações mais velhas. A minha mãe, o meu pai é muito esse estilo, portanto ele ficou completamente tranquilo, mas... a minha mãe, acho que os meus avós também...

*E o que é que a tua mãe te dizia?*

Dizia e disse a viagem toda, ela ficou preocupadíssima, ainda hoje fala sobre isso: “Não se faz isso a uma mãe”, o nível de preocupação, não podia dormir, ficava preocupada onde é que eu tava...hã...eu não estava acompanhada...

*E ela preocupava-se especificamente pelo facto de tu seres mulher e estares a viajar sozinha?*

Sim. Sim. Porque, por exemplo, eu sei que o meu irmão (por acaso ele nunca fez sozinho, fez sempre com dois amigos), mas o nível de preocupação que ela tem quando o meu irmão vai viajar é diferente. Não é que não fique preocupada, mas há sempre ali um quê que...

*E depois de tu teres feito a viagem, como é que a tua mãe reagiu a isso tudo?*

Mal. Ainda hoje fala mal desta viagem. Ainda hoje essa ideia...e volta e meia, sempre que ela está zangada, volta...o nível de preocupação em que eu a pus, por ir sozinha Europa fora...

*Tu tens uma boa relação com a tua mãe?*

Hã...sim, é uma questão tricky... eu adoro a minha mãe e a minha mãe adora-me, mas nós temos feitios muito fortes, o que significa que sempre chocámos muito. E pronto, e depois eu tenho a questão que os meus pais separaram-se, tinha eu 12 anos e...então de certa forma... a minha mãe sempre teve um perfil que era o de ficar em casa, o tratar da roupa, da casa e então quem brincava connosco e quem fazia as coisas todas connosco e nos levava à rua e à praia e ao parque e as aventuras todas era o meu pai...então quando eles se separaram e eu fiquei a viver com a minha mãe, de certa forma, ao início custou-me, porque...eu sempre adorei a minha mãe...mas tínhamos perfis diferentes e então...sempre chocámos muito... hã... e a minha mãe teve sempre esse lado muito protetor, muito...

*Uma geração ainda muito ligada às lides domésticas...*

Hã...se tu a conheceres, ela não é... ela não tem esse perfil, até se tu a conheceres tu nunca chegarás a perceber o que eu te estou a dizer. Mas ela é muito mais, hã...como é que eu hei-de dizer... é menos livre, descontraída do que o meu pai... ou seja há um conjunto de critérios muito fixos que a minha mãe sempre teve, um bocadinho também relacionado com o que ela idealizava e que queria que acontecesse...e o meu pai era muito mais de aproveitar o tempo connosco...

*Tu achas que isso tem a ver com o facto de a tua mãe ser uma mulher?*

Isso tem a ver com o facto de a minha mãe ser uma mulher e ter sido educada numa família muito conservadora. A minha mãe foi criada numa família em que a minha avó era obrigada a usar saia, por exemplo. A minha mãe era a rebelde, a filha rebelde...mas dentro do rebelde ela é muito conservadora, porque foi esse sempre o perfil que ela teve... até porque...o meu avô vinha de uma família pobre e foi um self-made man e a minha avó vinha de uma família muito... não era muito rica, mas de uma família rica, e o casamento deles nunca foi bem visto. Então era aquela coisa da sociedade, muito... ela tinha que casar com alguém que fosse do mesmo extrato social e tudo isso... e... e então por causa disso o meu avô encarou sempre muito (eu nunca o conheci), eu penso, para ganhar essa posição junto dos meus bisavós, que ele encarou muito esse papel, muito rígido. Acho que ele era um homem divertido pelo que diziam, mas nessas regras...o papel feminino...era a minha avó que ficava em casa com as filhas. A minha avó nunca pode trabalhar...hã... e tinha que usar saias, percebes? Era uma coisa muito...os meus avós eram muito clássicos...

*Eram religiosos?*

Eram eram. Religiosos. A clássica família católica, classe média alta.

*Qual é a geração dos teus avós?*

Eles são de vintes... e a minha avó era uma menina da cidade, e o meu avô é que era do campo, do interior... então, tudo isso, este era o contexto...e então a minha mãe, de certa forma, sempre teve este lado muito conservador, muito...hã... não sei...aquela coisa de...a casa é muito bonita, tem coisas muito bonitas, mas eu em casa nunca tive assim grande liberdade, sabes, de desarrumar e de mexer e de brincar...era tudo...a casa sempre esteve impecável, era uma casa muito bonita, cheia de bibelots das viagens, das mil viagens que os meus pais fizeram...mas percebes, era muito aquela visão da casa...o sítio bonito, que tem

que estar limpo, que tem que estar arrumado...hã... pronto e nós tínhamos de nos portar bem...

*A tua mãe chateava-se muitas vezes contigo?*

Sim (risos). E depois nós... olha uma grande diferença rapaz rapariga na minha casa era os feitiços. Eu sou muito...hã...demasiado emotiva (clássico mulher, clássico hormonas) e o meu irmão sempre se fechou em copas, até durante o divórcio dos meus pais, que foi difícil e durou muitos anos...hã...e com vários problemas que tiveram na mesma altura...ele sempre se fechou, e lembro-me dele muito mais...ia para o quarto dele e ficava na dele...então de certa forma eu também, eu tinha muito mais chatices porque, de certa forma, eu estava muito mais presente.

*E a tua mãe dizia-te com alguma frequência, MT. vai arrumar isto, aquilo, etc?*

Sim, sim. Faz isto, faz aquilo... Mas eu também vejo tanto esse perfil em mim...não, calma, não é o mesmo estilo, de todo. A minha casa é o mais oposto possível à casa da minha mãe. O meu maior desejo sempre foi ter uma casa que eu pudesse utilizar na sua totalidade, e poder receber pessoas à vontade em casa, sem pompa nem circunstância, com o talher mais...(risos), com o prato mais normal, com o copo mais normal (risos), em casa da minha mãe era sempre...era a toalha e vinha o serviço....era muito complicado, era sempre tudo muito complicado, ter assim amigos em casa... o meu perfil é esse porque, provavelmente, porque... vou culpar o ser mulher... porque nós somos chatas, por natureza... nós somos um bocado chatas (risos). Epá sim...emocionais, chatas, no sentido em que ficamos a remoer as coisas e queremos assim tudo à nossa maneira, e de facto nós damos muita atenção ao detalhe, o que significa que vamos reparar nas mais ínfima coisa, que, às vezes, quando tu olhas para trás, não interessa, não é?

Mas isso é de propósito sabes? Mas isso é...eu não te sei explicar, mas isso... (é a tua rebeldia) provavelmente tem a ver com isso...o facto de eu sempre ter vivido numa casa tão direitinha, numa casa tão bonita, tão certinha, tão coisa...eu sempre quis tudo desirmanado, sabes? Foi sempre o meu maior desejo era ter tudo o mais desirmanado, o mais...barafunda! É assim que eu me sinto bem, porque é um bocado o contraste...

A minha sogra é o oposto da minha mãe, não é uma pessoa muito calorosa. Porque teve três rapazes sabes... isso também, acho quase que se torna, quer dizer, se tu não tens princesas, cabelos, vestidinhos cor-de-rosa, fitinhas e pompons (risos)... também te tornas um bocado o

perfil não é, se só tens homens em casa...também ficas assim mais prática, pronto...(risos) percebes, quando é meninas quando é coisa, tens muito mais aquela coisa do nhã nhã nhã...percebes, não sei... é diferente. São de facto perfis diferentes. É um perfil diferente, não são de abraços, beijinhos e essas coisas, isso então é completamente utópico...(risos).

*Há pouco falaste de um desejo também forte que tu tinhas, que é o desejo sexual. Podes falar-me um bocadinho mais disso, como é que foi para ti gerir... falaste em expectativa, como é que foi para ti gerir essa expectativa?*

Primeiro tenho que te dar um bocado de contexto, que é, imagina, eu nunca fui uma rapariga tipo muito...pá, imagina, tinha amigas e colegas que perderam a virgindade super cedo e que era tudo uma questão...aquelas coisas do secundário, de escola e não sei quê... hã... e eu nunca fui uma rapariga de pensar nisso, até porque eu perdi a virgindade muito tarde. E depois os namorados que tive, nunca tive assim um namorado muito sério. Tive um namorado que depois foi mais sério, hã...e pronto, acho que foi um bocado aí que eu explorei...um bocado mais o detalhe...mas, quando, em 2014, eu me converti, no âmbito daquilo que eu passo a conhecer da Bíblia e da forma como Deus também ensinou as coisas, é me apresentada uma nova forma do que é o casamento e do que é uma relação. Hã... e uma coisa que me fez completo sentido, porque era uma coisa...vou-te pôr a coisa assim, mesmo antes de eu...me converter, mesmo antes de eu sequer ter fé, de ter conhecimento de Deus e da forma como a coisa é, como eu acredito que deve ser feita, eu sentia-me sempre desconfortável, sempre foi uma coisa que nunca me senti à vontade, mesmo quando isso foi feito com namorados, sabes? Era uma coisa que me sentia sempre estranha, porque...de certa forma, como aquela pessoa não era minha, ou seja, como eu não tinha uma ligação assim tão forte àquela pessoa, sentia sempre que estava a fazer qualquer coisa que não devia... hã...e...mas havia uma certa pressão social, tipo...parecia que uma relação a dada altura já não era uma relação se tu não partisses para aí...e então fazia parte do pacote, e eu...e pronto e eu ia, mas não sei...eu nunca me senti completamente à vontade com isso. Então...quando de repente a ideia do que é uma relação, o namoro como um caminho para o casamento, se redefine na minha cabeça (e no meu coração).

No meu coração, sim. Ou seja, a forma como, como eu também encarei isso, e como isso me trouxe uma certa paz...hã, aliás, desculpa, isso trouxe-me uma certa paz. A ideia de que o namoro é um caminho para o casamento e a ideia de que o desejo sexual e a vida sexual é algo que tu deves fazer e que é maravilhoso e que é suposto fazeres e seres feliz, mas com

alguém que esteja ao teu lado, e que faça esse mesmo caminho, e que faça esse mesmo compromisso, fez-me muito mais sentido e foi uma coisa que me tirou um grande peso de cima. Hã...e então quando eu conheci o F., e passado um ano, quando começámos a namorar, hã...ao longo deste caminho...eu não era virgem, como te disse, mas nós nunca fizemos amor antes do casamento. Ou seja, a primeira vez que eu tive relações com o F. foi na nossa noite de núpcias, hã...e esse caminho, foi julgado por muita gente, principalmente a minha mãe, a minha mãe não ficou...ela tinha uma grande preocupação que eu não fosse...e então ela...ela e as pessoas em geral estavam chocadas, quase, e achavam...achavam mal, eu ir casar com uma pessoa sem saber se...de facto ia ser feliz nesse campo ou não. Mas...mas o engraçado é que, o facto de nós nos conhecermos, o facto de nós fazermos esse caminho do namoro, ao lado um do outro, e de haver esta expectativa, e haver uma compreensão mútua de que, para o fazeres, é porque iríamos, é porque não era só sobre isso, porque, imagina, o casamento traz isso, mas o casamento não é sobre isso. Então isso era um complemento, bom e feliz, a algo muito maior do que a vida sexual, hã... foi algo maravilhoso e...e...e pronto. E quando nós casámos, e a partir da noite de núpcias... temos os nossos desafios, claro, todos os casais têm, mas...hã...mas isso, de facto, tirou-me sempre um peso de cima e, a partir daí, ou seja, nunca ao fazer amor com o F. eu senti que não era suposto, sabes? Tipo...nunca senti a tal coisa, tipo...opá... não é sujo, mas é que...não devia...que foi desconfortável... Até explorar coisas às vezes, e fazermos coisas...hã...nunca é uma coisa que eu me sinto mal porque eu estou a fazer com a pessoa, que é a pessoa que eu decidi para estar ao meu lado, percebes? É a pessoa que disse sim. E é uma pessoa que me ama não só nesse departamento mas que me ama em todos e que...e que não está comigo por causa disso. Não está comigo para fazer amor comigo. Ele está comigo porque ele me ama e é meu marido.

*Como é que tu conhecestes o F.?*

Conheci o F. num concerto, no sabotage, hã... porque, hã... o meu pastor, o nosso pastor, hã... tem uma editora na qual o F. trabalha, e ele era a pessoa que costumava ir vender os Cds e as coisas da editora para os concertos deles, hã... e esses concertos eram de várias bandas, inclusive uma das bandas da editora...hã... e eu tava lá com amigos, conhecíamos as várias bandas, e eu estava lá... só que nessa altura eu namorava com um rapaz, a coisa já não estava a correr bem e ele decidiu não ir, e eu tinha dois casais amigos meus, eu basicamente era a única sozinha, e o F. estava lá sozinho, a vender os cds, e então, basicamente, éramos dois sozinhos na crowd, e acabámos por falar... foi uma amizade à primeira vista, isso...hã...porque ele era desengonçado e era engraçado...e era...e ele é todo grande

então...notava-se no concerto...e ele a dançar era muito engraçado...pá e tipo, e tínhamos estilos parecidos, tínhamos gostos parecidos. Só que, tens que pensar que, na altura eu estava a namorar com outro rapaz, então...de certa forma eu não estava à procura disso, percebes, eu não estava a olhar para isso...e mesmo...mesmo depois desse concerto ele tentou falar comigo e eu não adiantei a conversa, porque...porque não podia, porque estava a namorar com outro rapaz. Eu sabia qual era a intenção dele, óbvio, pela conversa que tinha comigo...e pronto. E eu não dei azo a isso. E acho que, dois meses depois, quando nós já tínhamos acabado, eu e esse rapaz, é que eu comecei a falar com ele. E fomos amigos ainda durante um bom tempo, até que ele estava quase a desistir de me conquistar e nós começámos a namorar...(risos)...

*E depois de repente veio este compromisso, que vocês estabeleceram...*

O compromisso veio a partir do momento em que nós decidimos namorar um com o outro. Ele é cristão, também, qualquer um de nós sabia que ia começar a namorar e era esse o entendimento que nós tínhamos. E imagina, vê isto como...vê isto como custo de oportunidade, quando tu pensas que o namoro é um caminho para o casamento, tu não comesças a namorar se não te vires um casamento com aquela pessoa...e ambos tínhamos essa visão, ou seja, daí também nós termos demorado tanto tempo a começar a namorar. Porque, do lado dele, ele tinha mais esse entendimento, mas eu ainda estava muito confusa, porque tinha tido uma grande relação, a tal de 2013, e esta relação com este rapaz foi terrível para mim, porque levou-me ao mais baixo que eu sinto que alguma vez fui com alguma pessoa porque... ele era um rapaz que não exteriorizava nada e eu sou uma pessoa muito emotiva e eu imputava tudo a mim, qualquer coisa eu imputava a mim. Então, para veres o ridículo, eu fiquei insegura ao ponto de ir perguntar a um grande amigo meu que, neste momento, é casado com a irmã do tal rapaz, se ele achava que eu era burra? Porque eu não entendia porque é que aquele rapaz não falava comigo, percebes. Porque é que ele não...ele não... e pronto isso deixou-me muito em baixo, deixou-me muito confusa, porque ele também era...cristão...e ele não foi muito correto, percebes. E eu tinha sido acabada, tinha acabado de ter esta compreensão do que era o namoro, pronto. E isso...ou seja, depois desta compreensão, o primeiro rapaz que eu namorei não foi o F., foi esse rapaz...e aquilo ter corrido tão mal, deixou-me muito confusa, porque eu pensei que qualquer pessoa que tivesse aquele entendimento ia agir corretamente, percebes? E então, de certa forma, abalou-me ali um bocado...hã...eu fiquei um bocado sem perceber, e sem entender muito bem, então mas como é que é isto? E então tive resistência, quando apareceu o F. eu não quis ir logo. E isso é

bom. Foi bom para pôr barreiras altas ao F., e isso fê-lo crescer e a mim também. Mas é mesmo, pões barreiras altas, porque se tu puseres barreiras altas, à partida, eles vão ter que saltar as barreiras, e isso é o que tu vais receber. Se elas tiverem baixas é isso também que tu vais receber, e é lixado, quando, quando não há esforço, quando não há respeito, quando não é recíproco percebes. E aqui vamos pôr isto mesmo como nós mulheres. Mas nós mulheres, quando pomos barreiras muito baixas, ficamos na mão...e...e ficamos às vezes à mercê de um desejo que afinal não era assim tão...e para nós, tipicamente é sempre perfeito... e então, hã...quando as coisas correm mal, muitas vezes...não estou a dizer sempre, eu conheço vários rapazes que tiveram relacionamentos com raparigas e quem ficou no chão foram eles...de facto também acontece...mas muitas vezes, nós que somos mais emotivas, e damos mais significado às coisas, às vezes damos mais significado aos actos...às vezes do que eles próprios que os fizeram dão...depois ficamos desiludidas e isso abala-nos...

*Fiquei curiosa com esta ideia de namoro que tu apontas e que experienciaste com o F.. Fala-me um bocadinho sobre esta concepção de namoro e como é que aprendeste sobre isso e como é que depois isso leva ao casamento?*

Então, o conceito de namoro não existe na bíblia (risos). Ou seja, hã... tu tens o conceito de casamento, e é a esse conceito que... Ou seja, imagina, tu tens que pensar que namoro é um conceito completamente recente, nem há dois séculos atrás tu tinhas namoro... É uma coisa completamente da sociedade moderna. E o problema é que, numa sociedade moderna onde este conceito aparece, desvirtua o outro conceito que existia, que era o do casamento, que tinha muitos defeitos e não vou dizer o contrário, tinha muitos equívocos e muitas coisas estavam muito...erradas, até para o papel da mulher. Mas quando tu vais à bíblia, tu tens o casamento como uma união que espelha a união de cristo e da sua igreja, portanto é uma união de cuidado, é uma união de sacrifício, uma união de amor, de trabalho conjunto, percebes. Quando tu tens o casamento como um objetivo a chegar, amor, tu passas a olhar para ele como um caminho para lá chegares, ou seja, é um momento em que tu vais, por exemplo, vou-te explicar como é que foi o nosso namoro...hã, começou normal, fazemos coisas juntos, falávamos e não sei quê, mas a partir do momento, ou seja, tivemos várias etapas, e a partir do momento em que nós ficámos noivos, ou seja, oficializámos a toda a gente que queríamos casar, algo que para nós sempre esteve na mesa e claro, hã...nós passámos a ser acompanhados pelos nossos pastores, até foi pelos 3, em várias sessões que nos iam... também apresentando aquilo que era o casamento à luz da bíblia, e as dificuldades que vêm, para que não fosse apenas um mar de rosas que tu não sabes depois como lidar...e

não fiques frustrado porque há dificuldades... iam-nos preparando sobre isso, íamos tendo sessões, íamos colocando as nossas dificuldades, os nossos defeitos... de perspetivas que nós tínhamos, às vezes de coisas que podiam ser... de expectativas irrazoáveis, hã... até chegámos a falar das questões do dinheiro, porque a forma como tu geres o dinheiro também é uma forma de... a forma como tu geres o dinheiro pode dar muitas questões, tens muitas variáveis e, por exemplo, isso foi uma coisa que nós refletimos de antemão, por este acompanhamento que tivemos, e todas essas questões, tudo isso foi antecipado e nós fomos pensando... porquê, qual é que é o objetivo, é tu pensares se, de facto, com todos... ou seja, não é suposto que tu vás para um mar de rosas, até podes ir e confiar plenamente e depois trabalhas com aquilo que tens, hã... mas o objetivo foi... nós fomos sendo acompanhados e fomos tendo estas sessões para também percebermos que há dificuldades e se era de facto ao lado daquela pessoa que nós as queríamos passar, porque o casamento não é só o bom não é, também é o mau. E quando tu dizes que sim, tu dizes ao bom e ao mau, e o mau faz com que tu cresças ao lado daquela pessoa, não cresces só tu, crescem os dois. E então... e uma das partes importantes que nós falámos foi a parte sexual, porque há muito... nós que íamos com este caminho de... pronto, claro que eu não era virgem, pronto, trazia uma bagagem diferente. Mas, por exemplo, o F. que era virgem, porque ele sempre teve esse entendimento... hã... ele, havia coisas que nós tínhamos que desmistificar, e ao vermos as dificuldades, isso ajudou-nos muito porque... quando as dificuldades chegaram, nós já tínhamos tido essa preparação... hã... houve muita coisa que nós ultrapassávamos em conjunto, mas que já sabíamos que elas viriam, então já não caiu aquela frustração e aquele desespero do... ”oh não isto não é nada do que eu estava a pensar que era”, percebes?

*Vocês falavam de desejo sexual com as pessoas que vos acompanhavam?*

Com o nosso pastor, sim sim. E com a mulher, em casal. Eles falavam connosco sempre em casal. E... e eles falaram-nos de dificuldades deles, de coisas que eles próprios tiveram que ultrapassar, e nós próprios também fomos falando das dificuldades, por exemplo, de uma dificuldade que... imagina, o F. enquanto homem tinha que... hã... se tu pensares não é, quer dizer, tipicamente seria o homem a liderar, até nesse campo... se pensarmos mais ou menos nos diferentes papéis... neste caso, eu trazia uma bagagem... e pronto olha isto tinha o lado mau de, hã... eu não ia, ou seja, como é que te vou explicar isto... eu gostava de ter sido virgem com o F. , percebes. Porque, imagina, tu trazes uma bagagem, tu trazes uma comparação, tu trazes... hã... tu trazes coisas que correram mal, e não foi com ele, tu trazes... hã... percebes... tipo, há uma bagagem que eu trazia e que... de certa forma,

indiretamente, por querer ou sem querer, poderia, sem querer, imputar ao F. e não tinha nada a ver com ele. Sei lá...não era o caso, mas imagina, poderia ter traumas, ou coisas assim, percebes? E são tudo coisas, que quando tu vais para o casamento... eram tudo coisas que....nós abrimos o jogo muito...hã...um ao outro, por exemplo, uma das coisas que nós fizemos foi...falar sobre as relações que nós tínhamos tido, o impacto que elas tinham tido em nós, as coisas boas, as coisas más, porque isso também faz parte de nos conhecermos, e pronto...todo esse caminho...

*E agora como é que é casados? Como é que é o casamento? Como encaram desejo? Por exemplo desejos mútuos ou individuais?*

Sabes que nós tivemos uma adaptação que foi difícil...nós tínhamos estas sessões e fomos falando... mas, depois, quando acontece, tu tens outra pessoa, e aí tens que começar a adaptar-te à outra pessoa, hã...e eu, por muito que tivesse tido relações, eu nunca tinha vivido permanentemente com outra pessoa... E uma das grandes dificuldades que nós tivemos, nunca foi saber se éramos compatíveis ou não, porque nisso sempre fomos felizes. Mas uma das dificuldades que nós tivemos era a discrepância entre o desejo de um e o desejo do outro. Ou seja, hã...vamos por as coisas claras, e ainda hoje, uma coisa que nós tivemos que aprender a gerar, eu do meu lado e ele do dele, era as expectativas, ele tinha um desejo sexual muito mais frequente do que eu...e depende imenso das pessoas, isto não é nada linear, porque eu tenho várias amigas que isto é completamente o oposto, mas eu sempre fui assim...e...pronto, percebes, e quando tu vives permanentemente com outra pessoa, essas coisas têm impacto. Hã... e então foi uma coisa difícil de gerir, porque as expectativas que ele, podia trazer ou que ele trazia eram diferentes... e os desejos associados também eram diferentes...e então de certa forma, hã...tivemos que gerir, ou seja, eu tive que arranjar mecanismos às vezes ou, não sei, reeducar-me às vezes, a corresponder mais do que aquilo que para mim seria natural, e ele às vezes, a...a conter-se mais do que aquilo que lhe seria natural, porque...de facto não, não, digamos que não temos um nível de desejo que seja completamente equiparado...dito isto, hã... de facto tivemos que ter este encontro de expectativas e ir gerindo...e sabes que o início pesa sempre mais, porque o início, ainda tens pouco tempo de registo, digamos assim, percebes... parece que o que é será sempre, e há medida que o tempo vai passando e que o dia-a-dia, percebes, vai passando, a nossa vida vai sendo normal, percebes, já temos o ritmo...

*E vocês continuam a falar com as pessoas que vos acompanharam desde sempre?*

Sim, sim. E sempre que temos qualquer tipo de problema e qualquer tipo de dúvida, nós vamos a eles. E... até por exemplo, imagina, se às vezes temos algum problema, ou se estamos numa altura má, até nisso, pedimos a oração e isso acontece e já aconteceu. Mas pronto, depois, por exemplo, quando foi...diria que um tempo difícil foi a gravidez. Difícil para o F., sobretudo, porque, de facto eu não tinha vontade...hã...e depois também com a barriga, fazia-me impressão. Ainda chegámos a fazer, mas era-me sempre desconfortável, sabes, eu não... sabes é que eu nunca percebi muito bem como é que eu funciono, não hão de ser todas as mulheres assim pelo que se ouve...pelo que eu vejo de amigas minhas... mas a nós de facto é uma coisa muito hormonal porque quando tu não tens vontade não tens vontade, e é muito difícil conseguires contornar isso...e é frustrante, porque às vezes eu queria ter, e o meu corpo não corresponde, sabes... há formas, às vezes que depois conseguimos contornar, mas às vezes é frustrante para mim...gostava de corresponder, se calhar, psicologicamente até fico com vontade, mas o meu corpo não corresponde...e na gravidez era muito isso. Nessa altura até psicologicamente, eu nem sequer pensava nisso (risos). Era um assunto que surgia, às vezes até trazido pelo F., não era um assunto que eu me lembrasse...Eu, se não me dissessem nada eu nem sequer me lembraria, era mais ou menos isto. Hã...

*Tu estimulas-te, de alguma forma?*

Não. É uma opção minha, ou seja, só o F. a mim, ou eu a ele...e isso é mesmo uma decisão espiritual, é mesmo uma decisão nossa. Ele próprio também não.

*No vosso caso é claramente um prazer que nasce a dois...*

A questão é que, quando não nasce a dois não nasce de todo!(risos)

Porque eu acho que há muito mais coisas que nos influenciam. Ou seja, é muito fácil, psicologicamente, se tu estiveres stressada...se tiveres algum assunto na cabeça, se tiveres preocupada... percebes, há muito mais fatores que te inibem do que no caso dos homens... é muito mais uma questão física do lado deles do que para nós...para nós é muito psicológico... é muito hormonal, depende de muita coisa... às vezes é mesmo uma necessidade física, embora as mulheres sejam todas diferentes, mas para mim é mesmo uma questão mais emocional. Por exemplo, uma das grandes questões que nós tivemos era a questão do romantismo. Hã... imagina, para mim era muito mais fácil, hã...estar no *mood* se houvesse um ambiente romântico, para o F. isto não é uma questão que faça...não é uma questão que

lhe faça diretamente sentido, percebes, porque ele não funciona assim, percebes. E para nós a envolvente faz diferença...

*Como é que encaras a proibição da mutilação genital feminina no Sudão?*

Encaro quase como uma utopia... para nós é estranhíssimo nós pensarmos nisso. Mas acho que não precisamos de ir muito longe. Por exemplo, imagina, se eu pensasse no contexto dos meus avós...honestamente e claro que eu nunca lhe perguntei isto e claro que esta não era uma questão que naturalmente viesse à baila e... se eu tivesse que pensar na envolvente dos meus avós, no tipo de casal que eles eram, na cultura que havia do que era o casamento nessa altura, também duvido muito que alguma vez isso tenha sido assim uma grande questão sabes? Tipo, se a minha avó era feliz...a nível do casal... e os desejos sexuais da minha avó, isso claro que até parecia mal tu falares sobre isso, percebes tipo... isso nem nunca...portanto tu nem precisas de ir a sociedades muito distantes, tu tens um bocado essa realidade... tiveste essa realidade há duas gerações atrás...hoje em dia não tens, graças a Deus...por outro lado também acho que se tornou um bocado vulgar, de certa forma, ou seja, tu tens aqui dois pontos. Diria que... tens o extremo da sociedade que não o permite, que é horrível e que oprime até...e depois tens o extremo da sociedade em que eleva a um ponto tão banal que a coisa fica desvirtuada de amor... fica uma coisa objetificada...hã...deixa de ter o bonito, deixa de ter o mistério... a intimidade relacionada e que estava associada, percebes? Em qualquer um dos extremos há um lado em que estás a desprovir aquilo do seu verdadeiro significado, que é ser um acto de amor. E pronto, nem na sociedade mais ocidental, mais para a frente e... wow, somos super do futuro, nem na sociedade que oprime...e que... o condena e que objetifica no lado oposto, que é isso nem sequer poder ser uma coisa considerada, o facto de a mulher ser um objeto em si...portanto, nem um nem outro...

*Ainda é tabu em muitas situações, eu sinto...*

É. Sim.

*O meu avô batia na minha avó...*

Pois. E se pensares nesse contexto, o desejo feminino da tua avó era claramente uma coisa não tida em conta.

*Pensar isso, se sequer não se pensava. Se calhar a minha avó pensava, mas não verbalizava. Uma vida de dedicada a um homem, e sem gostar dele, que ainda era o mais difícil. Como*

*viver com alguém durante tanto tempo, sem conseguir, às vezes partilhar as mais...as intimidades mais...*

Sabes o que é uma coisa curiosa, imagina o contexto dos meus avós, por exemplo, super conservador e então o desejo feminino deve ter sido completamente um tabu, que nem nunca deve ter sido abordado...hã...por outro lado, por exemplo, pensando agora na minha mãe, e até eu diria, eu penso que a geração da minha mãe, que é a geração do divórcio. Como é a geração do divórcio é a geração dos namoros, hã... e da poligamia...ou seja, nós estamos numa sociedade que é poligamia em série. Ou seja, tu não tens várias mulheres/homens, mas vais saltitando de mulheres e homens...que é um bocado a geração da minha mãe, em que depois há o divórcio, o casamento, há uma sucessão de namoros. E a minha mãe, que tem namorado, e que se divorciou do meu pai, depois de ter tido vários namorados... É completamente... eu sou muito mais conservadora nesse ponto do que a minha mãe. A minha mãe é muito mais... será muito mais uma defensora de que a mulher deve ser livre para explorar os seus desejos, por isso também aquilo que eu te dizia, da reação dela de eu ir casar com um homem com quem eu nunca tinha dormido. Isso é completamente... Foi quase a pior coisa que eu pude fazer à minha mãe, ela ficou angustiada e desde que nós casámos pergunta-me constantemente se nós somos felizes nesse campo ou não... A sério, é verdade, e... e foi uma grande angústia dela até eu lhe assegurar que sim, que era...hã...e, percebes... portanto há aqui esta geração da mãe...

Honestamente eu não sei classificar muito a minha geração... diria que é um mix, porque agora também tens muitos mais casamentos, está a haver uma viragem, é um mix do “temos que ser todos livres” e é um mix do “vamos lá casar”. Mas é uma coisa que eu acho que, de certa forma, está a voltar, mas que ainda é médio. Tens muita visão do trabalho e da carreira e para viajar, por exemplo... tens tudo isso, mas depois tens a geração de facto intermédia, dos meus pais e dos meus tios, que de facto têm esta visão. Parece que eles é que são os adolescentes a namorar, percebes, andam aí...os desejos da mulher estão muito presentes, porque a mulher não vai aceitar qualquer um se de facto não tiver...tudo isso assegurado. Portanto tens ali quase uma sociedade reivindicativa dos desejos da mulher...é a geração de abril, dos 60 e dos 70 e de romper com os dogmas e com as prisões todas...e depois tornam-se reacionários com qualquer coisa que seja diferente...o casar torna-se utópico, esta questão do casamento sem dormir com o homem também é completamente utópico... sei lá, teres filhos cedo...foi uma coisa completamente utópica... eu tive aos 27... e as pessoas acharam que eu era novíssima...recua aí uns 20 anos... novíssima aos 27... estão doidas! Ter filhos

aos 27, epá...Para os nossos pais eu acho que é estranho, porque como eles vêm de uma geração que é para romper com o tradicional, eles querem é que nos aproveitemos a vida. Por exemplo, a minha mãe achava que era muito cedo, que eu estava a fazer tudo muito cedo, casar muito cedo, ter família muito cedo... o meu pai também, quando eu tive o meu filho disse-me ah agora aproveita, tudo encarado de forma muito utópica, como se nós fossemos os velhos! E nós é um bocado ao contrário, como nós não tivemos essas tradições, estamos a começar a repensá-las...porque, por exemplo, eu olho para os meus pais, mas eu olho e não vejo aquilo como ideal, não vejo esta questão: “ah, a liberdade, nós vamos estar com uma pessoa, mas depois se não der divorciamos-nos”, pá eu nunca vi isso como uma coisa fixe, nunca vi isso como um caminho a seguir, e eu digo-te, eu nunca casei com o F. sequer com isso como uma opção... percebes é... não é uma opção que esteja na nossa cabeça, só Deus sabe...mas, espero que não. Uma família divorciada, uma manta de retalhos, que depois os divorciados se juntam com outros divorciados, os filhos de uns e os filhos dos outros, e depois divorciam-se outra vez e casam-se com outros, percebes...e depois tens uma manta de retalhos...em que...é uma confusão e, pronto, é o que é, e as pessoas amam-se e graças a Deus muitas dessas vidas são bastante funcionais

*Há muitas realidades assim...*

É confuso...não estou a dizer que não sejam famílias maravilhosas, pessoas maravilhosas, muitos deles, coitados, não têm culpa nenhuma... às vezes são separações que não têm culpa, eles não têm culpa nenhuma, os filhos não têm culpa nenhuma... Não estou a dizer isso... não estou... não estou a culpar, estou a dizer que...se calhar estou a ser injusta, mas às vezes sinto que há um certo facilitismo ao divórcio hoje em dia. É uma coisa que está muito relativizada sabes, e tu ficas com esta manta de retalhos, que já ninguém se entende... e o conceito de família, que é um conceito tão bonito, fica um bocado... pronto, é redesenhado, é verdade, pronto, a família não têm que ser só os de sangue...mas... mas fica, fica confuso...

**Miss MG.**

*Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

Desejo é poder. Quanto maior o desejo, maior o poder. Dá força, dá *empowerment* à pessoa. Acho que a mulher, como é que eu hei-de dizer. Não é uma questão de ambição, é outra coisa, é outro tipo de poder. E acho que, acho que a mulher pode beneficiar muito disso para a sua vida. Qualquer coisa, trabalho, relacionamentos... é poder.

Desejo, porque eu penso também em desejo sexual. Mas, de uma forma geral, nós desejarmos muito muito muito, qualquer coisa, e há assim portanto uma força interior. A pessoa pode escolher ou não, como sempre, e ir atrás daquilo que deseja. Mas quanto mais desejamos, mais força temos para alcançar aquilo que queremos. Uma pessoa, um trabalho, viajar...

*E os obstáculos que te põem no caminho?*

Há sempre obstáculos, já passei vários obstáculos. Eu acho que socialmente e historicamente, ou seja, as duas coisas ligadas, a mulher tem maioritariamente mais obstáculos que o homem. Ele sempre teve maior facilidade em arranjar melhores trabalhos, melhores relacionamentos. Se calhar até era socialmente aceite ter várias mulheres, portanto, o desejo deles é mais facilmente. Por exemplo, um homem casado, há uns anos atrás era aceitável, se ele desejasse outra mulher, permitir, ir atrás... Enquanto que a mulher, tanto a sociedade, como ela própria em consequência, colocava barreiras... não posso... não era só uma questão de ser o correto a fazer, portanto, ir atrás do que se deseja... estou a pensar numa relação, mas podia não ser. E acho que as mulheres têm mais obstáculos, sim, que o homem. Mas eu acho que mesmo o homem também tem obstáculos, portanto há sempre obstáculos no caminho. Quanto mais vontade, quanto mais desejo, provavelmente mais facilmente será ultrapassado.

*E o que é que tu fazes para ultrapassar esses obstáculos?*

Eu sempre tive problemas de comunicação. Tipo, explicar coisas íntimas e como íntimas quero dizer por exemplo, sei lá, não gosto de falar de certos assuntos... As famílias e passados e coisas que magoem e coisas assim. Eu particularmente não gosto muito de falar do passado, dessas coisas. O facto de desejar uma pessoa, por exemplo. Ah e é muito forte essa vontade de não comunicar, eu não sou muito comunicativa. O facto de gostar muito de alguém, por exemplo, leva-me a trabalhar mais em mim. O facto de desejar aquela pessoa, faz-me, portanto, ultrapassar aquele obstáculo. Porquê, porque se eu não trabalhasse nessa área da comunicação dava cabo da relação e quase ... uma pessoa que não comunica, que não fala das coisas, que não aborda as dificuldades... dificilmente vai ter sucesso numa relação a longo prazo, numa relação estável, numa relação boa, saudável. Portanto, isso é uma forma de ultrapassar o obstáculo. Eu falo como se já tivesse ultrapassado isso, mas não, estou a trabalhar nisso. Uma pessoa que acha que já não precisa de trabalhar mais em si é arrogante. Toda a vida tens que trabalhar em ti.

Eu acho que esses obstáculos que falaste, e ir atrás daquilo que se deseja, acho que tem a ver com obstáculos interiores. Medo, insegurança...

*E tu achas que todas as mulheres têm esses obstáculos? Ou se há diferenças entre mulheres e homens?*

Não sei. Acredito que sim. Por aquilo que eu vi no meu melhor amigo aí em Lisboa, ele também tem medos e também tem inseguranças e também tem esses obstáculos. Portanto eu diria que sim, que é transversal.

*Falaste em desejos fortes que tens, que outros desejos fortes é que tens, para além da comunicação?*

Penso em ter um filho, por exemplo. Um desejo, se calhar um bocadinho menos forte do que esse, de formar família, será o que sempre tive a nível profissional. Toda a minha vida eu sempre quis trabalhar em investigação criminal, e sempre trabalhei desde pequenina nesse sentido. Aquilo que eu achava que fosse benéfico para entrar um dia para a PJ, fa-lo-ia. Mas nunca se proporcionou, os concursos abriram muito esporadicamente, muito exigentes, eu não tinha a licenciatura ainda, demorei algum tempo a fazer a licenciatura porque estava a fazê-la à noite e a trabalhar, então pus um bocadinho de parte e segui por outra carreira, na área da criminologia, achei eu que era... pelas prisões. Mas agora estou no concurso da PJ, que acabou por abrir o ano passado e, obviamente eu inscrevi-me. Sempre foi um desejo, é um objetivo de vida, realmente. Eu agora digo que é mais pequeno, em termos de intensidade, porque tenho uma vida boa, tenho uma vida que eu não imaginei ter, que deu muitas voltas. Mas que acabou por ser uma boa carreira, uma boa casinha, a viver junto ao mar. Quero também formar família, então nem sequer sei se realmente entrava por aí. Mesmo que entre vai ser um dilema, vai ser um conflito de desejos...

Eu considero-me jovem e acho que é mau nós deixarmos de ter ambição de todo. E portanto também estou em mestrado e vou continuar a trabalhar as minhas competências, profissionais e académicas, para subir de carreira, e sei que isso virá naturalmente, porque eu sou muito trabalhadora, sou muito dedicada. Sei que isso virá... em alguns anos, se eu continuar no ramo, se eu continuar a trabalhar como trabalho, o próximo passo será subir na carreira. Portanto não estou muito preocupada, estou mais preocupada em fazer um bom trabalho no dia a dia, viver o presente a nível laboral, fazer o que gosto e tudo mais. E sei que consigo mais... mas não estou muito preocupada com isso...

Como eu cheguei aqui foi muito difícil. Por acaso eu até escolho não me focar assim muito no passado. Mas foi muito difícil, implicou muito estudo, muitas noites mal dormidas... não tive vida académica, tive poucos amigos, não vivi muito essa parte social. E houve uma altura que

eu tinha uma namorada, gostava muito dela, mas não resultou... e foi difícil, foi muito complicado. O trabalho nessa altura também foi complicado, depois parece assim uma bola de neve. Foi numa altura difícil e foi por isso também que eu resolvi parar ali um bocadinho, de um ano para o outro, de estudar. Focar-me no trabalho, portanto aconteceram várias coisas difíceis. Nada assim de propriamente grave, quando olho para trás, mas na altura pareciam mais graves...

*Sentes-te uma mulher desejada?*

Sim, sim, sim. A resposta é sim. Mais a nível mental do que propriamente sexual, o sexual também. Felizmente tenho um feedback muito bom, na parte do desejo. A parte do desejo sim, a avaliar pelos comentários, sou desejada felizmente. Na parte emocional eu acho que é a mais importante sabes. Acho que a partir do momento em que fazes um esforço para comunicar, para mostrar quem és, para ser um apoio. Eu sinto que sou e fui um apoio para a M.. Numa relação eu acho que isso é o melhor. Já fui para outras pessoas... e isso é a parte mais importante numa relação e do desejo. É... Não sei se é uma coisa feminina, acho que não, imagino que seja também transversal. As mulheres, não sei se mais que os homens, mas obviamente têm a necessidade de ter um apoio, uma estabilidade emocional, alguém que ouça ou que fale... mesmo quando não é difícil, o companheirismo. Tens que ter pontos em comum, com a outra pessoa, um equilíbrio saudável. Gostar de coisas em conjunto, fazer coisas em conjunto...

*És fonte de concretização dos desejos de outra pessoa?*

Sim, e não tenho dúvida que sim. Já vi eu fazer diferença na vida de outras pessoas, não só da M., como na vida tive outros relacionamentos. E acima de tudo, quero o bem das outras pessoas e elas de mim. Sim, essencialmente eu consigo fazer muito bem como conselhos, com apoio. Com a M. até foi uma certa insistência, que ela mudasse algumas coisas, de vida a nível laboral, que tinha capacidades, de incentivar, tu és forte e isto e aquilo. E vice-versa. Aliás eu estar aqui hoje também é por muito dela e do apoio dela.

*Sentes-te feliz com a forma como as coisas estão a correr na tua vida?*

Felicidade na mulher, eu não considero que seja assim um momento estagnado, que dure vários dias, semanas, meses. São pequenos momentos em que nós, damos por nós a sorrir, assim a respirar fundo e a não ter maus pensamentos, a ter bons pensamentos. A sorrir só

porque sim. E são pequeninas coisas, e se calhar que acabam por fazer-me o mais feliz que alguma vez tive.

*E o desejo implica felicidade?*

Não. De todo. O desejo pode não implicar felicidade. Muitas vezes até é a causa de infelicidade, porque há muita coisa associada ao desejo também. Não é fácil. Acho que, tem que ver com a intensidade, creio eu. Acho que é um bocado a intensidade dos sentimentos. Quanto mais fortes forem os sentimentos, e isso é como tudo na vida. Eu quando era militar e trabalhei num hospital, foi que eu fui fazer para pagar a faculdade e para pagar a minha vida. Quando eu estudei farmacologia, um dos princípios básicos era: o veneno está na quantidade, não está no medicamento. E isso eu memorizei porque é para a vida. Acho que tudo o que for assim, bom e de tal maneira forte: demasiada intensidade, demasiado ritmo, demasiado chocolate, tabaco, acaba por fazer mal, acaba por ser nocivo. E eu acho que as emoções são um bocado assim, senão... acho que realmente, o controlo mínimo, do que se sente e que é um bocado o desejo, não é fácil. O desejo às vezes não é fácil, controlar assim. Como a ira não é fácil de controlar, a tristeza não é fácil de controlar. Portanto, leva muita experiência conseguir controlar. E isso eu acredito, não é fácil. E quando a gente tenta controlar...

*O desejo implica prazer?*

Não necessariamente. Se a gente souber fazer bem as coisas sim.

Eu acho que o desejo sexual está também muito ligado à parte saudável da relação. Há pessoas mais sexuais que outras, por acaso eu não me considero uma pessoa bastante sexual... Mas, fogo, lembro-me de quando comecei a sair com a M.... ah! Felicidade... felicidade, assim uma coisa mesmo boa, mesmo agradável. Ela é celíaca e eu não sabia bem onde a havia de levar, como lidar com a parte da doença, ainda. Não tinha assim grande conhecimento, eu convidei-a para sairmos. Não sabia muito bem onde a havia de levar, já que cervejarias e bares e coisas assim para mim não era muito o melhor sítio porque não há... e pensei num sítio...uma casa de vinhos, uma coisa assim mais agradável... eu também gosto de vinho e percebi que ela também gostava e tal...e portanto o nosso primeiro date foi assim numa casa dessas... e tudo aliado, mas assim uma coisa muito, como é que eu vou dizer... não vou dizer que a intensidade foi pequena ou foi curta, não é isso que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que, já naquela altura a gente sabia lidar com isso, de maneira mais madura tipo. Com calma, conversando, bebendo um copo. Assim uma coisa... muito adulta. Foi perfeito, mesmo calminho, mesmo tranquilo. E não há nada de errado de fazer sexo no primeiro date. Nada!

Para que conste. Se souberes que a outra pessoa é a indicada para ti, que é boa pessoa, porque isso sente-se muitas vezes. Eu até me considero intuitiva, e há pessoas que simplesmente têm aquela aura de boa energia, aquela aura de boas pessoas. E sentido tu, que tens uma ótima pessoa e que desejas. Epá, porque não? Aquela coisa de ai, tens que esperar... epá, eu não tinha namorada mesmo, ela também não tinha namorada... é que eu soube mesmo, e ela sabia também. É bué esquisito sabes. Eu não acredito muito naquela coisa da alma gémea, nada disso... sabes quando conheces alguém e só sabes, sabes. c'est comme ça.

*O prazer é individual ou o prazer nasce a dois?*

Tanto pode ser uma coisa, como pode ser outra.

Eu quando trabalhava em Tires, eu era instrutora de processos disciplinares. Portanto, as reclusas faziam merda e eu tinha que ir lá no fundo fazer processos não criminais, mas disciplinares, que têm que ver com a execução da pena, têm influência. E elas faziam com cada pergunta e eram tão... hum... saídinhas! Não posso contar, isso eu sinto que isso são coisas assim, pronto mais privadas delas. Isso é quase como se eu fosse advogada... Mas olha que algumas são saídinhas da casca!

*Tu trabalhas numa prisão feminina ainda?*

Não, agora trabalho numa prisão masculina. Ah e ainda bem! Sabes lá o que é trabalhar tanto tempo com mulheres... são terríveis. Um homem preso (e eu não sou assim muito de puxar para um lado ou para o outro porque sinceramente nem me considero assim tão feminista, pronto, feminista pronto, porque acho que é o correto de ser, são igualdades, percebes? Não sendo assim mais para um lado ou para o outro. Sou simplesmente igualitária). Os homens são tão mais simples, tão tão tão. O homem preso é tão mais básico, de lidar e tratar. Eles... Há uma boa analogia que se calhar eu posso fazer.... O homem quando é preso, entra numa prisão, começa a cumprir, está triste? Yah, está assim um bocadinho em baixo, fala até sobre isso, quer a família e tudo bem. Mas ele entra sozinho, ele vive lá dentro sozinho, tenta esconder uma parte dos receios e nervos, mas está lá sozinho. A mulher não, a mulher não. A mulher leva a família atrás, nem que seja na mente. Leva a família, leva os problemas, leva os filhos para lá para dentro. Ali à volta dessa pessoa... não é só ela. Ela tem, portanto isto pode ser bom como pode ser mau, porque eu até acho que a prejudica mais nesse aspeto... é muito mais difícil lidar com a impossibilidade da liberdade se tu tiveres toda a gente à tua volta, e todos os teus problemas à tua volta, do que estares sozinho. E estás sozinho e vais cumprir aquilo e saís e comesas de novo, percebes? O homem é muito mais assim... A mulher... puff!

Ah... (é um poço de emoções). É. E tu vez isso como? As mulheres na prisão, um exemplo básico, escrevem cartas quase todos os dias à Diretora. Escrevem e queixam-se e coiso. Achas que os homens fazem isso? Alguma vez? Vão escrever cartas e cartinhas e dizerem que querem por favor ajuda para falarem com a família e não sei quê... não! De todo de todo. No fundo nem é uma questão de educação, porque tens de tudo, tens de tudo. Dá que pensar, a nível, sei lá... a nível sociológico dá que pensar que há efetivamente diferenças, assim coisas assim um bocado... há diferenças, não tem nada a ver... presos masculinos e presos femininos. Opá, nada a ver. É muito diferente. E isso tem que se explicar de alguma maneira, é diferente.

Claro, tu vez isso a toda a hora a todo o momento, pronto, que é a influência também dessa parte sociológica que dure, eu ia dizer há dezenas e centenas de anos... mas para todo o sempre, que é aquele modelo, aquela coisa que tu deves seguir como mulher, aquela identidade de género... claro, óbvio que sim... mas eu acho que há uma conexão maior da mulher com o filho, mesmo intrínseca. Os maiores problemas delas têm a ver com os filhos. E eles claro, também sentem falta e também se queixam, mas não se compara... o desespero, aquela coisa de não... houve, não se compara, portanto acho que vai muito mais profundamente que isso.

*Tu desde sempre soubeste que querias ter relações com mulheres, ou foi algo que foi surgindo ao longo da tua vida?*

Eu acho que, não sei se é só uma questão de orientação sexual, que é confusa a determinada altura da vida, porque não tenho autoridade suficiente para perceber ainda. Ainda sou muito nova. Se é só isso, ou se é ainda mais natural e normal do que eu penso. Mas imaginemos aliás, que é mais restrito à orientação sexual diferente. Imaginemos que é restrito a isso, porque é o que eu conheço e efetivamente perguntei e debati com pessoas, por estar curiosa em relação a isso. Eu acho que nós acabamos por passar por uma fase de confusão de identidade de género. Porque não sabemos perceber o que é que se passa. Uma múda de 11 anos, 12, não consegue muito bem compreender o porquê de achar piada àquela coleguinha, de achar piada àquela atriz. Realmente era uma coisa que mexia muito comigo. Eu punha importância, porque depois a pessoa adormece e sonha, é criança, adormece e sonha nessa fase da pré-adolescência, e considera-se um homem nesse sonho, por gostar daquela menina. Então nessa parte, só pode ser um homem. Porque se eu gosto daquela menina, tem que ser um homem (lá está, que não é verdade). Mas não é fácil lidar com isso... e pelo que eu

percebi, é muito comum, com orientações ditas diferentes, mesmo que tivéssemos uma sociedade muito aberta, há sempre aquilo que é mais natural e normal no dia-a-dia, e algo que foge desse padrão, não é porque seja errado, é só porque foge. E é difícil perceber como é que o pré-adolescente sabe, não é fácil e são coisas que a pessoa certamente guarda para si. Não debate com os pais, não debate... mesmo que fale do assunto é muito complicado de debater e de explicar. Portanto nem sempre é claro que a pessoa está confortável no seu género, mas eu até acredito que não possa ser claro para toda a gente, para todas as pessoas.

Estou agora a pensar naqueles homens macho men. Ah... com homens, que nojo. Mas eu tenho a certeza absoluta que já pensaram muitas vezes, muitas vezes nisso e já pensaram na ideia de aquilo poder acontecer, seja qual for a ação que tenham já pensaram... porque é normal, porque é perfeitamente normal. Se ou menos a gente percebesse naquela idade...

No próximo trabalho, eu não vou ter vergonha, porque eu não tenho nada que me envergonhar, é perfeitamente natural. E além disso, eu não acho propriamente que tenho logo um tag de lésbica. Eu simplesmente vou agir como qualquer pessoa normal aje e falar como qualquer pessoa fala e coiso. Eu fiz o concurso, fui chamada à entrevista, e a minha futura chefe, demonstrando um bocadinho que a paixão dela era “quem quer casar com o agricultor”, perguntava-me coisas pessoais, que não devia perguntar. Mas eu, como eu tava naquela de... fuck you... não quero saber, se não entrar também não vou ficar triste... e ninguém acorda e pensa: “o meu sonho é trabalhar numa cadeia...” não é... Mas cria aquele trabalho, atenção, queria aquele trabalho! E então ela vira-se para mim e pergunta, uma coisa perfeitamente necessária para o meu cargo: vive sozinha? E eu: “não, não vivo sozinha, por acaso vivo em Odívelas e não vivo sozinha”. Outra questão super pertinente para o meu trabalho de jurista: “Então e vive com quem?” E eu: “com a minha namorada.” Normal, certo? E ela: “Não percebi. (isto é a reação normal) Namorado? (isto é o que eu costumo comer) E eu: “não não, percebeu muito bem percebeu: na-mo-ra-da!” E a outra até lhe fez assim: atão! Mesmo do estilo, tipo menos, tás a ver? Ah, ela selecionou rapazes à minha frente, não teve problema nenhum, mais tarde em dizer que queria um homem para a posição que eu acabei por ficar, hã... queria um homem e escolheu e pôs os homens à frente, mesmo que não tivessem melhores notas. Queria um homem porque era uma prisão feminina e tinha demasiadas mulheres, e queria um homem para trabalhar lá. E eu percebi que isso também tinha que ver com a minha orientação sexual, portanto... o facto de ser mulher e, ainda para mais, ser fufa. Tás a ver? E se eu tivesse dúvidas, e depois ela confirmou e disse-me mais tarde, que eu até fiquei parva, com o meu copo de vinho assim a olhar para ela, do estilo: não tem vergonha

mesmo! Eu acho que ela não percebe a barbaridade que ela está a dizer... mas pronto, faz sentido pelos reality shows que ela vê...

E elas estavam a falar... “ah, e o meu zé não pode comer feijão porque lhe dá gases”, “ah e o meu António, eu acho que o problema é a lactose”. Eu obviamente disse, “pois, a minha namorada é celíaca”... what??? Say what?? Elas ficaram assim um bocado.... Não foi muito agradável, as pessoas realmente não... mas não é por mal, elas por acaso, sei lá, não sei se sou em a desculpar ou assim a sociedade, mas elas são... eu dei-me muito bem com elas mais tarde, são boas pessoas, pronto... e não foi nada fácil.

A senhora que acabou por ficar uma grande amiga minha, desde aquela época em que eu trabalhei lá, quase como uma mãe, uma segunda mãe. Essa senhora teve uma reação quando eu falei da M... como eu te estou a contar agora... (baixa a voz) “posso-lhe fazer uma pergunta... mas é a sua namorada?... mas não fale disso aqui, não comente.” E eu fiquei a sentir-me tão mal... fiquei com aquela impressão do estilo: “yah, tás a ver sua puta, é por isso que ninguém assume aquilo que verdadeiramente é, por pessoas como tu!” mas ela não me estava a julgar, e efetivamente ela tava preocupada porque as pessoas todas comentavam a nossa vida e porque a partir daí... e depois mais tarde nós até debatemos o assunto e eu percebi que ela nem era... aliás, elas têm os seus preconceitos! Eu acho é que sermos assim ajuda a perceberem que, portanto eu não tenho nada de mais. Na rua ninguém percebe que eu... eu não tenho uma etiqueta na testa a dizer que eu sou assado. E portanto eu estava a tentar mostrar que a orientação sexual é por eu ter o cabelo castanho, os olhos castanhos... e elas acabaram por perceber. Mas mais tarde estive a falar com essa senhora, e qual é o problema destes sítios, onde trabalhamos, é exatamente este que eu te falei, então, o meu caríssimo chefe atual, perguntou-me coisas sobre mim na direção-geral e a primeira coisa que lhe dizem é isso. É o que me define, percebes? E acaba por ser assim um bocado, pá não é fácil... temos que lutar assim um bocadinho. Quando o que perguntaste sobre o que é preciso para a gente chegar e ser feliz, porque é assim, muito da parte de tu seres feliz tem que ver realmente com o facto de tu te sentires bem contigo mesma, tem que tudo que ver com isso. E eu não ia ficar bem se simplesmente... agora, por acaso agora, venire contra factum proprium não é bem assim, agora não sou assim muito de falar da M. nem nada disso, porque o cargo é outro. E... agora não me sento a comer ao lado das assistentes técnicas e não é por eu me achar diferente, é porque simplesmente tenho outros compromissos... e não sou amiga de praticamente ninguém tirando o meu chefe... e ele sabe... eu nunca sou bem vista numa determinada altura da vida. Ou por ser muito nova, ou por ser lésbica...

*Percebe-se que tens concretizações, e isso é muito importante, sobretudo para a mulher...*

Em Portugal as coisas ainda não são igualitárias, e é uma pena, porque eu acho que a mulher é a criatura mais complexa, na positiva. Eu estou a falar na positiva. Que é uma criatura que precisa de estímulos, intelectuais, precisa de estímulos... é tão merecedora ou mais de ter postos de trabalho com reconhecimento e de alta direção e tudo mais... e... se calhar preocupa-se mais que isso e tem mais ambição que o homem... e é tipo aquela coisa que... pois, parece que não... que é inferior, não sei, que tem menos capacidade...

**Miss R.**

*Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

É assim, quando falamos em desejo feminino muitas vezes ligamos à parte sexual, mas eu acho que não tem necessariamente...sexual também é importante obviamente, mas pode ser...desejo de se sentir amada, gostada, o desejo de se sentir realizada...hã...realizada em todos os aspectos, sexual, relacionamentos, profissional, hã...acho que basicamente é isso.

*Podes desenvolver um bocadinho sobre essa questão da realização da mulher?*

Por exemplo, imagina, em sentir-me-ia realizada se tivesse um trabalho fixo, uma relação, desde que fosse uma relação estável e que me desse coisas boas, não é...para ter uma relação e a pessoa estar constantemente a enlouquecer, digamos assim, como muitas vezes são...não me sentiria realizada, sentir-me-ia realizada se tivesse uma relação estável, com uma pessoa que eu sentisse que gostava de mim e que eu gostasse. Sentir-me-ia realizada se eu arranjasse um trabalho que eu gostasse, sentir-me-ia realizada se conseguisse com esse trabalho, eu, juntamente com a pessoa com quem eu esteja (no futuro)...hã...conseguir ter uma casa, conseguir pagar as despesas, sem ter que depender, por exemplo, da minha mãe, do meu pai, da minha tia...

*Vamos explorar isto por partes. No caso de um relacionamento a dois...o que é que queres dizer com isso de enlouquecer numa relação, e se já tiveste essa experiência, e o que é estar realizada amorosamente?*

Eu nunca passei por essa experiência mas tenho amigas minhas que passaram. Por exemplo, o namorado dizia-lhes que ia beber café com um amigo e elas nunca sabiam se era verdadeiramente um amigo, se não havia outra pessoa, se não havia traição. Ou então o

contrário, ir beber café com um amigo e que seria simplesmente um amigo e o namorado fazer uma cena de ciúmes sem pés nem cabeça.

*E o que é que então, para ti, significa estar realizada numa relação? Fala-me da tua experiência*

Eu sentir-me realizada verdadeiramente, acho que só foi uma vez...e foi com um namorado que tinha 20/21 anos. Era uma pessoa que me dava estabilidade... a nível emocional, era uma pessoa que eu sentia que gostava de mim, que eu gostava e que me sentia bem...e claro que havia discussões e pontos negativos mas não... era uma pessoa que me dava estabilidade, essencialmente, estabilidade, ou seja, eu conseguia ser eu a 100% com essa pessoa e não tinha que mudar nada em mim para estar com essa pessoa e sinto que essa pessoa também não alterava nele para estar comigo e... e que me dava estabilidade...

*Estabilidade no sentido de segurança? O que é que ele te dava, exatamente?*

Sim. Segurança, hã... eu sou muito de toque, sabes, e quando tenho um amigo homem e uma amiga mulher, quando é mesmo amigo, não faço distinção, ou seja, abraço tanto um amigo homem como uma amiga mulher, percebes? Não faço essa distinção, não acho que haja nada de errado em abraçar um amigo homem... e ele não fazia filmes nenhuns, aceitava isso completamente, percebes? E sempre me deu segurança, porque eu sempre soube que as amigas que ele tinha eram só isso, amigas...portanto não havia nada...

*Não havia ciúmes...*

É assim, havia o ciuminho, mas aquele ciuminho...hum...normal, digamos assim, sem grandes cenas, sem...

*O que é que queres dizer “com o ciuminho normal”? Há sempre um ciúme que é normal?*

Eu acho que sim, não alcançar um patamar de excesso, por exemplo de uma desconfiança que a pessoa fica maluca ou assim, eu acho que é normal...eu acho que sim, que o ciúme é normal numa relação...

*A pessoa pode ficar maluca?*

Eu acho que pode, se as pessoas não tiverem confiança ou então forem demasiado desconfiadas, podem ficar malucas... eu tive uma colega minha que ficava e sem pés nem cabeça... chorava, gritava., hã...ficava completamente alterada e por coisas minúsculas, por exemplo o namorado saía à uma e costumava ligar-lhe, ouve uma vez que não lhe ligou à

uma, ligou era uma e cinco e ainda não tinha ligado, e ela alterou-se completamente porque o namorado era um uma e cinco e ainda não lhe tinha ligado...para mim isso é descabido... é completamente irrisório...

*E depois ela conseguiu acalmar-se ou foi difícil?*

Não. Não. Ela é capaz de dizer ao namorado, onde tu fores eu vou, tu não vais a lado nenhum onde eu não vá...portanto, tem uns ciúmes descabidos...e, para mim, isso não é ser saudável numa relação. Uma pessoa assim, apesar de ela nunca o ter dito, uma pessoa assim não se pode nunca sentir realizada numa relação, nem a outra parte se pode sentir realizada numa relação. Na minha opinião, claro.

*O que era preciso para te sentires verdadeiramente realizada numa relação?*

A pessoa dar-me segurança, eu sentir que gostava de mim, eu gostar bastante da pessoa...hã... e basicamente isso.

*E isso tem acontecido?*

Não.

*Porquê?*

Não. Não. Não. Porque... Não te sei explicar bem porquê...eu não tenho namorado há dois anos e meio...gosto bastante de uma pessoa, percebes, e acho que o gostar bastante dessa pessoa me impede de olhar para... não é olhar para outras pessoas, mas ver as outras pessoas como possíveis parceiros numa relação.

*É como estar presa a essa pessoa?*

Sim.

*E isso acontece há muito tempo, ou é algo que é recente?*

Há um ano e qualquer coisa. Mais ou menos.

*E portanto, tu gostas muito dessa pessoa, tu tens contacto com essa pessoa?*

Algum, sim. É meu amigo...

*E tu alguma vez sentiste sinais?*

Sim... No início, e toda a gente me dizia que sim, mas que não... Já me aconselharam a ser eu a dar o passo para nós nos começarmos a dar e a relacionar... Eu punha muitos entraves à aproximação dele porque tinha tido uma relação mais complicada e assustei-me pelo facto de estar a gostar de alguém novamente...de entrar novamente numa relação...e não queria... não queria isso para já, daí o ter afastado, percebes? E já me disseram, porque não, ser eu agora a dizer...olha, afinal, pode haver qualquer coisa, mas eu tenho receios... de dar esse passo.

*E que receios é que tens?*

De agora já não ser bem assim, ou seja, de ele já não sentir o mesmo que sentia...hã...

*Mas tu achas então que ele sentia alguma coisa, tinhas essa...*

Sim, sim. Sim.

*E receios?*

Hã... o receio de agora é exatamente a não aceitação da parte dele agora...e não quero passar por isso, ou seja por uma...

*Uma rejeição...*

Uma rejeição, exatamente.

*E tu falaste em receio passado, portanto já tinhas alguns receios antes...*

O receio passado foi quando eu percebi uma abertura da parte dele, no sentido de termos alguma coisa. O facto de eu...hã...me ter afastado e...

*O teu afastamento foi involuntário, uma necessidade tua?*

Foi quase por instinto...do género “agora não quero nada, não quero uma relação, estou bem assim”.

*E ainda estavas assustada com uma relação anterior que tiveste, que dizes que foi complicada. Podes falar um bocadinho dessa relação?*

Era uma relação em que havia um ciúme excessivo da parte dele, em que, por exemplo, imagina, eu não sei se te lembras mas eu pertencia a uma claque de futebol, do Sporting, hã... e nós íamos a um jogo no Porto. Íamos no autocarro da claque, hã...e nós estávamos bem, estava tudo bem, e saímos, vamos para o jogo, e quando regressamos ao autocarro, ele afastou-se completamente de mim e eu disse: “nós temos que falar, nós temos que falar, o que é que

se passa” e ele disse que não havia nada para falar, que não sabia o que estava na minha cabeça e que não havia nada para falar...e eu soube que ele se tinha envolvido com outra pessoa, no estádio...hã...e fiquei sem perceber o que é que se tinha passado, o que é que eu tinha feito e assim...passado dois meses eu soube que ele o fez, porque teve ciúmes de eu ter perguntado: “onde é que estava um amigo dele no estádio”....

*Ele teve ciúmes de uma pergunta que tu fizeste?*

Sim, eu perguntei só: “onde é que está o R.?” e ele achou, com essa minha pergunta, que eu gostava do R- (pausa). O que para mim não faz qualquer sentido, e teve dois meses para me dizer... para me dizer “olha, gostas? O que é que se passa?”. Porque para mim era impensável, se eu estava com ele, obviamente que era com ele que eu queria estar. Porque é que por uma pergunta: “onde é que está o R.?”, há ciúmes?

Havia ciúmes também quando, por exemplo, um amigo meu, também no estádio, me pediu para ficar a tomar conta do filho dele, tinha 3 anos e meio a criança. E ele achou que o facto de eu estar a tomar conta do filho dessa pessoa, queria dizer que eu estava interessada nessa pessoa. E o facto de essa pessoa me pedir para tomar conta do filho significar que estava interessada em mim. Ou seja, para mim isso é descabido....

*E tu disseste-lhe isso assim na cara? E como é que ele reagiu?*

Ele disse que não ia mudar. Que era ciumento e que iria continuar a ser ciumento. E... as coisas acabaram, obviamente...

*E para ti foi.. como é que foi o acabar com essa pessoa?*

Mau... foi mau porque eu senti que toda a gente estaria contra mim, porque, supostamente, eu é que tinha errado. Eu tive um surto psicótico à conta desta história. Comecei a tomar medicação à conta desta história...e foi mau. Tornou-se uma alteração na minha vida bastante grande, que só ultrapassei passado bastante tempo...

*Tu consegues-me dizer porque é que aconteceu esse surto psicótico, qual foi o...a principal motivação? Pronto, o teu namorado era altamente ciumento, mas tu conseguias racionalmente perceber que era descabido da parte dele, então porque é que foste tú a ficar alterada?*

Sim, eu consigo-te explicar porque é assim, porque a partir do momento em que ele se envolveu com essa pessoa e até eu descobrir passaram cerca de dois meses e meio, três

meses...hã...e eu durante esse tempo, eu comecei a sentir uma ansiedade tão grande em descobrir o que é que se passava, porque, para mim era óbvio que havia alguma coisa, porque não é normal nós estarmos super bem no autocarro...o jogo tem uma hora e meia, portanto numa hora e meia... eu não tinha feito nada, só tinha visto o jogo, portanto, para mim, alguma coisa se tinha passado, na cabeça dele! E o facto de eu não encontrar respostas para as minhas dúvidas, o que é que se tinha passado, porque eu tive o surto psicótico exatamente no dia em que descubro o que se passou. Começa exatamente no dia em que eu descubro o que se passou. E para mim, foi uma alteração tão grande a nível de ansiedade, que achava que já era completamente irrisório mesmo, os ciúmes dele, e a razão para o afastamento dele e para a traição dele. Que acabou por desencadear o surto psicótico, obviamente que a relação não avançou, eu gostava bastante dele e isso deitou-me bastante abaixo...

*Tu sentias-te obcecada, de certa forma, em descobrir o que é que se tinha passado?*

Sim. Tanto que há amigos meus que dizem, “tu se calhar desenvolveste uma certa obsessão pelo F.” e eu digo “Não, não desenvolvi uma obsessão por ele, porque o facto de eu estar sem ele já, já, não é, apesar de gostar dele, já não era uma obsessão, já não era o querer ficar com ele. Era uma obsessão para descobrir o que é que se tinha passado. Isso sem dúvida, desenvolvi.

*E que estratégias é que tu na altura arranjaste para cumprires essa obsessão, ou seja, como é que tu fazias para tentar descobrir o que é que se passava?*

Observava-o, tentava ouvir os comentários dos amigos dele, tentava falar com os meus amigos que também o conheciam. E acho que foi isso que desencadeou o surto psicótico, porque eu pensava, pensava, muitas vezes... Depois ele, para me magoar, punha músicas no facebook dedicadas à outra, hã...e outra coisa que também me abalou muito foi ele me dizer: “eu fiz tudo para te magoar. Fiz tudo de propósito para te magoar...”

*Ele disse-te isso assim, na cara?*

Disse. Sim.

*Pois...*

E isso foi no espaço de cerca de dois meses... dois meses e meio, três meses.

*E como é que tu deste a volta a isto tudo?*

Com amigos. Simplesmente o sair, o ir passear com amigos, ir ao cinema, o sair à noite sim, mas não com o objetivo de me embriagar ou coisa assim. O sair muito com os amigos e a medicação claro, para controlar o surto psicótico...Mas, basicamente, o que me ajudou a sair da situação foi o sair com amigos, ter o apoio excelente dos meus amigos, foi mesmo isso.

*Tu ainda te sentes agarrada a essa pessoa?*

Não. De todo. Completamente livre.

*Ok. Mas agora tens outro foco de atenção não é? O que é que te está a impedir de dar o passo?*

Basicamente é o medo da rejeição e o facto de poder perder o que tenho dessa pessoa, que é a amizade neste momento. Basicamente é isso...

*Mas tu tens um desejo por ele, de querer estar com ele e de querer conhecê-lo melhor...*

Sim. Mas apesar de sentir que do lado dele há-de haver uma intenção, não avançará pela minha atitude inicial em relação a ele, ou seja, porque eu...hã...até cheguei a ser mazinha, cheguei a ser mazinha, ele aproximava-se e eu dizia “não quero falar contigo...agora não”...hã...”tá bem, isso assim”...havia algum...até...alguma maldade, ou seja, não estava a fazer aquilo por maldade, mas por defesa, percebes? Mas acabei por ser um bocado mazinha...

*Que tipo de coisas mazinhas é que tu lhe dizias?*

No sentido “agora não quero falar contigo...” hã...hã... ele dizia, por exemplo, para nós irmos sair, e eu dizia, “está bem, mas só se formos todos, só contigo não”... Coisas desse género...

*Tu falas de desejo e falas de prazer com outras pessoas?*

Sim! O desejo sexual, o desejo de me sentir realizada, amada. Tudo. Por exemplo eu tenho um melhor amigo em que falamos de tudo, de tudo. Não há qualquer segredo...

*E com a tua família?*

Hum...da parte mais íntima não falo.

*E com desconhecidos?*

Não falo.

*Quando tinhas namorado, falavas de desejo e de prazer, do teu desejo e prazer?*

Sim. Frequentemente.

*E como é que eram as reações do lado dele?*

Reagia bem...hã... Sim, importava-se e reagia bem, falava também da parte dele... Sim.

*E tu comunicavas-lhe os teus desejos sexuais, o que gostarias de, sexualmente, atingir?*

Especificamente o desejo sexual? Hum...Sim, é assim, menos, sinceramente menos. Estou a pensar por exemplo no meu ex-namorado. Menos. Não falava tanto..

*Porquê?*

Não sei explicar...hã...não inibição para falar do assunto...era porque...hum...e isto pode não ser muito bonito de se dizer...eu quando comecei a namorar com o meu ex-namorado ainda estava presa à relação anterior, a pessoa que eu te falei do surto psicótico, mas muitas amigas minhas me diziam que eu tinha que investir numa relação para esquecer o F. Então eu investi nessa relação. Eu gostava muito da pessoa em questão, do D., gostava, mas era um gostar que tinha um carinho grande. Percebes o que eu quero dizer, não era... não havia um envolvimento a 100%. Então, mesmo a nível sexual, as coisas nunca funcionaram bem, porque a minha cabeça não estava ali, por exemplo, imagina, eu gostava de sair com ele, íamos passear, dávamos uns beijinhos, ok, e o momento até era agradável. Quando chegava à parte sexual, não era tão agradável assim, percebes... houve vezes até que me recusei a fazer... não quis, porque não sentia essa vontade... Hã... esse.

*O que é que não era agradável?*

Não era agradável estar ali como pessoa a nível sexual... e muitas vezes com a cabeça noutra pessoa e até com o medo do nome da outra pessoa sair, por exemplo...

*E isso aconteceu alguma vez?*

Não saiu pela boca. Mas na cabeça sim...

*Tiveste que te controlar muito para isso não acontecer...*

Muito, sim. Sim..

*Como é que eram esses momentos de intimidade? Que sensações e emoções tinhas ao estar com ele?*

Repúdio. Sim. Na parte sexual sim. Para mim, na maior parte das vezes, hã...era... era um esforço, um esforço grande. E... e... tanto que eu me recusei muitas vezes e havia momentos em que..hum...em que não queria mesmo, em que não queria. E houve momentos em que...eu tive que lhe dizer “eu não consigo”...

*E como é que ele reagiu?*

Ele até aceitava bem. Só que, depois, com o avançar do tempo, e essas minhas negações, digamos assim, hã... ele começou a perguntar se se passava alguma coisa e eu dizia, sei lá, estou cansada, não me apetece... claro que não lhe ia dizer: “olha, sinceramente a relação anterior não está 100% terminada”. Tanto que, para mim, quando terminei o namoro com ele, foi um alívio. Enorme. Eu disse-lhe: “Isto tem que acabar, nós já não envolvemos sexualmente há 3 meses...” hã... até os encontros com ele, porque ele morava no Barreiro, não é muito longe, 20 minutos de barco, mas havia uma distância, hã... eu, para não o beijar, percebes, dizia que tinha coisas para fazer, mesmo que tivesse tempo livre...

*Estavas constantemente a arranjar estratégias para fugir da relação onde estavas...*

Sim.

*Falaste em repúdio... Mas era tua intenção ainda assim, estar nessa relação e manteres as coisas?*

Era porque, havia amigas minhas, e amigas minhas com mais experiência, que me diziam...que só assim eu era capaz de esquecer o F., então eu ia investindo nisso, ok. Se calhar assim vou esquecer, mas não, de todo não foi...

*Tu fingias prazer, quando tavas com ele?*

Sim. Sim. Fingia prazer, dizia que tinha gostado..hã... por aí, por aí. Sim. Mas nunca aconteceu. Nunca me senti bem, nunca me senti realizada. Nunca...

*Nunca tiveste prazer com ele?*

Não. Não.

*E com o F., tiveste prazer?*

Sim, sim sim sim. O toque... a nível sexual... hã... a nível de sentimento e de me sentir bem, senti que seria uma pessoa que eu podia avançar para me realizar a nível pessoal, ou seja, o ter uma casa, o ter uma relação estável, o casamento, e quando falo em casamento, não tem que

ser na igreja, não tem que ser no civil e não tem que ser no papel... É o facto de se viver junto, percebes? Hã... nesse sentido, ter filhos, sim...

*Tu imaginavas isso com o F., tu imaginavas que... esses teus desejos, da família, da casa... que podiam acontecer. E tu planeavas isso ou era uma coisa que acontecia espontaneamente, como é que era?*

Sim. Espontaneamente, não planeava, olha, daqui a 3 anos vamos viver juntos, daqui a 5 vamos ter filhos. Não, não era nesse sentido. Era o pensar que, daqui a uns tempos isso ia acontecer

*E se calhar foi por isso que depois te custou tanto a separação. Eu falo por mim também, é um bocado, quando tu fixas uma pessoa, é um bocado complicado...hum...depois se as coisas não acontecem, ou não vêm a acontecer...*

*Olha, já alguma vez desmaiaste de prazer?*

Não.

*Sentes-te sempre muito controlada em relação a isso, ou...*

Sim, sempre me senti. Sempre senti.

*Ou é fácil libertares-te?*

Se é fácil libertar-me? É essa a pergunta? Sim, lá está, depende. Por exemplo com o F. sim, com o D. não.

*Já alguma vez te sentiste oprimida, em relação aos teus desejos?*

Por exemplo já me senti oprimida em relação à idade. Eu já vi vários anúncios para educadoras de infância, em que por exemplo, a idade limite era 25 anos, e eu tenho 31. E acho ridículo. Em Portugal ligam demasiado à faixa etária. Por exemplo na Alemanha a pessoa com qualquer idade pode procurar emprego e as portas não se fecham pela idade...e 30 anos acho que uma pessoa é nova não é... não...

*Qual é o teu desejo neste momento em relação ao trabalho, o que é que tu desejas?*

Arranjar um emprego, preferencialmente na minha área, que me de alguma segurança a todos os níveis. Quando digo segurança, falo em estabilidade financeira e nós estamos numa altura da pandemia, do covid, e que, por exemplo, ninguém sabe muito bem como é que as creches e os jardins de infância vão funcionar, ainda não saíram as diretrizes. E acho que obviamente

temos que pensar na segurança e no bem-estar dos pais e crianças, mas acho que é muito importante pensarmos no bem-estar dos educadores e auxiliares e, por exemplo (...) (38')

*Estás a dizer-me que, do ponto de vista do trabalho, procuras segurança. E do ponto de vista das relações amorosas, porque é que procuras essa segurança?*

Hã... (silêncio) Eu acho que acaba por ser um pouco a mesma coisa...Podemos sentir que a segurança no sentido, imagina, que a pessoa não lhe vai dar uma coisa na cabeça e do nada.. ou segurança no sentido também de a pessoa me dar segurança que eu possa confiar e que vai confiar em mim, se eu não lhe der, como não irei dar, nenhum motivo para desconfiar, portanto, por aí...se bem que, eu acho que se me envolver numa relação e se essa pessoa, logo à partida, não me der qualquer motivo para desconfiar, essa segurança já não será um ponto, porque já será um dado adquirido. Agora até ser um dado adquirido, tem que se por sempre, para mim, a salvaguarda da segurança.

*Segurança no sentido também de haver uma relação de confiança e de fidelidade, é por aí?*

Sim, é por aí...

*Achas que há medo envolvido nesta questão da segurança?*

Não. Medo não. Não é nesse sentido não.

*Então é em que sentido?*

Não é bem medo...como é que eu te hei-de explicar, claro que pode ser medo...e pode não...medo...no sentido da relação não é medo, é, eu acho que é importante a pessoa sentir-se bem, sentir segurança em relação ao que o parceiro nos dá e em relação ao que nós podemos dar ao parceiro. Em relação ao trabalho, pode ser um bocado de medo sim porque, por exemplo, imagina, hã... (...) na parte da profissão posso falar em medo, na parte da relação não é bem medo... na parte da relação, apesar de sofrer muito, se as coisas acontecerem, se ficar melhor ao acabar, acaba e pronto, não há medo. Agora na profissão sim, pode dizer-se que a segurança está relacionada com algum medo...

*Tu achas que há diferença entre o desejo e o prazer de um homem e de uma mulher?*

Hum...É assim, no que eu penso, não. Não, acho que acaba por ser muito igual ou muito semelhante. Por aquilo que outras pessoas me dizem ou quando falo com os meus amigos e assim, é que o homem tem mais a necessidade de ter relacionamentos sexuais, percebes. Mas na minha opinião não...a mulher tem tanto o direito e tem tanta vontade a nível sexual como o

homem... Mas aquilo que eu falo com outras amigas e amigos é que não. O homem sente mais essa vontade e tem mais essa vontade.

*O prazer feminino nasce de pelo menos duas pessoas, ou também pode ser individual?*

Eu acho que é importante que seja com duas pessoas. Eu acho que sim. Duas pessoas no sentido de haver afeto, carinho, sentimento. Nesse sentido. Porque acho que é importante ligar as duas coisas, ou seja, o desejo sexual a um sentimento. Para mim é importante...

*Alguma vez entraste numa loja erótica?*

Sim. Sim. Por curiosidade, olha entrei numa loja da Baixa-Chiado, com um amigo e com uma amiga, por curiosidade, tínhamos curiosidade em ir ver os artigos que tinham, que ofereciam, tivemos curiosidade. E também há uns anos atrás, já foi há bastante tempo, participei numa sessão da maleta vermelha... não sei se conheces?

*Não conheço*

É uma espécie de sex shop ambulante em que, por exemplo, faz sessões só com mulheres, ou com mulheres e homens. Na altura não fazia só com homens, a explicação não me foi dada, pura e simplesmente só me disseram, só com mulheres ou só com mulheres e homens. Só com homens não...hã... e...vendem coisas que, por exemplo, eu não encontrei na sex shop em que entrei, na loja em que entrei...hã...é uma sessão em que a pessoa tem uma espécie de um boneco, digamos assim, em que demonstra como é que são usados os artigos, como é que são vestidos...tem lingerie, tem cuecas, por exemplo, com gomas...tem cuecas com gelatinas, tem uma espécie de ovo, sabes aqueles temporizadores da cozinha...havia uma coisa parecida com essas, mas que a ideia é ser utilizada pela mulher para masturbar o homem, por exemplo...e foi-nos dado a conhecer vários produtos... havia uma pena também, ela também me ofereceu uma pena, está ali, eu posso-te mostrar...

*HÁ! Isso é para estimular o toque?*

Exatamente (risos) hã... e...depois demonstrou-nos várias coisas, e pareceu-me uma ideia mais interessante do que, por exemplo, a sex shop, porque é uma coisa que se pode organizar em reuniões de amigas...hã e são demonstrados os produtos, ela explica-te tudo muito à vontade, sem...sem nenhum problema...sem qualquer coisa....

*E qual foi a demonstração que tu gostaste mais, podes descrever-me?*

Agora não me lembro...Agora não me lembro...Poderia descrever, achei bastante interessante conhecer os produtos, mas agora não me lembro qual terá sido o que gostei mais...

*Como é a tua relação com a tua mãe?*

É boa, mas, por exemplo, imagina, a nível de sentimentos. Esta situação do R., que é a pessoa que eu gosto neste momento, falei com o meu pai e não falei com a minha mãe, por exemplo. Não te sei explicar porquê, nós temos uma relação boa, ou seja saímos, passeamos, conversamos sobre muita coisa, quando toca à parte do relacionamento, eu falo sempre mais com o meu pai, eu acho que associo a isso, porque eu sempre falei com a minha avó, e a minha avó era mãe do meu pai percebes, eu senti-me mais à vontade a falar com o meu pai, não sei explicar porquê, mas sempre... ao nível de relacionamentos eu falo mais com o meu pai.

*Tu alguma vez te sentiste oprimida com a família, do ponto de vista dos teus desejos femininos?*

Não, nunca.

*E tens à vontade com o teu pai para falar sobre qualquer tópico?*

Sim, qualquer tópico.

*Incluindo o desejo sexual?*

Não. É assim, eu sei que se fosse falar com ele, que ele não deixava de aceitar isso como tema de conversa, mas nunca senti a necessidade de falar sobre isso com o meu pai. Ou seja, sempre senti mais à vontade e mais necessidade de falar sobre isso com os meus amigos...

*E geralmente abordas os teus amigos em grupo ou em privado, só com alguns?*

Depende das pessoas que estiverem ou seja...posso falar tanto no individual como em grupo, mas ou seja, no grupo se tiver uma pessoa com quem não tenho uma ligação tão forte, eu inibo-me um bocado de falar...

*Já alguma vez viste pornografia para mulheres?*

(silêncio) Não, por acaso não.

*Mas conhecias?*

Não sabia que havia especificamente para mulheres. Não conhecia.

*Alguma vez tiveste uma relação com uma mulher?*

Não.

*Porquê?*

Porque não sinto esse desejo.

**Miss MA.**

*Qual o teu maior desejo? O mais intenso?*

Eu quero ser juíza.

*Esse é um desejo forte que tu tens, ser juíza, sempre foi assim?*

Sempre quis ser, desde pequenina quis seguir direito mas há pouco tempo decidi ser juíza.

*E porque é que tomaste essa decisão?*

Em primeiro quero seguir os passos da minha madrinha, que é advogada, mas também quero ser juíza porque gosto da justiça no país.

*E o que é que tu achas da justiça em Portugal?*

Nós em Portugal não temos a prisão perpétua, como em alguns países têm. Mas acho que é bom, Portugal não tem assim um nível de criminalidade muito alto.

*E tu gostavas de ser juíza numa área em especial?*

Ainda não tenho uma área definida. Acho que para advocacia é que tens que seguir uma área, para juíza tens que saber um bocado de tudo.

*E dizes que tens esse desejo desde pequenina. Imaginas então que nós em Portugal temos uma taxa de criminalidade mais pequena do que em outros países. E tu achas que as mulheres em Portugal, em termos da justiça, são bem tratadas ou nem por isso?*

Eu acho que no geral as mulheres não são muito ouvidas... Acho que isso é mau porque deviam ouvir toda a gente e sobretudo as mulheres. Porque por exemplo na violência doméstica e no namoro muitas mulheres não são ouvidas.

*E tu achas que a justiça funciona bem nesse aspeto? Ou há aspetos que podem melhorar?*

Há aspetos que podem melhorar. Sempre que uma mulher vai ao hospital com um olho negro, e ela dá uma desculpa que caiu na escada ou isso, podiam perguntar mesmo se é a verdade. Porque pode ser sinal de abuso físico.

*E mesmo assim com a justiça mais difícil para as mulheres, tu mesmo assim queres ser juíza e achas que vai ser um caminho fácil?*

Nada na vida é fácil, será um caminho difícil e com muitos obstáculos. Mas as mulheres também são capazes de ser, as juízas são capazes de fazer o mesmo que os homens fazem!

*Podes dar-me exemplos?*

Como por exemplo, se uma mulher quiser pode ser polícia, tem as mesmas capacidades que um homem para o fazer. Como trabalhar num escritório, ser bancária.

*Podes falar-me sobre barreiras e dificuldades?*

Eu acho que barreiras sim, como vou seguir direito será a escola, vou ter que estudar muito. E depois não vai ser fácil, não é como mostram nos filmes, vou entrar mesmo na realidade...

*Mas há barreiras pelo facto de seres uma mulher, ou isso não existe?*

Eu acho que isso... devem haver sempre aquelas pessoas que devem pensar que as mulheres são inferiores aos homens. Mas eu acho que se me acontecesse não me afetava muito.

E em relação à profissão de juíza, qual é assim o teu maior sonho? Que casos gostarias mais de tratar? Como é que imaginas?

Eu imagino um caso difícil, em que tenho que ouvir tudo e tenho que fazer a minha decisão e tenho que culpar ou não..

Num tribunal, numa sala cheia com o advogado e o seu cliente, e depois estará o procurador-geral, os juízes e depois as pessoas que estão sentadas lá atrás a ver o julgamento.

*E imaginas-te em beja ou noutra cidade?*

Noutra cidade, em Beja não. Vou para Lisboa, para a Nova.

*E o que é que mais imaginas?*

Se calhar trabalhar noutro país e mostrar que as mulheres também são capazes de fazer, de poder julgar as pessoas e mostrar que nós também temos poder!

*E como é que nós temos poder, nós mulheres?*

Muitos homens dizem que as mulheres são fracas. Nós não somos fracas, nós é que estamos caladas! Porque no meu ponto de vista se nós quiséssemos reinar o mundo nós conseguíamos (risos).

*E como é que nós conseguíamos reinar o mundo?*

Porque nós somos mais compreensivas e nós sabemos dar bons argumentos, enquanto que os homens são mais explosivos. Nós conseguimos falar em paz enquanto eles querem logo criar uma coisa que nem vale a pena...

*E isso são características essenciais para ser juíza?*

Sim, nós precisamos ouvir tudo o que os réus e advogados têm a dizer para tomar uma decisão. Porque se não tivermos calma e paciência e não conseguirmos tomar uma decisão, isso não valia a pena porque assim vamos estar a culpar uma pessoa que não tem culpa de nada.

*Aqui na Universidade de Lisboa houve um professor de direito que era machista. Como é que reagias se tivesses um professor assim?*

Eu primeiro se ele me fizesse um comentário eu fazia queixa ou falava mesmo com ele para perceber qual era o problema. Porque é que essa pessoa reagia assim comigo? Eu trato toda a gente igual, mas se alguém me fizesse isso a mim ou a amigas minhas eu ficava ofendida e ia falar com essa pessoa.

*E eras capaz de fazer queixa?*

Sim.

Tu sabes que hoje em dia o Tribunal Europeu se chama “Tribunal Europeu dos Direitos do Homem”?

Dos homens, quer dizer... se for um homem com H maíusculo estão a falar no geral, quer dizer, mulheres e homens. Mas se for com h minúsculo e o tribunal só for mesmo constituído por homens, isso é mau. Porque nós somos capazes de estar no mesmo cargo que eles.

*Tu achas que este tipo de barreiras podem ser ultrapassadas?*

Sim.

*E acreditas que no futuro vai ser fácil seres juíza?*

Não via ser fácil, mas vou conseguir alcançar o meu objetivo.

*Tu achas que há mais homens ou mulheres a exercer a profissão?*

Eu acho que há mais homens. Acho que as mulheres não dão muita importância a essa área do direito, vão mais para advocacia do que serem juizas.

Nunca pensei muito nisso...

*Achas que pode ser por ser um papel de grande responsabilidade e muitas mulheres não querem assumir isso, ou porque têm filhos e outras responsabilidades domésticas?*

Não acho que não. Porque se um médico é médico e consegue estar com a família. Uma pessoa juíza também consegue fazer a mesma coisa.

*Manténs firme a tua vontade de ser juíza?*

Sim.

*Queres ser juíza num tribunal português ou até internacional, certo?*

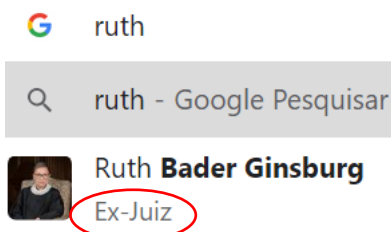
Sim. Acho que internacional.

*Sem qualquer problema por seres mulher?*

Isso não interessa!

*Há um filme que tu ias gostar muito de ver. É da primeira juíza norte-americana, que se chamava Ruth Bader...*

Ah, aquela senhora que morreu? A primeira mulher no supremo tribunal que autorizou um casamento entre a mesma sexualidade?



*Exatamente. Ela foi a primeira pessoa a declarar que a constituição americana era discriminatória com base no sexo e que não havia referência a mulheres em toda a constituição. Então ela conseguiu, por via de um julgamento provar isto e alterar a constituição para fazer com que as mulheres fossem mais referidas aos olhos da constituição e que as leis não fossem discriminatórias com base no sexo.*

Este ano o Professor mostrou a constituição norte-americana e dizia que a constituição ficou, desde que eles a fizeram, igual. E que era só assinada por homens, nunca se viu o nome de uma mulher...

Na minha opinião, na América há muita discriminação de mulheres. Acho que ainda vivem naquele século em que as mulheres têm que estar em casa a cuidar dos filhos e a fazer tudo. Enquanto isso já não é bem assim...

*E em Portugal o que é que tu achas?*

Em Portugal há pessoas que devem pensar assim, só que não é... já não há assim tantas pessoas. Porque os jovens de hoje em dia já nem querem saber disso. Nós dizemos mais para as mulheres serem ouvidas e acho que nós somos mais racionais e lidamos melhor com a comunidade LGBTI. Nós queremos que as pessoas oiçam e que os aceitem, porque eles são pessoas como as outras.

*Tu imaginas-te um dia a defender esses casos?*

Imagino. Faria com muito gosto!

*Imagina que te aparece um caso desses, já como juíza...*

Se fosse alguém a processar um casal só por causa de serem do mesmo sexo, eu podia dizer isso era uma acusação parva porque isso não tem nada a ver. Se eles gostam um do outro eles que vivam a vida deles. Se alguém está mal, que se mude!

*E casos de violência de género e violência doméstica? Ou discriminação dos direitos das mulheres?*

Se me dessem um caso desses para julgar eu podia dar um exemplo, se eu fosse juíza e se chegasse mais alto, eu até dava o meu exemplo: Eu sou mulher e estou num cargo onde um homem trabalha e é a mesma coisa! As mulheres têm as mesmas competências e até podem ser mais inteligentes que os homens.

*E que argumentos usarias em tribunal?*

Primeiro mostrava exemplos de mulheres que têm os mesmos cargos que os homens ou mulheres que são empresárias e fundaram empresas. Enquanto que há muitos homens, que ou não têm emprego ou maltratam as mulheres. Enquanto as mulheres estão a trabalhar e estão a mostrar ao mundo que são bem capazes de fazer muita coisa sem ser cuidar dos filhos e ficar em casa a lavar a roupa.

*E tu achas que a constituição portuguesa te iria apoiar nesse aspeto?*

Eu acho que sim, se eu mostrar bons argumentos. Agora por exemplo há uma mulher que quer concorrer para presidente. E eu ficaria feliz se essa mulher ganhasse, para ser a primeira mulher presidente em Portugal. Acho um passo importante, porque até agora todos os presidentes só são homens mas por exemplo na altura dos reis, houve reis e rainhas e que reinaram bem. Há uma rainha que até fundou um hospital e há muitas coisas. Mas agora na presidência é que só há homens!

*Mesmo nos cargos de juízas, achas que as mulheres têm que provar mais?*

No meu ponto de vista as mulheres não têm que provar nada, mas se fosse para mostrar a um homem que elas são bem capazes de fazer o que eles fazem, acho que mostravam e se elas chegassem a um patamar acima do deles, eles viam que nós podemos estar no mesmo nível do que eles, ou podemos estar ainda acima. É por isso que eu digo, se nós quisermos mandar no mundo, nós podíamos mandar no mundo!

*E porquê?*

Eu tenho sempre esta coisa que as mulheres conseguem... encontrar paz em algum lado, encontrar paz, falar com as pessoas e perceber se têm razão ou não têm.

*As mulheres têm um poder de argumentação que tu achas que é diferente e até superior ao dos homens, é isso?*

Sim, acho que sim.

**Miss J.**

*Quais são os seus maiores desejos enquanto mulher?*

Eu acho que a felicidade dos meus filhos. Ver os meus filhos organizados, eu acho que eu.

*E o que é que significa ver os filhos organizados?*

Sei lá, trás um bem-estar a nós. Já tenho aquelas preocupações. Quer dizer eu estou a falar isto, mas eu acho que é porque sou mãe. A gente vê os nossos filhos bem e estamos bem, se eles estão mal nós também estamos.

*E como é que os filhos se podem organizar?*

Também ter a cabecinha no lugar, não entrar nos maus caminhos, ter trabalho, casar e ter os filhos.

*E isso acontece? É feliz com os filhos?*

Sim, quando eles estão bem eu estou bem. Quando eles estão com problemas, eu também estou.

*Então é um desejo já concretizado?*

Não está tudo.

*O que é que falta?*

Falta o N. organizar a vidinha dele. Às vezes tem trabalho, outras vezes não têm. Isso dá uma instabilidade, se eles não estão bem as mães também não estão bem.

Se eu fosse jovem pensava um bocadinho diferente. Mas já nessa idade penso mais neles do que em mim.

*Para além dos filhos há outros desejos?*

Desejos... ter uma vida melhor e talvez... um bocadinho mais de estabilidade. Na vida própria, a vida que a gente leva...pois... trabalho-casa e casa-trabalho, o tempo não dá para tudo.

Preciso de férias também. Férias eu tenho tido, preciso de ir para um sítio qualquer.

*Gostava de desansar mais...*

Não sei se é a mesma coisa, sai da rotina. Toma férias, chega em casa e tem tudo para fazer!

*Mas não tem ajuda em casa?*

É pouco. Quando tem mais homem em casa que mulheres, os trabalhos são mais.

Essa é a minha opinião, não estou a falar mal dos homens.

*E gostava que fosse diferente?*

Sim, mas pronto, com saúde a gente chega lá.

*E o que é que pode acontecer para isso mudar?*

Eu acho que já não dá para fazer muita coisa...

(...)

*Mas sabe ler?*

Não, conheço as letras mas não fui para a escola. Algumas coisas, conheço algumas coisas.

*E escrever também não?*

Não. Ponho os números, qualquer coisa, isso eu consigo, mas não...

*E os nomes próprios?*

Não. Só o meu e se calhar de algum dos meus filhos....

*E os números também não?*

Não...

*E isso já foi um desejo ou se é um desejo ainda, aprender a ler e a escrever?*

Ainda tentei ainda. Fui para a escola da noite, mas a cabeça não deu. Então eu desisti (risos).

*Mas era um desejo?*

Sim, sim... e eu ainda tenho este sonho. Às vezes eu penso que um dia vou para a escola, quando é que eu vou para a escola (risos)

*É um sonho ainda...*

Sim sim, ainda não morreu.

Não consigo, pois chega a noite vai, não dá, está cansada.

Um dia eu vou conseguir! Um dia vou conseguir! Ler e escrever...

*Na reforma?*

Sim, talvez. O que não é novo pode ser em velho. Sim sim, quando eu morrer ao menos já sei escrever. A gente não pode morrer do nosso sonho, pode ser até velhinho...

**MISS ad.**

**INFORMAÇÃO SOBRE O ANEXO I:** Existem entrevistas cuja transcrição não foi efectuada e que se encontram apenas em registo áudio. Estas entrevistas podem ser encontradas neste cd, na pasta “Anexos” → Anexo I - Entrevistas em audio. De notar que foi perdido o áudio de uma entrevista e que também não existe a transcrição da mesma.

## **Anexo II – Guião cénico**

Bom dia,

O meu nome é Mariana, sou filha de Isabel Saraiva e Francisco Venes. Nasci há trinta e dois anos e quatro meses, na madrugada do dia 23 de junho. Nasci em casa da minha vizinha, por parto natural, com a ajuda da parteira chefe do hospital D. Estefânia, e que, por sorte, morava no meu prédio. Hoje venho aqui por três razões importantes. A primeira é descobrir como os desejos no feminino podem transformar-me e transformar o mundo. A segunda é falar-vos sobre vontade, dúvida e limite. E a terceira é que esta exposição abra um campo de possibilidades sobre o que significa ser mulher, sem conclusão à vista ou ponto final.

Desejo

Quando fiz 12 anos a minha mãe ofereceu-me um pequeno livro laranja que me inspirou durante muito tempo - “Desiderata”, o famoso poema de Max Ehrmann. Este pequeno livrinho é composto por uma sequência de imagens encantadoras e acompanhado de conselhos profundos intitulados pelo poeta “sabedoria para a vida”. Passo a passo, o autor torna o desejo praticável no dia-a-dia, espelhando as suas múltiplas facetas e tranquilizando o leitor. *“És filho do universo, irmão das estrelas e das árvores. Mereces estar aqui.* Li muitas vezes este livrinho antes de iniciar um projecto importante, para me dar força, para me orientar a conseguir **o que eu quero**. O que eu gosto nele é de como nos torna todos iguais, todos capazes de alcançar as nossas vontades.

Entre mudanças de casa e o lufa lufa da vida, perdi este exemplar único e que não se encontra em nenhum alfarrabista. Sinto-me como se tivesse perdido o meu desejo. Também é por isso que estou hoje aqui, novamente em busca da sabedoria prática e da inspiração para desejar e ir mais além.

Desejo pode ser visto como um território, o meu (ou o nosso), no qual investimos socialmente, cognitivamente, esteticamente e onde colocamos o nosso corpo e a nossa voz

para fazer cumprir uma ou várias intenções. Neste processo de desejar podemos sentir-nos atraídos ou distanciados das várias acções que compõem o desejo. Nem sempre somos felizes nas nossas intenções e até podemos descobrir que afinal não as queremos.

Mulher(es)

Em sinto-me mulher e posso falar sobre este sentimento, o de “ser mulher”. Muito embora não tenha a certeza se vou conseguir expressar em imagens ou palavras tudo aquilo que eu sinto e que me torna um ser humano feminino. Ainda mais complexo e até impossível seria tentar expressar mulheres no plural, porque somos todas tão diversas e tão distintas. Mas sei que posso expressar-me e gostaria de o fazer de forma a invocar o novo, o que ainda não se encontra instituído. O nosso lado selvagem, poderoso, inconsciente, fluído, descontrolado, livre. Arrisco dizer que uma vontade comum às mulheres é a de nos reiventarmos integralmente. De nos libertarmos de todos os valores e sentimentos que carregamos há tantos séculos e que já não nos servem. Sentimentos estes que deixaram uma marca - na língua, no corpo e na alma - e que é muito difícil de descolar. Arrisco dizer que ser mulher ou ser mulheres é isto. Seguir os nossos desejos, aqueles que nos agradam, e com eles imaginar uma nova humanidade. Mais feminina.

Iniciei este projeto em março de 2020. Por esta altura comecei a encontrar-me com mulheres e homens para escutar e falar sobre os seus desejos.

Mais tarde, já em setembro de 2020, decidi encontrar-me apenas com mulheres e decidi que o tema do meu projeto seria: “desejos no feminino”.

Entre março de 2020 e março de 2021 encontrei-me 18 mulheres, num contexto informal e íntimo. Em média, cada encontro demorou 60 minutos. Todos os encontros foram gravados em áudio.

Algumas das mulheres com quem me encontrei pediram o anonimato, outras autorizaram a captação da sua voz para apresentação pública.

Os desejos partilhados por estas 18 mulheres despertaram em mim vontades e questões que eu quis explorar performativamente. Propus-me então gerar um conjunto de acções performativas tendo como ponto de partida os seus desejos e a forma como estes reverberam em mim.

**MOSTRAR FOTO BATONS**

Um dia estava com a minha prima Maria Leonor, que tem 11 anos, e estávamos a brincar aos spas quando ela me mostrou a sua colecção de batons.

Para mim esta colecção de batons representa as 18 mulheres que entrevistei, pois cada uma tem o seu brilho especial. Temos brancas, negras, cisgéneras, transgéneras, lésbicas, bissexuais, travesti, urbanas, rurais, mulheres com deficiência. Elas acompanham-me neste palco, embora ausentes fisicamente. E as suas narrativas pessoais serão o guião para accionar desejos no feminino.

A todas as entrevistadas coloquei a mesma questão de partida: Qual o teu maior desejo? O mais intenso?

E o que fiz a seguir foi agir sobre as suas propostas.

### **MOSTRAR CARTAZ**

Desejo 1 – “Ter um emprego digno”

Acção 1 – “Candidatar-me a empregos com uma identidade não binária”

**Não-binária:** Alguém que não se identifica com 100% homem nem 100% mulher. Esta identidade pode ser utilizada para resumir outra identidade mais obscura ou complexa, ou como uma identidade por si só.

**Mulher binária:** Alguém que se identifica com 100% mulher.

O que diz a minha pele branca, o meu ar de boa menina, prestativa e cumpridora?

Sou uma mulher branca, heterossexual, binária, cresci numa família com pais presentes, tive uma infância feliz. Vivi num bairro de “boas famílias”, numa casa confortável e aberta às pessoas como eu: “pessoas brancas e educadas”.

Ao contrário da miss W. (o nome que lhe atribui para não relevar a sua identidade) nunca me faltou nada. Para mim foi sempre um dado adquirido que iria estudar, viajar, comprar casa, casar, ter filhos e viver feliz para sempre.

Nunca me questioneei sobre o facto de ser privilegiada, até que conheci a miss W. que me disse que todos os brancos devem abdicar do seu privilégio e em particular, as mulheres brancas. Abrir mão dos nossos lugares para que outras mulheres possam aceder e ser o que elas quiserem.

Não nego que esta proposição me pareceu absurda. Perguntei-me o que é que o meu lugar pessoal tinha a ver com a ausência de lugar de outras mulheres.

Lembrei-me de uma conversa com a minha avó materna, em que ela me disse que não pôde estudar por ser mulher. Mas o irmão, um ano mais novo, foi para a faculdade e tornou-se enfermeiro. Ser enfermeira era o sonho da minha avó. Comecei a pensar nas múltiplas vezes em que me senti injustiçada por ser mulher, no assédio que sofri, nos comentários sexistas, na minha educação para ser uma boa menina, prestativa e cumpridora e nas palavras que me dirigiam: “os rapazes da família são inteligentes e espertos, as meninas são empenhadas”.

Gostaria que tivessem intercedido por mim, que esses homens e mulheres que me dirigiam esses atos e palavras tivessem abdicado do seu lugar de poder e dominação para me permitirem ser o que eu quisesse.

Gostaria que tivessem intercedido pela minha avó, que o seu irmão tivesse abdicado de ir para a faculdade para que ela se pudesse tornar enfermeira.

Compreendi que a minha luta se cruza com as lutas de todas as outras mulheres e como as questões de raça e género se encontram relacionadas.

E foi assim que surgiu a minha vontade de abdicar de um privilégio fundamental: a minha identidade de género. Não é que o meu género seja um privilégio absoluto, sobretudo em relação aos homens, mas é seguramente um privilégio em relação a todos aqueles que não se identificam com a identidade feminina ou masculina. Eu quis abrir espaço para novas identidades, inspirando-me em Judith Butler e na sua afirmação de que “ser mulher” ou “ser homem” é uma performance cultural.

O que este exercício teve de libertador também me permitiu perceber a injustiça. Concluí que se existissem só pessoas ou seres humanos, o patriarcado não existiria. Mas como se propiciam as distinções de género à nascença e com elas surgem os direitos e os deveres de cada género, os hábitos e as atitudes distintas, o patriarcado pode florescer. E assim surgem e permanecem as distinções de género, de raça e de classe.

Por isso é que o ato de abdicar da minha identidade é tão significativo para mim, porque a identidade é um privilégio que moldou a minha vida toda. E também a vida daqueles à minha volta.

Perguntei à miss W. que privilégios lhe tinham sido negados: “Comida, casa. Ir ao hospital. Não ser seguida pela polícia. Não ser zombada na rua. Entrar em supermercados e não ser seguida pelo segurança. Poder amar, poder andar na rua de mãos dadas com alguém. Direito de trabalhar onde eu quiser.”

Estes são todos privilégios e direitos que eu - mulher branca, binária, heterossexual - tenho desde que nasci.

### **MOSTRAR CV DO TEATRO**

Decidi experimentar procurar um emprego com a minha nova identidade. O meu nome é João Maria Venes, não sou homem, nem sou mulher.

Foi a primeira vez que pensei duas vezes em colocar a minha fotografia no CV. Optei por não colocar e, como resultado, não pude candidatar-me a vários empregos que exigiam uma foto.

No CV de teatro tudo ficou mais difícil. Devo identificar-me como ator? Como atriz? Optei por “profissional das artes cénicas”, por ser neutro. Mas como identificar a minha atividade nos teatros em que participei? “Profissional das artes cénicas no grupo de teatro amador?” “Profissional de artes performativas no grupo de teatro?” Parece-me tudo muito masculino. E depois de muita reflexão optei por “tenho experiência de representação” no grupo de teatro.

Os problemas voltaram quando tive que descrever os papéis porque, até à data, só tinha representado papéis femininos, como por exemplo: "Se o Meu Amor Vier Cedinho", comédia musical, personagem inspirada na Julieta ou "O Leque de Lady Windermere" de Oscar Wilde, no papel de Lady Windermere. Depois de muitas voltas, a Lady Windermere esteve quase a desaparecer, mas sobreviveu, e a Julieta passou a Romeu, ou seja: “Tenho experiência de representação no grupo de teatro, onde apresentei o espetáculo: "Se o Meu Amor Vier Cedinho”, comédia musical, personagem inspirada em Romeu.” Em suma, menti.

Nos portais de emprego pedem-me para especificar o género: masculino ou feminino. Como não quero posicionar-me em nenhuma categoria não pude concorrer, uma vez que este é um campo obrigatório.

Entre 30 de janeiro e 19 de março de 2021 enviei 98 candidaturas, que culminaram em 5 entrevistas, tive 15 respostas negativas e 78 ausências de resposta.

### **COLOCAR AUDIO ENTREVISTAS**

- Olá, boa tarde

- Boa tarde

- Tudo bem, bem disposta?

- Sim

- Olhe, eu vou pedir imensa desculpa. Mas pensava, JO-ÃO MA-RIA DOS SANTOS VENES.

- Sim. João Maria dos Santos Venes sim. Está correto

- E eu pensava que era um rapaz (risos)

- E sou

(silêncio)

- Mas é o seu nome.

- Sim é o meu nome.

- Pronto. Às vezes a pessoa também ao telefone...Se bem que quando estava a falar consigo ao telefone eu disse: “Não, é uma voz de senhora”. Mas pronto, tudo bem! Então bem disposta?

- Sim, bem disposto. Sim.

---

- Olá, boa tarde. Eu gostaria de falar com o João Maria Venes.

- É o próprio!

- Peço desculpa, não estava a reconhecer...

---

- Bom dia

- Olá bom dia

- Desculpe deve ser engano. Eu queria falar com um homem

- Não se enganou, deve ser o João Maria Venes, é o próprio!

- Não, quer dizer, sim. Ah sim, o João (silêncio) MARIA. Sim, claro. Desculpe lá esta confusão.

---

- Bom dia

- Bom dia

- É o João?

- Sim, é o próprio.

- A própria, neste caso.

---

- Sabe João, só há uma coisa que me intriga desde o início da nossa conversa. E que é melhor esclarecermos já.

(silêncio)

- Diga, o que se trata?

- Compensa-lhe vir todos os dias à margem sul?

- Ah isso não é um problema, eu tenho uma mota.

---

Escolhi falar de privilégio, mas também podia falar de indignação, frustração, coragem, raiva, opressão, imposição.

Quis sentir o meu corpo, ouvir o meu coração e o meu instinto, para poder ser exatamente o que eu quero ser. A capacidade de me autodeterminar.

Estive hoje numa nova entrevista. Estava preparada para, uma vez mais, não conseguir um emprego. Assumi que não iria conseguir. O João Maria Venes que todos tratam como mulher não seria aceite por ninguém. Pensava isto em todas as entrevistas: estão confusos com a minha identidade, acham que sou uma mulher com problemas; não sirvo para esta função, que é demasiado focada na imagem; não acredito que vou conseguir este emprego porque me apresento com um nome masculino, mas tenho voz e corpo de mulher.

E então o inesperado aconteceu e eu consegui o emprego. O que me leva à derradeira questão: O que diz a minha pele branca, o meu ar de boa menina, prestativa e cumpridora?

Eu acho que consegui este emprego porque sou familiar. Sou portuguesa, sou branca, sou feminina. Esta marca transmite segurança e confiança. E se eu me tivesse apresentado fisicamente de outra maneira? Será que o resultado seria o mesmo?

Pensei na miss W. e nas expectativas que têm para a sua pessoa: ser uma mulher negra de luta, da resistência, ser pobre, ser perseguida, ser uma prostituta.

Acredito cada vez mais que é a capacidade de nos transformarmos em relação ao que esperam de nós que nos permite mudar o mundo.

**Desejo 2** - “Ser mãe”

**Ação 2** – Fiquei grávida

### **ENTREGO ENVELOPE COM FOTOGRAFIAS PARA ABRIR**

O desejo de ser mãe foi o mais referido nos encontros que fiz. Acolhi-o de forma alegre, mas também muito receosa pelo impacto que as ações inspiradas sobre ele teriam em mim. Na verdade, não consegui concretizá-lo como queria. Acho que é porque me assusta viver a maternidade. Como poderia entrar neste território, tão cheio de emoções (muitas vezes contraditórias), tão intenso, tão bonito e transformador. Um território que me parece extremamente pessoal e uma experiência que hesito em partilhar em voz alta. Como se a quisesse viver só para mim.

Primeiro pedi para ser mãe de um filho, mas não me emprestaram os filhos. Depois imaginei que estava grávida, fiz um curso de preparação para o parto e a parentalidade, li vários livros sobre a gravidez e a mulher grávida, visualizei partos no facebook, falei com mães, falei com doulas, falei com avós, participei em comunidades de grávidas. E por fim tentei ser mãe de um pacote de farinha, amamenteei-o e mudei-lhe as fraldas.

Mas resisti. Resisti muito a entregar-me completamente à experiência. Curiosamente as mulhertes que entrevistei desejam muito ser mães. E apresentarei agora a perspectiva de uma entrevistada.

### **GRAVAÇÃO SER MÃE**

*Entrevistada (voz-off)* - Pensava em ser mãe, tinha estipulado mais ou menos uma fase da minha vida para isso acontecer, um ano da minha vida para isso acontecer e talvez tenha sido por isso, quando chegou esse ano, que eu tinha estipulado, que supostamente ia acontecer nesse ano, como não aconteceu, parece que foi o meu íntimo a dar sinais, de que está na altura de isso acontecer mas como é que vais fazer para isso acontecer se não é a altura indicada. Então passei por essa fase. Tive esse desejo.

**Jornalista - E o que é que tu sentiste durante essa fase? Como é que te sentiste?**

*Entrevistada (voz-off)* - Fiquei assustada porque, lá está, eram as imagens que me vinham à mente, sem eu propriamente pensar em querer as ver, porque elas vinham ter comigo. Eu lembro-me de estar à tarde no autocarro e de ver grávidas. Mas eu não estava a pensar, olha deixa-me cá prestar atenção a ver se encontro alguma mulher grávida, alguma mulher com um bebé. Não. Isso acontecia naturalmente, então eu ficava assustada por isso acontecer naturalmente. Hã... até cheguei a pensar que podia estar grávida, mas era impossível...ou que pelo menos tivesse uma gravidez que também acontece...aquelas gravidezes de simulação. É uma simulação, o teu corpo, tú, acreditas tanto que estás grávida que o teu corpo começa a criar mecanismos próprios de uma gravidez.

**Jornalista - (muito rápido) Isso é possível?**

*Entrevistada (voz-off)* - Eu acho que sim, que é possível (pausa). Mas não estudei isso cientificamente. Mas de facto o período não me veio. O período não veio...

**Jornalista – E o que é que te aconteceu depois?**

*Entrevistada (voz off)* - Fiquei assutada, pensei que podia estar grávida, mas não havia a mínima hipótese, mas ainda cheguei a fazer testes...

**Jornalista - Testes de gravidez?**

*Entrevistada (voz-off)* - Sim.

**Jornalista – (rápido) E tu estavas com alguém nessa altura?**

*Entrevistada (voz-off)* - Não. Estava com a minha mãe.

**Jornalista – (rápido) Estavas com a tua mãe**

*Entrevistada (voz-off)* – Sim. Mas olha eu lembro-me que fiz uma limpeza geral à casa na altura, no sentido de parecia que queria ganhar espaço para se um bebé viesse, deitar tudo o

que era lixo fora e ter a casa organizada...e tava a fazer isso com muita...de uma forma, não é feroz, mas...hã...determinada ou, fiz isso assim muito rápido e muito por instinto... foi, pronto. Foi um dos desejos que me aconteceu...

### **MOSTRAR A MINIATURA DA CASA DOS MEUS SONHOS**

#### **TEXTO DE IMPROVISO**

Esta é a casa dos meus sonhos. Obviamente não a esta escala, mas visualmente muito parecida. Desejo um dia poder mudar-me para o interior do país e viver numa moradia com jardim e árvores de fruto. Desejo sair de casa e colher maçãs e framboesas, e tudo o que a horta me puder dar. Eu quero viver em família nesta casa e sentir os dias como quem sente as tardes de outono. As cores quentes e acolhedoras, a chuva a cair lá fora, a caneca de chocolate quente e o estalar do fogo na lareira ao pé de mim.

#### **MOSTRAR PORQUINHO MEALHEIRO**

Este é o meu porquinho mealheiro e é a partir dele que eu vou pensar as minhas poupanças.

#### **FIM DO TEXTO DE IMPROVISO**

#### **MOSTRAR PPT**

**Desejo 3** – “Conseguir ter a minha própria casa”

**Ação 3** – Iniciei o processo de compra de casa

O meu porquinho mealheiro sonhador diz-me que se eu poupar 50% do meu salário mensalmente, eu consigo pagar a entrada de um T1 nas Olaias aos 40 anos. Mas se conseguir acumular dois empregos posso fazer um upgrade – passar para T2 em Marvila - e aos 37 anos eu tenho o dinheiro para a entrada da casa.

Até agora tudo bem. O problema é quando começo a perceber que a poupança é irregular e há uma série de imprevistos.

Por curiosidade, vou ao site idealista, à categoria dos baratos, e vejo este T1 nas Galinheiras a 29.900euros e com 37m2.

O meu porquinho mealheiro diz-me que posso ambicionar mais do que isto. E dá-me força para ir ao banco fazer uma simulação para um crédito à habitação.

POR FAVOR ACOMPANHE AS INSTRUÇÕES NA FICHA “FINE” – FICHA DE INFORMAÇÃO NORMALIZADA

**Página 1**

O presente documento foi redigido a 07-09-2021 para Mariana Venes.

Cara Mariana Venes: o presente documento foi redigido. No entanto, com base nas informações que nos forneceu até esta data e na conjuntura actual dos mercados financeiros, não reúne condições para contrair um crédito.

As informações adiante apresentadas permanecem válidas até hoje, o que significa que daqui a 14h e 30 minutos já não serão válidas.

Se quiser pode esperar por uma melhor conjuntura dos mercados financeiros. Mas dizer isto é o mesmo que dizer “vá esperando” ou “boa sorte com isso”.

O presente documento não constitui uma obrigação de concessão de empréstimo por parte deste banco.

**Vire para a página 2, leia o ponto 3.**

Na hipótese muito remota de lhe concedermos um empréstimo (e note que só colocamos esta hipótese porque temos que escrever alguma coisa) o valor de concessão será 135.000 euros.

Demorará 40 anos a pagar este empréstimo e não pode, em momento algum, demorar mais sem contrair juros de mora. Pense bem, daqui a 40 anos terá 72 e contará com outras obrigações. E se não conseguir pagar na altura devida? Vai pôr em xeque a sua reforma e a sua velhice?

A taxa é um conjunto de duas componentes. Memorize desta forma: o spread é fixo, a restante taxa é variável durante todo o prazo deste empréstimo. *O valor da componente variável resulta da média aritmética simples das cotações diárias observadas no mês de calendário anterior ao início de contagem de juros, assumindo um ano de 360 dias.* Simples não é?

Por outras palavras, está à mercê dos mercados e dos seus algoritmos. Não pense por agora nas obrigações adicionais. Nós já colocamos estas letrinhas pequeninas de propósito para não entender nada e se preocupar muito. Assim ganha medo e o banco evita conceder um empréstimo que traz prejuízo.

Quando chegar ao montante total a reembolsar ao banco vai perceber no filme em que se meteu e perguntar a si mesma se realmente quer pagar à cabeça 20% do valor da casa e passar 40 anos a pagar 144% do valor da sua casa. As letras grandes e gordas dizem-lhe que este valor ainda pode aumentar, dependendo da taxa de juro.

Claro que penhoramos a casa que está a comprar, se em qualquer momento não possa cumprir. Ou então terá que recorrer a familiares para lhe assegurarem o pagamento.

**Vire para a página 3**

Agora é a parte em que lhe explicamos que a taxa de juro pode diminuir, se comprar os produtos e serviços associados do banco e denominados “vendas associadas facultativas”. Para a confundir, colocamos as informações sobre estas vendas na secção intitulada “obrigações adicionais do cliente”.

Comprendemos que o seu desejo de comprar casa comece a diminuir assim que puser os olhos nos “custos a pagar uma única vez e periodicamente”. REPARE E SOME: tem que pagar 239 euros à comissão de avaliação; 280 euros à comissão de análise; 52 euros para obter o registo definitivo; 182 euros à comissão de abertura; 62 euros pela manutenção da conta; 453 euros pelo seguro de vida; 111 euros pelo seguro habitação. Tudo isto é obrigatório e não facultativo. E ainda faltam os impostos, os outros custos a pagar ao instituto dos registos e notariado, as obras e o recheio da casa.

**Vire para a página 4**

Novamente letras grandes e gordas a alertar para o carácter volátil de toda esta operação, reforçando o medo e diminuindo o desejo.

Cara Mariana Venes, o banco calculou tudo com base em pressupostos e estimativas. Certifique-se que tomou conhecimento de todos os outros impostos e custos associados ao seu empréstimo. Atenção, os seus rendimentos podem variar. Pondere se continuará a ser capaz de pagar as prestações mensais se o seu rendimento diminuir. A taxa de juro deste empréstimo pode variar.

**Vire para a próxima página**

Chama-se a atenção para alteração de condições se as obrigações não forem cumpridas.

Queira tomar nota das possíveis consequências.

### Vire para a página 7

Tem 30 dias para reflectir e este é um direito seu. Após ter recebido a proposta, só pode aceitar passados 7 dias.

Chega um momento de agonia e aflição: **“em último recurso pode vir a ficar sem a sua casa se não pagar as prestações”**.

### Vire para a próxima página

Mais custos com impostos e notariado.

### Vire para a página 10

Atente à documentação necessária.

Faça uma lista de tudo o que precisa. Talvez seja melhor pedir ajuda. Poderá não conseguir assimilar tudo isto sozinha.

### Vire para a página 11 e veja as páginas seguintes

Prepare-se, pois terá pela frente 480 prestações mensais, de valor variável entre os 350 e os 1.900 euros. Mesmo que quisesse compreender as contas, estamos certos que não arranjaríamos uma forma simples de lhe explicar. Foque-se na sua “taxa de esforço” para o pagamento deste empréstimo e que é muito grande. Conforme explicámos, não abona o facto de trabalhar a recibos verdes e em condições tão incertas. O banco tem que se proteger do seu mais que provável incumprimento.

---

E uma nuvem mental apodera-se de mim de tal forma que começo a navegar pelas páginas seguintes da ficha FINE e só vejo valores e letras pequeninas. **Será este o presságio da minha vida futura?**

Sinto uma grande angústia. Sinto que isto não é para mim. E ainda falta o dinheiro para as eventuais obras e para o recheio da casa...

### PAUSA

A decisão de comprar uma casa vai colidir com todas as decisões importantes na minha vida. Se comprar uma casa, tenho condições para ter um bebé? Poderei manter-me na minha vida incerta de artista?

De repente, um universo de decisões já tomadas, as minhas escolhas de percurso de vida, tomam uma dimensão gigantesca e preocupante. Será que fiz bem? Será que fiz bem em ser assim?

Passados alguns dias, volto ao idealista para rever a proposta do apartamento que queria comprar. Carrego na categoria dos “baratos”, como fiz na minha primeira pesquisa, e qual não é o espanto quando vejo que esta casa desapareceu. E o T1 nas galinheiras também!

### **MOSTRAR CARTAZ**

**Desejo 4** – “Poder deitar a cabeça no travesseiro à noite e fazê-lo não só em paz comigo, mas também profundamente feliz por ser genuinamente eu comigo e com quem está ao meu lado”

**Ação 4** – A partir de janeiro de 2021 eu atingi todos os dias a plenitude.

### **AUDIO AUTO-HIPNOSE**

### **BAIXO O SOM E PONHO POWER POINT**

Cumpri a proposta de realizar um ritual por noite. Trabalhei neste propósito entre os dias 17 de janeiro e 4 de março e esta é a lista de todas as ativações que fiz.

Propus-me ativar este desejo através de um ritual de preparação para dormir, com o propósito de obter um relaxamento, um evadir da rotina diária, um prazer, um “enraizamento”, com o fim último de obter um estado de espírito pleno. Havia apenas duas condições para realizar este ritual: 1) Teria que o desempenhar com atenção plena, isto é, com o foco no “aqui e no agora”; 2) o exercício teria que responder à minha necessidade concreta nesse dia: o que preciso para estar em paz comigo, profundamente feliz, e ser genuinamente eu, comigo e com o outro? Em suma, este ritual poderia ser tudo aquilo que eu quisesse.

Senti também a necessidade de investigar sobre o conceito “plenitude”, para o qual iria trabalhar diariamente através deste ritual. No dicionário pude ler: *“Estado do que se acha completo, inteiro, cheio. Plenitude é quando a vida cabe no momento presente, sem aperto, e quando desfrutamos do conforto de não sentir falta de nada.”* Quando desfrutamos do conforto de não sentir falta de nada. Esta definição deixou-me a pensar o quão fácil seria aldrabar o verdadeiro sentido da palavra “plenitude”, eliminando o sofrimento inerente à prática e simplesmente adquirindo bens para me sentir mais plena. De forma individualista e privilegiada, enchendo-me de coisas, para meu belo prazer. Sei que uma injeção de consumo, por exemplo a chamada “terapia das lojas”, não resultaria comigo, sobretudo porque o que

procuro é uma prática espiritual e que me conecte com o divino. Só assim me posso sentir plena. Plena em casa, no trabalho, nos relacionamentos, na vida académica, na família, no meu interior. O que procuro é, acima de tudo, um sentido para a vida.

Alguns dos rituais a que me propus trouxeram-me prazer, outros um relaxamento que me permitiu dormir profundamente, em certas ocasiões dei várias gargalhadas, em outros momentos descarreguei energias a ponto de chorar ou de ficar com a tensão extremamente baixa, muitos rituais levaram-me a sonhar durante a noite e alguns levaram-me a sentir-me mais ansiosa, por vezes até, alienada da minha realidade ou num transe hipnótico, como foi o caso da televisão. Tive medo em alguns rituais. Medo de não conseguir, de falhar, de me tornar uma pessoa diferente, medo de me magoar. A certo ponto senti-me refém de um programa de exercícios diários, embrulhada num produto “pseudo-espiritual” que dá total atenção ao aprimoramento individual, ou será melhor dizer, individualista e narcisista. Isto porque privilegiava a utilização de objetos e a criação de um “cenário” para que o ritual pudesse acontecer. Sem a utilização desses objetos e cenário, e sem estar sozinha, isolada do mundo, parecia que o ritual não iria ter o seu efeito. E por fim veio a ansiedade de desempenho, o que me levou a admitir que é ok ter “dias não”.

A pergunta seguinte que fiz a mim mesma foi como me libertar de tudo isso.

Confesso que sei pouco sobre o tema. Mas o que sei é que me sinto mais plena no momento em que perco ou abduco de algo, e desejo agarrar um outro algo novo. Aproximo-me da plenitude nos momentos em que abro mão para dar forma a algo novo. Em que o alimento. É um ato de criação e de fé, um procedimento de intuição desligado da razão.

Por vezes vem o pessimismo: Como posso sentir-me plena se há dimensões da minha vida que não correm bem? E reparo que estou a cair novamente na proposta capitalista. Não precisa estar tudo a correr maravilhosamente bem, essa é a maior mentira que posso contar a mim mesma: a do sucesso na espiritualidade. Para continuar tive que compreender na prática que não há uma meta, há um caminho.

Neste caminho senti o desejo de comunidade, de comunhão com os outros. Sabia também que queria evitar a mais que provável tendência de isolamento, tão comum quando se procura a espiritualidade. Foi então que me cruzei com bell hooks e o seu livro "Tudo sobre o amor: novas perspectivas" (MOSTRAR O LIVRO) onde pude ler a seguinte definição – “o amor é a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”.

Foi a primeira vez que obtive uma explicação clara sobre o que é o amor e de como este pode ser um caminho para a espiritualidade. Entendi o ato de amar como completude, uma força vital ativa que nos pode levar a uma comunhão mais ampla com o mundo. Este não é o amor romântico ou fantasioso que aprendi nas telenovelas. Nem tampouco é o amor familiar que é instituído, como se de uma obrigação se tratasse. É um conceito mais amplo, que transcende o desejo e a vontade humana. É praticado nos atos mais banais da vida, nos momentos em que nos damos à natureza e em que nos damos aos outros seres humanos.

Pensei então que podia encontrar o amor espiritual numa pequena aldeia com 262 habitantes, rodeada de montanhas e onde existe um movimento de mulheres contra a exploração de minas de lítio.

### APARECEM FOTOS ALDEIA

Estas mulheres e os habitantes da aldeia mantêm práticas agrícolas comunitárias, promovendo a partilha de todos os recursos. A água é partilhada mediante um sistema em roda e orientado pela luz do sol. Ninguém olha para o relógio para saber se é a sua hora de regar. Olham para as marcas nas pedras e verificam se há luz ou sombra. Nesta aldeia, o forno comunitário ainda funciona.

Os cínicos da aldeia dizem que as práticas ancestrais em comunidade vão acabar, como que prevendo que tudo será levado pelo capitalismo. Dizem que é mais rentável engarrafar a água e vender.

As mulheres da aldeia sofrem pois em breve serão abertas várias crateras, com 600 metros de largura e mais de 100 de profundidade, para extrair 20 milhões de toneladas de lítio. E tudo isto às portas da aldeia, destruindo as águas, a fauna e a flora e o património histórico.

Pergunto-me onde está o amor.

*O amor nunca acaba. No entanto, se houver dons de profecia, serão eliminados; se houver dons de línguas, cessarão; se houver o dom de conhecimento, será eliminado* (Segunda Epístola aos Coríntios, Capítulo 13; versículo 8)

Mas é preciso estar cada vez mais alerta para ver onde o amor está. Onde ele sobrevive. A importância do amor é que este pode ser politizado e constituir uma potente arma para por fim à dominação e à opressão. Por exemplo, o primeiro passo para combater a opressão machista é garantir que as mulheres falem e teorizem sobre o amor. Não é por acaso que no Banquete,

o Platão escolhe Diotima para o seu discurso final sobre a escada do amor. Não acredito que Platão o tenha feito por considerar o ato de amar um sentimento diminuto, mas sim porque este é potência no mundo.

Vou continuar em busca do amor, individual e em comunidade, pois tenho um compromisso com este e a vida espiritual. Tornei-me uma pessoa crente.

**Desejo 5** – “Tenho fantasias, vontade de ir a clubes de swing e fazer sexo em grupo”

**Ação 5** – Iniciei uma relação aberta

Uma mulher partilhou comigo o seu desejo por sexo em grupo. Ambicionava ter sexo com vários homens e mulheres ao mesmo tempo e queria frequentar clubes de sexo. Declarou-se muito ativa sexualmente e frequentadora de sites de pornografia, principalmente da pornografia dita feminista. Aquela que está a subverter a lógica da pornografia tradicional em que o homem domina e a mulher é submissa.

Eu decidi iniciar a minha pesquisa sobre este desejo com uma pergunta simples no meu grupo de amigas mais próximas: como encaram o vosso desejo sexual? Uma amiga respondeu: “Lol. Em que sentido? E colocou um smile envergonhado” e outra amiga disse: “zero love, ou seja zero desejo e não devo ser objeto de estudo com as hormonas da gravidez”.

O meu grupo é constituído por 6 amigas. Duas responderam à minha pergunta.

Embora eu gritasse pela abertura do tema: “como é possível que estas amigas não falem num grupo privado de mulheres, tal como os homens devem fazer?” depressa percebi a sua delicadeza e passei a abordá-lo em entrevistas individuais.

Numa dessas entrevistas, quando fiz perguntas sobre sexo a uma amiga francesa vivi uma situação algo bizarra. A meio da entrevista esta amiga começou a falar mais baixo e a olhar frequentemente para a porta do quarto. Ela disse-me: *“há uma razão prática para eu não falar. É porque o meu parceiro está literalmente no quarto ao lado. Percebes? Literalmente no quarto ao lado e ele pode ouvir coisas. E sabes, como isto é um confinamento eu acho que quero manter algumas coisas privadas. Coisas privadas entre mim e ele.”*

Senti que estava a invadir um território moralmente proibido e que as mulheres não podiam mostrar aos parceiros que falam sobre sexo umas com as outras. Como se isso pudesse diminuir a chama do desejo e ser motivo de vergonha.

Mas a verdade é que eu também eu quis encontrar uma linha de fuga para não abordar este desejo, hoje e aqui, durante esta apresentação. Este desejo é sem dúvida o mais difícil de abordar.

Como o desejo da minha entrevistada implicava ir a clubes de swing e fazer sexo em grupo, eu achei que um importante primeiro passo seria iniciar uma relação aberta. Encontrei então um parceiro que se apresentava como amante aberto, maduro, frequentador de clubes de swing e adepto do poliamor.

Combinámos o nosso primeiro encontro à noite numa rua na Graça, e ele disse-me: “vai preparada para tudo”. Fiquei alerta pois sabia qual era o meu limite.

Quando nos vimos frente a frente acho que ambos intuímos que vivemos em mundos muito distintos. No dia seguinte ao nosso encontro este amante adepto do poliamor escreveu-me a seguinte mensagem:

“Olá Mariana, desde já as minhas desculpas por ontem, tu és um doce, mas fiquei bastante triste por tu e eu não conseguirmos efectivar o culminar de uma coisa bonita e melhor do que a que foi ontem. Numa situação a dois, eu pelo menos tento dar o maior e melhor prazer à pessoa com quem estou, mas infelizmente isso não aconteceu e da tua parte também não. Não senti preocupação alguma da tua parte para que, houvesse esse tal culminar, e depois adormeceste, foi a cereja no topo do bolo. O resultado foi uma frustração enorme da minha parte. Como és doce e gira tens tudo para ser feliz. Um aperto de mão.”

E este foi o fim da minha tentativa, enquanto aspirante ao amor liberal e desprendido.

---

Eu iniciei este projeto a pensar que ia falar exclusivamente do desejo sexual feminino e de como ainda é um tabu na nossa sociedade. Eu não tinha noção do quão difícil iria ser falar sobre sexo no feminino.

O ímpeto para falar surgiu, claro, da minha vivência enquanto mulher e ser sexuado. Olhando para trás, posso afirmar que raramente tive conversas sobre sexo (com outras mulheres ou homens) e só descobri o orgasmo feminino aos 31 anos de idade. A vergonha sobre este facto deu lugar ao espanto, à constatação de que não sou a única que não fala sobre o tema. Há mulheres que nunca conseguiram atingir um orgasmo. Outras que nem sabem que ele existe, como era o meu caso.

**GRAVAÇÃO SEXO NA DEFICIÊNCIA**

Quando penso em desejo sexual feminino e prazer, penso acima de tudo em amor-próprio. Afinal sentir desejo por algo ou por alguém é uma forma de nos amarmos. E o prazer é uma forma de auto-estima, de cuidarmos de nós.

Termino com um excerto da Maria Isabel Barreno em “A morte da mãe”

**LER TEXTO**

FIM

### **Anexo III - Apresentação PPT**

**INFORMAÇÃO SOBRE O ANEXO III:** A apresentação em PPT utilizada durante o exercício do projeto, bem como os áudios, as imagens e os vídeos a ele associados, encontram-se neste cd, na pasta “Anexos” → Anexo III - Apresentação em PPT.

## Anexo IV – Fotografias “ser mãe”



Figura 1 – “Dar à luz”



Figura 2 - “Estudar”



*Figura 3 - "Experiência a dois"*



*Figura 4 - "Desfrutar"*